



Janary Gentil Nunes

CONFIANÇA NO AMAPÁ

IMPRESSÕES SOBRE O TERRITÓRIO

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

295

SENADO FEDERAL



Em julho de 1962 , Janary Gentil Nunes, nosso primeiro governador, levanta a sua voz e, em tom de desafio, ergue a seguinte bandeira: “Amapaenses! Vamos reconquistar a Confiança no Amapá – terra onde a pátria começa. E trabalhemos, ombro a ombro, com o mesmo pulsar do coração, para uma nova etapa de lutas, de vitórias e de prosperidade.

Vamos, sem demora, criar o estado do Amapá.

O Amapá ainda voltará a ocupar a liderança de iniciativas pioneiras na Amazônia.

O Amapá não deseja permanecer estagnado, acomodaticio, esquecido, irresoluto, negligente e mudo.

O Amapá aspira formar na vanguarda, exige solução para suas dificuldades e reclama melhores condições de existência para o seu povo”.

O Amapá já foi uma área pioneira de grandes iniciativas de progresso da Amazônia. O trabalho dos amapaenses, dos que nasceram na terra ou dos que a elegeram para a atividade de sua vida, projetou o território como uma das células mais dinâmicas de desenvolvimento econômico e social do Brasil.

As escolas modelares, a igualdade de educação e de assistência sanitária para pobres e ricos, a dedetização domiciliar, a merenda fornecida a todos os estudantes, os postos de puericultura zelando pela saúde da mãe e do filho desde o berço, o interesse afetuoso pela sorte de cada habitante da cidade e do interior, a distribuição de terras, de sementes, de mudas e de ferramentas aos agricultores, a experimentação de culturas tropicais, a venda de reprodutores a baixo preço e com o pagamento a prazo, as facilidades para a concessão de lotes e para a construção de casas, centenas de quilômetros de estradas de penetração, a garantia de estudo à juventude e de remuneração ao esforço honesto, atraíram para o Amapá não somente o caboclo de outros municípios da Amazônia como também irmãos de todos os recantos da Federação.

Confiança no Amapá

SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2021–2022

Senador Rodrigo Pacheco

PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Romário

2º VICE-PRESIDENTE

Senador Irajá

1º SECRETÁRIO

Senador Elmano Férrer

2º SECRETÁRIO

Senador Rogério Carvalho

3º SECRETÁRIO

Senador Weverton Rocha

4º SECRETÁRIO

SUPLENTES DE SECRETÁRIO

Senador Jorginho Mello

Senadora Eliziane Gama

Senador Luiz do Carmo

Senador Zequinha Marinho

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues

PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque

VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alcinéa Cavalcante

Aldrin Moura de Figueiredo

Ana Luísa Escorel de Moraes

Ana Maria Martins Machado

Carlos Ricardo Cachiollo

Cid de Queiroz Benjamin

Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Eduardo Bueno

Elisa Lucinda dos Campos Gomes

Fabício Ferrão Araújo

Heloisa Starling

Ilana Feldman Marzochi

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Ladislau Dowbor

Márcia Abrahão Moura

Rita Gomes do Nascimento

Toni Carlos Pereira

Janary Gentil Nunes

Confiança no Amapá

Impressões sobre o Território

Edições do Senado Federal

vol. 295

3ª edição

Brasília, 2021

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
VOL. 295

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização e Revisão: Cristiano Ferreira e SEGRAF

Editoração eletrônica: SEGRAF

Ilustração de capa: SEGRAF

Projeto gráfico: Eduardo Franco

© Senado Federal, 2021

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

cedit@senado.gov.br

<http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm>

Todos os direitos reservados

Confiança no Amapá : impressões sobre o território / Janary Gentil Nunes [organizador]. – 3. ed. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2021.

252 p. : il., fots. – (Edições do Senado Federal ; v. 295)

ISBN: 978-65-5676-168-8

1. Amapá (Estado), coletânea. 2. Amapá, história. 3. Recursos minerais, Amapá (Estado). I. Nunes, Javary Gentil, 1912-1984, org. II. Título. III. Série.

CDD 981.116

Ficha catalográfica elaborada por Claudia Coimbra Diniz – CRB-1 1179



Capa original da 1ª edição de 1962

SUMÁRIO

JANARY NUNES	15
<i>Senador José Sarney</i>	
PREFÁCIO	19
<i>Senador Randolfe Rodrigues</i>	
APRESENTAÇÃO	23
<i>Janary Nunes</i>	
A MÍSTICA DO AMAPÁ	25
<i>Janary Nunes</i>	
O AMAPÁ E SEU CRIADOR	27
<i>João Malato</i>	
INGRATOS E TRAIADORES	31
<i>Orlando de Moraes</i>	
JANARY CONSTRUIU A MAIS BELA CIVILIZAÇÃO NO TRÓPICO AMAZÔNICO	35
<i>Dr. José Maria de Lima</i>	
O AMAPÁ QUE EU VI	37
<i>João de Moura Neves</i>	
“O AMAPÁ É UMA CLARINADA NA NOVA MARCHA DO BRASIL”	41
<i>Dom Mario Vilas Boas</i>	
“CLIMA DE PERFEITA HARMONIA SOCIAL E DESEJO DE PROSPERIDADE DO POVO”	45
<i>Ministro Negrão de Lima</i>	

O BRAÇO É A MATÉRIA-PRIMA MAIS VALIOSA DA REGIÃO AMAZÔNICA	49
<i>Assis Chateaubriand</i>	
HÁ UM SENTIDO PROFUNDO DE BRASILIDADE NA OBRA QUE AQUI SE REALIZA	53
<i>Juscelino Kubitschek</i>	
AMAPÁ — O CAMINHO DE UMA NOVA CIVILIZAÇÃO	55
<i>Raul Pila</i>	
A VERDADEIRA REDENÇÃO DO AMAPÁ E SUA TRANSFORMAÇÃO EM ESTADO DA FEDERAÇÃO	57
<i>Theodoro Arthou</i>	
COMO SE FAZ UM PAÍS	61
<i>Robert Vignon</i>	
“O AMAPÁ É UM EXEMPLO DO TRABALHO E DA CONQUISTA DEFINITIVA DA TERRA”	63
<i>Carlos Luz</i>	
PRODUZIR MAIS EM BENEFÍCIO DE CADA UM E DA COLETIVIDADE	69
<i>General Odylio Denys</i>	
QUEM VISITA O AMAPÁ VOLTA COM O ESPÍRITO REVITALIZADO, ORGULHOSO DE SER BRASILEIRO	71
<i>General Pery Constant Bevilaqua</i>	
A NATUREZA JÁ SE SUBMETE AOS DESÍGNIOS DO HOMEM	73
<i>Dr. Vargas Neto</i>	
OBRA DE QUEM? DESSE TENAZ FAZEDOR DE MILAGRES: GOVERNADOR JANARY NUNES	75
<i>Menotti Del Picchia</i>	

UMA OBRA QUE RASGOU COM SEGURANÇA E CORAGEM NOVAS PERSPECTIVAS PARA ESTA REGIÃO	77
<i>Artur Santos</i>	
TRABALHO MULTIFORME DE PROGRESSO ECONÔMICO E DE CIVILIZAÇÃO	81
<i>Álvaro Souza Lima</i>	
“A OBRA QUE VEJO REALIZADA NO AMAPÁ É, ANTES DE SER ADMINISTRATIVA, UMA OBRA DE AMOR”	83
<i>Sandra Cavalcanti</i>	
“EQUIPE QUE HONRA UMA GERAÇÃO”	85
<i>João Carlos Vital e Valdir Niemayer</i>	
TUDO SE TORNOU POSSÍVEL PORQUE HOUVE COMANDO, TENACIDADE E PLANIFICAÇÃO	87
<i>Ministro Álvaro Teixeira Soares</i>	
“UM REI CONSTRUINDO O SEU REINO”	89
<i>Dr. Inacio Moita</i>	
UM HOMEM E SUA OBRA	95
<i>Aderbal Melo</i>	
DESCORTINO	97
<i>Vítor do Espírito Santo</i>	
“ACREDITANDO NO FUTURO DO BRASIL”	99
<i>Comandante Cordeiro da Graça</i>	
“PARLAMENTO DE GRAÇA”	103
<i>Francisco Galloti</i>	
O DIA DE MAIOR EMOÇÃO PARA A MINHA ALMA DE PATRIOTA FOI, SEM DÚVIDA, O QUE PASSEI NO AMAPÁ	105
<i>Apolônio Sales</i>	

A 4ª EXPOSIÇÃO DO AMAPÁ <i>Ricardo Borges</i>	109
O CORONEL JANARY É UM EXEMPLO DE HOMEM; O TERRITÓRIO DO AMAPÁ, EXEMPLO DE UMA OBRA <i>Deputado Alcides Carneiro</i>	113
O EMPRÉSTIMO DE 35 MILHÕES DE DÓLARES PARA FINANCIAR AS JAZIDAS DE MANGANÊS DO AMAPÁ <i>Deputado Lameira Bittencourt</i>	115
O MANGANÊS — AS RESERVAS MINERAIS COLOCAM EM GRANDE EVIDÊNCIA O AMAPÁ <i>A. de Miranda Bastos</i>	121
A RIQUEZA MINERAL FARÁ A REDENÇÃO DA AMAZÔNIA <i>Glycon de Paiva</i>	125
“COBAIA SÓCIO-ECONOMICA DA AMAZÔNIA” <i>Dr. Ierval Lobato</i>	129
BANDEIRANTISMO DA AMAZÔNIA <i>Cel. Bernardino de Matos</i>	133
RUMOS DE UMA CIVILIZAÇÃO NASCENTE NA PROMISSORA GLEBA AMAPAENSE <i>General Justino Alves Bastos</i>	137
OBRA-PRIMA DE UM GRANDE ARTISTA E NUNCA A MAIOR REALIZAÇÃO DE UM GRANDE ADMINISTRADOR <i>Joracy Camargo</i>	139
MENTALIDADE SERINGUEIRA NO AMAPÁ <i>Firmo Dutra</i>	141

IMPRESSÕES SOBRE O AMAPÁ <i>Álvaro Maia e Ernesto Dornelles</i>	145
AMAPÁ, FUTURO ESTADO DA NACIONALIDADE <i>Capitão Jaime Marinho</i>	147
PALAVRAS DO PROFESSOR HÉLIO VIANA	151
“O PROGRESSO DO AMAPÁ SUPEROU NOSSA EXPECTATIVA” <i>Daniel de Carvalho, Ministro da Agricultura</i>	153
O SURPREENDENTE PROGRESSO DO AMAPÁ EM APENAS 10 ANOS <i>Dr. Edmundo Maia, psiquiatra da polícia</i>	157
QUE A OBRA DE JANARY NUNES SEJA UMA CARTILHA CÍVICA PARA TODOS OS BRASILEIROS <i>Adail Moraes</i>	161
“ATAQUE EFETIVO POR PARTE DO GOVERNO AOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DO POVO” <i>Luiz Leão</i>	163
SOB A LINHA DO EQUADOR FIRMAM-SE OS ALICERCES DE NOVO ESTADO BRASILEIRO <i>Morel M. Reis</i>	167
O AMAPÁ NO DOMÍNIO DA SAÚDE PÚBLICA E DA EDUCAÇÃO <i>Pereira Filho</i>	171
OPINIÕES SOBRE O AMAPÁ <i>João Batista Ferreira de Souza</i>	173

TUDO O BRASIL ESTÁ CONVOSCO <i>Deputado Eduardo Duvivier</i>	175
DISCURSO PRONUNCIADO PELO DEPUTADO PLÍNIO CAVALCANTE POR OCASIÃO DO JANTAR DANÇANTE OFERECIDO NO MACAPÁ HOTEL AOS DEPUTADOS E JORNALISTAS QUE VISITAM O TERRITÓRIO, EM 24 DE JULHO DE 1947	179
O GOVERNADOR DE GOIÁS, ENTREVISTADO EM BELÉM, FALA SOBRE O AMAPÁ	181
OPINIÃO DE ESTUDIOSOS EVOLUÇÃO DE UM TERRITÓRIO <i>Nunes Pereira</i>	183
O AMAPÁ ESTÁ REALIZANDO A MAIOR EXPERIÊNCIA DE SAÚDE PÚBLICA <i>Marcolino Candau</i>	187
A QUESTÃO É QUERER	189
OPOSICIONISTA QUE SEMPRE FUI <i>Lino Machado</i>	191
ENTREGA DO PROJETO DE LEI ELABORADO PELA COMISSÃO DE VALORIZAÇÃO DA AMAZÔNIA <i>Agostinho Monteiro</i>	193
“NÃO POR PALAVRAS, MAS POR AÇÕES” <i>Domingos Velasco</i>	195
DOCUMENTÁRIO IMPRESSIONANTE <i>Arthur Cezar Ferreira Reis</i>	197

O TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ VISTO ATRAVÉS DE OBSERVAÇÕES DO DR. PAULO ANTUNES	201
SAUDAÇÃO DO PROFESSOR... <i>Professora Aracy Montalverne</i>	205
“VERDADEIRO EXEMPLO AO BRASIL” <i>Jornal Castelo</i>	209
MANGANÊS DO AMAPÁ PARECER DO CONSELHO DE SEGURANÇA NACIONAL	213
MANGANÊS DO AMAPÁ PARECER DO ESTADO-MAIOR DAS FORÇAS ARMADAS	221
MANGANÊS DO AMAPÁ PARECER DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO	223
MANGANÊS DO AMAPÁ PARECER DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES	229
PALESTRA PRONUNCIADA PELA PROFESSORA MARIA JOSÉ PONTES, AOS ALUNOS DA ESCOLA ISOLADA DE “QUEIMADA”, MUNICÍPIO DE AMAPÁ, POR MOTIVO DA PASSAGEM DO ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO EXCELEN- TÍSSIMO SENHOR CAPITÃO JANARY GENTIL NUNES, 1º GOVERNADOR DO TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ	233
PRODÍGIO DO ESFORÇO HUMANO <i>Carlos Lacerda</i>	239
ÁLBUM DE IMAGENS	245

JANARY NUNES

Senador José Sarney

É impossível fazer-se justiça à história do desenvolvimento do estado do Amapá sem trazer à lembrança a cara, saudosa e ilustre figura de Janary Gentil Nunes, cuja vida foi repleta de trabalhos prestados ao país e, principalmente, ao estado do Amapá, onde legou a todos uma herança de trabalho com a edificação de inúmeras obras. Ele incutiu naquele povo sentimentos de ânimo e vontade de prosperar.

A longa história do Amapá atingira um ponto decisivo em 1900, com a decisão da Confederação Suíça favorável ao Brasil. A região que estava em disputa foi incorporada ao estado do Pará. Depois da tentativa fracassada de criação do território do Aracari, foram criados os municípios de Amapá, com sede em Amapá, e Montenegro, com sede em Calçoene, que foram logo fundidos no município de Montenegro, com sede em Amapá. Macapá e Mazagão permaneceram como municípios.

No extremo Norte, a antiga Colônia Militar D. Pedro II foi transferida do Araguari para o Oiapoque. Era o ponto de afirmação da soberania. A ocupação efetiva começou quando o Senador Justo Chermont conseguiu, em 1919, instituir uma Comissão Colonizadora do Oiapoque. Seguindo um modelo que já fora testado por todo o Brasil, construiu-se o Centro Agrícola de Cleveland, Clevelândia, dando-se o nome em homenagem ao presidente norte-americano. A 5 de maio de 1922 inaugurou-se a vila, já estando em funcionamento escola e hospital. Mas logo a região tornou-se lugar de desterro e confinamento de presos políticos e comuns.

A situação precisava evoluir. É assim que, a 13 de setembro de 1943, pelo Decreto-Lei nº 5.812, foi criado o território Federal do Amapá. Limi-

tava-se pelo Atlântico, pelo Amazonas, pelas fronteiras com as Guianas Francesa e Holandesa, pelo Jari até a fronteira. Era, de certa maneira, a recuperação da área da Capitania do Cabo do Norte. Dividia-se em três municípios: Amapá, Macapá e Mazagão. A capital era Amapá.

Logo houve a primeira mudança: a capital, naturalmente, instalou-se em Macapá. Em seguida acrescentou-se o município de Oiapoque, com sede na cidade do Espírito Santo. Bem mais tarde, em 1956, foi a vez do município de Calçoene.

Novos municípios só foram aparecer quando fui Presidente da República, e, em 1987, assinei os decretos de criação de Santana, Tartarugalzinho, Ferreira Gomes e Laranjal do Jari. No ano seguinte foi a vez de a Assembleia Nacional Constituinte colocar nas Disposições Transitórias da nova Constituição a transformação do território do Amapá em estado.

Estamos comemorando o centenário de nascimento de Janary Nunes, nascido em 1º de junho de 1912 em Alenquer, no Pará. Fez a Escola Militar de Realengo e serviu em Clevelândia em 1936/37. Mais tarde, em 1940/41, comandou o Pelotão de Oiapoque. Com a criação dos territórios federais, o Presidente Vargas, por meio do Decreto-Lei nº 3.839, de 21 de setembro de 1943, nomeou para o cargo de governador do território do Amapá o Capitão Janary Gentil Nunes.

O novo governador territorial fez um trabalho extraordinário e ficou-se como figura fundadora dessa unidade administrativa, que hoje é um estado, onde ele é um símbolo amado, recordado e admirado.

A posse de Janary Nunes, no dia 20 de janeiro de 1944, foi a ocasião da transferência ao novo território que eram antes municípios do Pará. Janary governou o Amapá entre 1944 e 1956. No seu período de governo, o território se consolidou, superando os antigos problemas de fronteira.

Ao deixar o governo do Amapá, Janary Nunes foi nomeado para a presidência da Petrobras. Em 1958 foi nomeado Embaixador do Brasil na Turquia.

No Amapá, Janary Nunes permanece pelas suas obras e no imaginário popular como uma figura fundadora.

Este livro, *Impressões sobre o Território*, preparado há 50 anos, reúne uma quantidade de depoimentos sobre o Amapá e o governo Janary Nunes. É, na realidade, uma coroa de sonetos em louvor ao grande

trabalho realizado pelo governador no Amapá, escrita por políticos e técnicos, militares e historiadores. Dele resulta uma certeza de um trabalho extraordinário de construção do que seria, mais tarde, um dos mais novos estados brasileiros. O Amapá muito deve ao governador Janary Nunes, e o Senado Federal presta um grande serviço ao Brasil ao publicar, novamente, esses testemunhos edificantes de um grande servidor público.

PREFÁCIO

Senador Randolfe Rodrigues

Em julho de 1962, há cinquenta anos, Janary Gentil Nunes, nosso primeiro governador, levanta a sua voz e, em tom de desafio, ergue a seguinte bandeira:

“Amapaenses! Vamos reconquistar a Confiança no Amapá – terra onde a Pátria começa. E trabalhemos, ombro a ombro, com o mesmo pulsar do coração, para uma nova etapa de lutas, de vitórias e de prosperidade.

Vamos, sem demora, criar o estado do Amapá”.

E neste mesmo texto, Janary faz questão de gritar:

“O Amapá ainda voltará a ocupar a liderança de iniciativas pioneiras na Amazônia.

O Amapá não deseja permanecer estagnado, acomodaticio, esquecido, irresoluto, negligente e mudo.

O Amapá aspira formar na vanguarda, exige solução para suas dificuldades e reclama melhores condições de existência para o seu povo”.

Este grito de alerta do primeiro governador do Amapá continua ecoando nos dias de hoje. O sonho da criação do estado do Amapá foi concretizado, tornou-se realidade. Mas, infelizmente, ainda “é imensa a tarefa a executar”, até porque sabemos que “o Amapá quer caminhar, produzir e realizar o seu destino”, como afirmava naquela época Janary Nunes.

Este livro que agora estamos reeditando aqui pelo Senado Federal, fruto de uma iniciativa nossa, acolhida com sabedoria pelos ilustres senadores que compõem a Mesa Diretora de nossa instituição, é uma

obra de referência, de valor inestimável, da história contemporânea do nosso querido Amapá.

Como se já não bastasse o texto introdutório do nosso primeiro governador, Janary Gentil Nunes, uma pérola do passado brilhando e iluminando o nosso presente, a obra contém impressões de vultos e personalidades que visitaram o então território do Amapá, que retratam a crença dessas autoridades na capacidade comprovada do povo amapaense e no futuro da nossa terra.

Depoimentos marcantes de Juscelino Kubitschek, o Presidente JK, de senadores da República, dentre eles Assis Chateaubriand, Apolônio Sales e Francisco Galotti, de generais da mais alta expressão nacional, dentre eles Odylio Dennys, Pery Constant Bevilaqua e Justino Alves Bastos, de deputados federais, dentre eles Carlos Lacerda, Menotti Del Picchia, Sandra Cavalcanti, Raul Pila, Carlos Luz, Lameira Bittencourt, Alcides Carneiro e Domingos Velasco, de jornalistas consagrados, dentre eles João Malato, Orlando de Moraes e Morel Reise, de escritores renomados, dentre eles o grande Joracy Camargo e o poeta Vargas Neto, de historiadores, dentre eles Hélio Viana, Arthur Cesar Ferreira Reis e Nunes Pereira, de professores ilustres da nossa terra, dentre eles Aracy Montalverne e Maria José Pontes, de ministros de estado, dentre eles Negrão de Lima, Álvaro Souza Lima e Daniel de Carvalho, de governadores, dentre eles Álvaro Maia, Ernesto Dornelles, Jerônimo Coimbra Bueno, Theodoro Arthou e Robert Vignon, da Guiana Francesa, enfim, impressões deixadas como testemunhos da admiração pela obra realizada no Amapá nos doze anos de governo de Janary Nunes, seu primeiro governador.

Ao concluir nossa apresentação, não poderia deixar de ressaltar, não só por seu valor estético, mas principalmente por seu valor ético, a *Mística do Amapá* concebida por Janary Nunes. Trata-se de um hino de amor ao Amapá. Nascida da paixão e da fascinação por nossa terra esta *Mística* revela, também, a confiança e a fé que nosso primeiro governador manteve até o fim de sua vida no grande valor do povo amapaense.

A *Mística do Amapá* demonstra claramente que o amor e o patriotismo de Janary pelo Brasil se concretizaram com o Amapá. O sonho tornou-se realidade. “Fiz nesta terra o investimento da minha fé e da

minha esperança”, foi o que afirmou Janary a bordo do “Itaguari”, sobre a água agitada do Rio Amazonas, o Rio Mar, ao se referir ao Amapá.

“A Mística do Amapá é o ideal de tornar o Amapá uma das regiões mais ricas e felizes do Brasil... Ela existe na alma do povo, palpita no coração de todos os que creem na beleza do seu futuro... A Mística do Amapá quer o bem do povo. Não de uma parte do povo, de uma aristocracia, de uma classe, dos que comunguem com o governo ou dos que dele discordem. Mas almeja o bem estar de todos os indivíduos, de todos os lares... A Mística do Amapá tem por fundamento principal a ideia de que o trabalho dignifica a vida e é capaz de remover montanhas e vencer o tempo... A Mística do Amapá é eterna... Avante, pois, amigos! O futuro tem um lugar de destaque à espera do Amapá, terra onde a Pátria começa. E vós o conquistareis.”

Neste ano de 2012, ano do Centenário de Janary Gentil Nunes, pois, se vivo estivesse – nascido no dia primeiro de junho de 1912, em Alenquer, no estado do Pará, faleceu no dia 15 de outubro de 1984, na cidade do Rio de Janeiro – completaria cem anos de idade, prestamos esta bela homenagem ao primeiro governador do Amapá, editando esta magnífica obra.

Na história do Amapá e do Brasil, no entanto, Janary Nunes continua vivo. Como muito bem disse o Presidente JK, Juscelino Kubitschek de Oliveira: “Onímodo em sua atividade, o governador Janary Nunes atinge altitudes que poucos homens públicos no Brasil lograram conquistar. É um dínamo, possante e novo, a abrir largas esperanças de progresso desta região. As realizações que o seu gênio construtivo está proporcionando ao Amapá é uma lição que ficará perene na história dos desbravadores do Brasil. Circulam no seu sangue os glóbulos dos bandeirantes que em épocas de outrora penetraram o interior de nossa Pátria e arrancando-a do sono milenário procuraram integrá-la na comunhão humana da civilização.”

CONFIANÇA NO AMAPÁ

Janary Gentil Nunes

Amapaenses!

O Amapá já foi uma área pioneira de grandes iniciativas de progresso da Amazônia.

O trabalho dos amapaenses, dos que nasceram na terra ou dos que a elegeram para a atividade de sua vida, projetou o território como uma das células mais dinâmicas de desenvolvimento econômico e social do Brasil.

As escolas modelares, a igualdade de educação e de assistência sanitária para pobres e ricos, a dedetização domiciliar, a merenda fornecida a todos os estudantes, os postos de puericultura zelando pela saúde da mãe e do filho desde o berço, o interesse afetuoso pela sorte de cada habitante da cidade e do interior, a distribuição de terras, de sementes, de mudas e de ferramentas aos agricultores, a experimentação de culturas tropicais, a venda de reprodutores a baixo preço e com o pagamento a prazo, as facilidades para a concessão de lotes e para a construção de casas, centenas de quilômetros de estradas de penetração, a garantia de estudo à juventude e de remuneração ao esforço honesto, atraíram para o Amapá não somente o caboclo de outros municípios da Amazônia como também irmãos de todos os recantos da Federação.

O Amapá alimentou, então, sonhos e esperanças de vir a tornar-se um estado rico, um São Paulo do Setentrião do país. O aproveitamento do manganês, organizado com a participação do governo nos lucros da empresa, em bases nunca alcançadas anteriormente, a construção da Estrada de Ferro e do Porto de Macapá, a abertura do Canal Norte do

Rio Amazonas realizada pela gloriosa Marinha de Guerra, as medidas para a execução da usina hidrelétrica do Paredão, elevaram o nome do Amapá e do seu povo, num curto período de doze anos, a uma posição de destaque nacional.

O Amapá constituiu um exemplo autêntico da possibilidade de se plasmar uma civilização de alto nível sob a Linha do Equador.

Reunimos neste volume, que intitulamos *Confiança no Amapá*, algumas impressões de vultos que visitaram o território e que acreditaram na capacidade comprovada de sua gente. O reconhecimento, o entusiasmo e a fé que o Amapá desperta nos que investigam seus problemas, concitam as novas gerações a prosseguir na obra fascinante de incorporar à Pátria e de colocar a serviço dos amapaenses as imensas riquezas com que Deus dotou esta terra querida.

O Amapá ainda voltará a ocupar a liderança de iniciativas pioneiras na Amazônia.

O Amapá não deseja permanecer estagnado, acomodaticio, esquecido, irresoluto, negligente e mudo.

O Amapá aspira formar na vanguarda, exige solução para suas dificuldades e reclama melhores condições de existência para o seu povo.

O Amapá quer pesquisa, estudo, trabalho, crédito, planejamento. Reivindica a conclusão das obras inacabadas e novos empreendimentos que ofereçam ocupação aos milhares de desempregados que hoje padecem fome e miséria no seu solo fértil. O Amapá quer caminhar, produzir e realizar o seu destino.

É imensa a tarefa a executar. Mas o que foi feito no passado – um salto impetuoso para o progresso – poderá ser repetido no presente e no futuro.

Amapaenses! Vamos reconquistar a Confiança no Amapá – terra onde a Pátria começa. E trabalhemos, ombro a ombro, com o mesmo pulsar do coração, para uma nova etapa de lutas, de vitórias e de prosperidade.

Vamos, sem demora, criar o estado do Amapá!

Julho de 1962

A MÍSTICA DO AMAPÁ

Janary Nunes

A Mística do Amapá é o ideal de tornar o território uma das regiões mais ricas e felizes do Brasil. Ela não tem dono, nem autor. Não pertence a um grupo, a uma seita, a um partido. Existe na alma do povo, palpita no coração de todos os que creem na beleza do seu futuro.

Como nasceu esta mística? Fruto do amor, através da história, daqueles que se apaixonaram pela terra. Cada sonho, cada esperança, cada luta, vividos para torná-la mais próspera, emprestaram-lhe força e brilho. Ela resume os anseios mais nobres de quantos batalharam para integrar o Amapá na Pátria Brasileira.

Durante séculos, seu templo foi a natureza virgem. Acompanhou os pioneiros que penetraram a gleba à busca de riquezas e os viajores curiosos por devassarem um mundo novo. E realizou o milagre de apagar a ânsia de gozar noutras plagas os frutos conseguidos, fazendo-os edificarem aí seus lares definitivos, impregnando-lhes o íntimo de profunda e inextinguível simpatia pelas paisagens e coisas locais.

O Amapá fascina. E por isso possui a sua mística. Não há ninguém que penetrando suas fronteiras, — desde as margens dos rios até as fraldas do maciço das Guianas, desde os lagos onde navegam, ao sabor dos ventos, ilhas flutuantes, até os campos intermináveis nos quais a vista abarca plenamente a amplidão, desde os que lançam as linhas nas águas para apanhar os peixes variados e saborosos, até os garimpeiros que revolvem o solo à cata de minérios, desde os que galopam para reunir o gado, entre revoadas de aves coloridas, até os que suam para semear o chão fecundo e colher as searas, os que calejam as mãos nos remos para

vencer as distâncias, os que se esforçam para erguer casas ou construir obras de interesse coletivo, os que gastam o cérebro para solucionar seus problemas — não há ninguém que não sinta essa fascinação que se irradia do ambiente e não termine cativo do seu destino.

A mística do Amapá quer o bem do povo. Não de uma parte do povo, de uma aristocracia, de uma classe, dos que comunguem com o governo ou dos que dele discordem. Mas almeja o bem-estar de todos os indivíduos, de todos os lares. Não colima elevar uns para derrubar outros, de ter poderosos e oprimidos, senhores e escravos. O seu objetivo é promover o levantamento do nível de vida comum, dando melhor oportunidade a brancos e pretos, remediados ou pobres, jovens ou velhos, profissionais e aprendizes. A distinção entre os homens não se deve basear na fortuna nem na posição, mas na soma de serviços que prestem à sociedade.

A mística do Amapá tem por fundamento principal a ideia de que o trabalho dignifica a vida e é capaz de remover montanhas e vencer o tempo. Para o trabalho inspirado na fé não há obstáculos intransponíveis. O labor conjugado determinará o aumento da produção. E produzir mais, sempre mais, é a trilha que conduz à fartura.

A mística do Amapá é eterna. Foi acalentada no passado, quando as esperanças pareciam fadadas a morrer, à míngua de recursos. Assim mesmo, nunca sucumbiu, animando nossos antepassados na marcha para a vitória. Vibra no presente, através da vontade criadora de explorar as matérias-primas e de eliminar duma vez os conceitos de insalubridade e impotência que lhe assacaram injustamente, lançando também os alicerces indestrutíveis do seu progresso. Há de fulgurar ainda mais no porvir, como o brilho do Sol, pela atividade viril das gerações novas, que se preparam adequadamente para transformar o meio, garantir a permanência dos esforços atuais e promover a felicidade geral.

Seguindo as palavras de Cristo que nos mandam amar uns aos outros, os amapaenses caminham, empolgados pela mística do Amapá, para fazer em breve do seu território um vigoroso estado da Federação Brasileira.

Avante, pois, amigos! O futuro tem um lugar de destaque à espera do Amapá, terra onde o Brasil começa. E vós o conquistareis.

O AMAPÁ E SEU CRIADOR

João Malato

Pela primeira vez, Janary Nunes vai pedir alguma coisa aos seus concidadãos do Amapá. Pela primeira vez, vai pedir-lhes um voto, para poder representá-los e defendê-los na única Casa do Parlamento que admite a representação dos territórios.

No fundo, a gente deplora que um homem dessa envergadura se veja na contingência de disputar alguma coisa no Amapá, porque os direitos morais que ali conquistou sobre a estima pública habilitaram-no a merecer tudo, sem pedir nada.

Todos os seres que lá vivem, animados ou inanimados, racionais ou irracionais, domesticados ou brutos, conscientes ou inconscientes — do homem arrancado do atraso ao animal que pasta em campos cultivados — todos mantêm em aberto uma dívida de honra com o nome do moço de 31 anos que, em 1944, desembarcou numa terra esquecida na embocadura do Amazonas, e lá proferiu o “Surge et ambula” que marcou o nascimento de um povo.

Deus fez o mundo em seis dias, e no sétimo descansou. Janary Nunes construiu o Amapá em doze anos, e não descansou jamais, porque a tarefa de moldar uma coletividade, e dar-lhe destinação e objetividade, e assegurar-lhe condições de sobrevivência e abastança econômica, é maior, talvez, do que por um globo a rolar entre milhões de estrelas.

O trabalho de Janary Nunes no Amapá não foi derrubar florestas para plantar cidades, nem arrasar morros para abrir ruas, nem cavar o solo para erguer edifícios, nem dar centenas de escolas para analfabe-

tos, e hospitais para os enfermos, e coragem para os tristes, e fé para os desiludidos.

O mérito inatingível da sua ação verdadeiramente criadora foi o sentido de salvação que ele soube emprestar ao seu esforço persistente, para recuperar, para o Brasil e para o mundo, a área mais sofrida e abandonada que poderia existir em qualquer continente inóspito e perdido. E essa recuperação ultrapassou o elemento humano, que foi alfabetizado, medicado e tonificado, para alcançar a terra, que floresceu em searas e rebanhos padronizados, até galvanizar-se nessa estupenda realidade econômico-financeira, que foi a exploração do manganês da Serra do Navio.

O que foi a luta sustentada por Janary Nunes para interessar os capitais estrangeiros no minério do Amapá — quando Minas Gerais, com as suas montanhas de ferro e os seus transportes organizados não encontrava quem o comprasse — dificilmente há, hoje, quem a possa descrever. Mas quando ele conseguiu vencer todas as barreiras da incompreensão e da paixão extremista, que lhe atribuíam propósitos entreguistas, e logrou obter os referendos do Conselho de Segurança Nacional e da Presidência da República — nesse dia o território do Amapá emancipou-se do pauperismo econômico, e começou a atrair para o país o maior contingente de divisas fortes que já se verificou em toda a história do Brasil setentrional.

Semanalmente, navios de 20 mil toneladas visitam o modelar porto de Santana, no Amapá e, depois de 8 horas de uma operação miraculosa, pela perfeição e pela técnica, saem, sobrecarregados do minério brasileiro até há pouco abandonado à flor da terra.

A receita decorrente dos 32 milhões de dólares que isso representa anualmente, é aplicada, integralmente, na construção da Hidrelétrica do Paredão, que vai marcar uma avançada etapa, no desenvolvimento econômico do Amapá, e quiçá, da Amazônia.

E foi assim, porque Janary Nunes quis que assim fosse, pois se não houvesse o sentido da grandeza econômica nas suas preocupações de administrador e de estadista, esses recursos intermináveis teriam tomado o caminho dos cofres da governança territorial onde se diluiriam em obras meramente suntuárias, ou em aumentos periódicos dos venci-

mentos do funcionalismo — que no Brasil cresce à razão do crescimento das rendas públicas.

É esse o homem que vai ao Amapá pedir votos. É o criador pedindo algo à criação.

(Da Folha do Norte de 25 de janeiro de 1962)

INGRATOS E TRAIADORES

Orlando de Moraes
(*Da Ordem dos velhos Jornalistas*)

Conheci o Amapá em 1942, quando essa região do extremo Norte do Brasil ainda pertencia ao estado do Pará. Poucos meses antes da clareza de Getúlio Vargas, objetivando sua efetiva integração na realidade do país, transformá-lo em território federal.

Quem quisesse, nessa época, traçar um retrato fiel e verdadeiro do Amapá poderia fazê-lo, com facilidade, alinhando, a grosso modo, estas palavras: — águas, selvas, campos, savanas, paúis, miséria, endemias, ignorância, abandono, descrença, desesperança. E no meio desse quadro, dessorado pela malária, corroído pelas verminoses, “maginando” de olhar perdido na distância, o caboclo, sofredor e estoico.

Criado o território, Vargas foi buscar nas fileiras do Exército Nacional, um jovem e brilhante oficial, o então capitão Janary Nunes, a quem outorgou a incumbência ingente de organizá-lo, dar-lhe estrutura, dar-lhe vida, como seu primeiro governador.

Nascido nas proximidades daquelas lonjuras, conhecendo-as bem por tê-las palmilhado à sombra da decisão e da coragem de seu velho Pai, ao tempo de sua infância de menino pobre, Janary, idealista, sincero, trabalhador incansável, sem medir o vulto da tarefa, sem considerar as dificuldades que o aguardavam, meteu mãos à obra, animado pelo só desejo de honrar a confiança de que se fizera depositário. Para ajudá-lo, convocou antigos condiscípulos e companheiros, recrutou lutadores, organizou sua equipe de pioneiros, entusiastas e técnicos, todos jovens como ele próprio. E deu início à arrancada homérica para a conquista

do ideal que Vargas havia sonhado: fazer da solidão, do ermo, do imenso vazio que se estendia da margem esquerda do Amazonas à orla direita do Oiapoque, uma expressão geográfica, populacional, política e econômica da Pátria Brasileira.

Não há mister contar a história de como esses modernos êmulos de Pedro Teixeira se conduziram nessa empreitada, pois delas somos contemporâneos. Bastará dizer, apenas, para avivar a lembrança dos que gostam de esquecer que, violando a selva, eles abriram caminhos largos para a civilização e para o progresso; subindo e descendo pequenos e gigantescos cursos de água, restabeleceram antigas vias de comunicação que o abandono secular apagara das cartas dos mareantes; cruzando desolados campos ou transpondo desertas savanas, lançaram as bases da recuperação dos minguidos e raquíticos rebanhos que, de longe em longe, os pontilhavam e que hoje se afirmam numerosos e melhorados; drenando e canalizando charcos, expulsaram a malária; reduziram as verminoses dando assistência médica, constante e real, à caboclada que a indiferença dos governantes de até então largara esquecida naqueles confins. E onde havia ruínas construíram escolas; onde havia desolação e angústia levantaram hospitais e postos médicos; onde havia inércia implantaram ação; onde havia descrença reavivaram a fé; onde havia desespero fizeram reflorir a esperança.

E o Amapá deixou de ser uma expressão negativa na economia do Brasil para se transformar na magnífica afirmação de valia que hoje representa na paisagem nacional.

Longa foi a luta por eles sustentada para chegar a esse resultado. Longa, dura e tenaz. Muitos desertaram enquanto ela se processava. Outros, como o grande, inolvidável e abnegado Coaracy Nunes, baquearam em meio da jornada, golpeados pela inexorabilidade de trágico destino. Mas aos que ficaram jamais faltou o apreço, o apoio, o incentivo, a consideração, a estima, o desvelo do chefe por eles voluntariamente escolhido e aceito. Se em seu redor, ao início da arrancada, eles se agrupavam anônimos, ignorados, à sombra do seu prestígio, ao calor da sua confiança, à luz dos seus exemplos, tal como aconteceu com o território, cresceram, criaram nome, projetaram-se na vida pública. E

escalaram alturas a que nunca atingiriam se não tivessem tido a fortuna de formar na “bandeira” que Janary organizou para realizar o Amapá.

Era de crer, por isso, que lhe fossem fiéis e leais, em quaisquer circunstâncias e, de modo especial, na adversidade. E assim seria se não fossem humanos, feitos do mesmo pó com que a natureza plasma os heróis e os covardes, os santos e os assassinos, os justos e os ingratos, os leais e os traidores; se não tivessem no sangue as mesmas taras que levaram Caim ao fratricídio; que fizeram de Brutus um parricida e que tornaram Judas Iscariotes tristemente célebre na história do Nazareno.

As contingências da vida levaram Janary a ausentar-se do Amapá por largo tempo. Não para gozar o merecido repouso após quase três lustros de ásperas refregas, convocado que fora para servir à Pátria em outros setores.

Ao seu retorno, o povo, a gente humilde que nunca esquece o bem que recebe, correu a cobri-lo de flores e de bênçãos. Preferiram ignorá-lo, quando não lhe fecharam acintosamente as portas, os antigos companheiros, acastelados nas posições havidas por mercê da sua amizade e da sua confiança. Eram as serpentes que ele criara com desvelo e carinho, aproveitando o ensejo para, em traiçoeiros botes, inocular em sua alma o veneno da ingratidão.

Compreendo o desencanto que nessa ocasião Janary deve ter experimentado. Também eu, em outras circunstâncias, provei o fel de surpresas semelhantes. Mas, para quem tem fé, para quem tem confiança em si mesmo, para quem acredita nos Juízos Eternos, que importam misérias dessa natureza?

O bravo lutador que realizou o Amapá não se deixará, por certo, abater pelo golpe que a traição forjou. Seu nome está indissoluvelmente ligado à história e aos destinos do Amapá. Para apagá-lo será preciso que o mundo desapareça e se destruam, no cataclismo, todos os vestígios da nossa civilização. Ademais, se os ingratos esquecem e apedrejam, na consciência do povo há sempre um lugar para os que sabem ser dignos e sabem ser bons.

Na luta que Janary empreende para reconquistar o que de direito lhe pertence, não lhe faltará a solidariedade e o apoio de quem, como eu, não sabe compactuar com traidores, nem desculpar ingratos.

JANARY CONSTRUIU A MAIS BELA CIVILIZAÇÃO NO TRÓPICO AMAZÔNICO

Dr. José Maria de Lima

(Ex-Chefe do Serviço de Higiene Dentária da Divisão de Saúde Pública do Território Amapá)

O Amapá alterou em muito as tradições amazônicas, não somente pelas suas conquistas materiais e espirituais em si mesmas, como também pela documentação dessa cultura que o vai libertando dos conceitos de área-enigma, região incógnita e inferno verde, com que uma supersticiosa literatura nacional amaldiçoou os temas da planície.

A administração Janary Nunes construiu a mais bela civilização no trópico amazônico. É esse homem público que agora volta àquela terra querida, para, como candidato do povo, ser o seu legítimo representante na Câmara Federal.

Tive a honra de fazer parte da primeira equipe de Janary como um dos seus auxiliares desde o início do seu governo. Não somente por esse motivo, como também por um dever de gratidão, é que neste momento, quando desfraldada a sua bandeira para essa arrancada cívica, eu lhe respondo: presente, coronel Janary!

Estou presente, meu coronel, como todos aqueles que, orgulhosos do Amapá de hoje, sentem-se identificados com a sua campanha digna, reconhecendo no ilustre brasileiro o único homem público que o povo amapaense escolheu de coração aberto, para representá-lo na Câmara alta do país.

A vitória de Janary é concreta, porque ele vive no coração agradecido do povo, principalmente do caboclo do interior, do homem do campo, das castigadas populações ribeirinhas, que saudosamente lembram de quando Janary, governador, periodicamente levava àquelas gentes o conforto moral e material de que tanto necessitavam, conforto transbordante de solidariedade cristã e com toda a beleza de compreensão humana.

Ainda estão gravadas em minha memória as nossas andanças pelo interior do território, quando, fazendo parte da comitiva oficial, levava o conforto do meu boticão ao pobre caboclo e testemunhava pessoalmente o interesse do governador em resolver os inúmeros e variados problemas que lhe eram apresentados, isto de cidade em cidade, de vila em vila, de povoação em povoação, numa ânsia para ser útil àquela gente, com aquele entusiasmo contagiante, numa bela missão de apostolado pioneiro naquelas plagas.

A história do Amapá não poderá ser escrita sem Janary, porque ele consagrou os melhores dias da sua mocidade, os grandes momentos da sua vida, orientando e guiando aquele povo digno e bom nessa grande obra marcante no cenário administrativo do Brasil, indestrutível pela sua grandeza, e imortal no coração de todos os que dela participaram.

Não adianta que meia dúzia de ingratos pretendam menosprezar Janary perante a opinião pública amapaense. A sua obra já está desafiando as intempéries dos insensatos e injustos e a sua figura, digna e respeitada, sobrepondo-se aos interesses contrariados dos seus falsos amigos de outrora.

O certo é que Janary será eleito deputado federal pela consciência e gratidão do brioso povo amapaense. E nós estamos ao seu lado combativamente, sem tibiezas, como nos primeiros dias, quando iniciávamos a luta pela formação da mais edificante civilização na latitude zero do universo.

Ainda permanece arraigada em nosso coração a Mística do Amapá.

O AMAPÁ QUE EU VI

João de Moura Neves

Durante três anos consecutivos residi no território federal do Amapá. Residi e trabalhei nas plagas do antigo Contestado Franco-Brasileiro, onde, no decorrer de três séculos, brasileiros, portugueses e franceses lutaram pela posse da Guiana Brasileira. A minha permanência naquelas paragens se prolongou, se não me falha a memória, de agosto de 1952 a setembro de 1955, quando tive a oportunidade de testemunhar, em contato diário com a administração pública territorial, a inextinguível capacidade de trabalho do coronel Janary Gentil Nunes, esse notável estadista que, à semelhança de uma reedição brasileira de Lyautey, realizou na Latitude Zero do Universo a mais fascinante obra civilizatória registrada em crônica da história indígena.

E como funcionário do governo amapaense, nesse curto e proveitoso espaço de tempo de minha existência, exerci as funções de assistente do gabinete do então governador Janary Gentil Nunes, chefe do Serviço de Informações e diretor de Imprensa Oficial, cargos aos quais, estimulado pelo edificante exemplo do Chefe do Executivo local, dediquei o melhor da minha inteligência e do meu nordestino entusiasmo por tudo que diz respeito a causas e movimentos que possam implicar em benefício do homem e da terra.

E hoje, depois de mais de seis anos de ausência do Amapá, no momento em que o coronel Janary Nunes se prepara para disputar uma cadeira na Câmara Federal como representante do povo amapaense, sinto-me novamente atraído para a terra do manganês, sobretudo porque agora Janary Nunes poderá passar pela amarga experiência de saber

que há homens capazes de cuspir no prato que lhes matou a fome e de envenenarem a límpida e cristalina fonte que lhes mitigou a sede. Não é apenas atração de retorno que sinto diante do que ocorre na política do Amapá com relação ao eminente homem público que na presidência da Petrobras executou amplo programa de fecundas realizações; como embaixador do Brasil na Turquia honrou as tradições da nossa diplomacia, — e que à frente do governo daquela Unidade Federativa, sacrificando uma brilhante carreira militar, levou a efeito não somente um notável trabalho de pioneirismo como administrador da coisa pública, mas acima de tudo, chamou a si a bela, dignificante e comovente missão de verdadeiro apostolado, porque Janary no Amapá emprestou à sua função de governante um cunho pedagógico, dedicando-se, como bom professor, à tarefa de fazer com que seus governados entendessem a arte da sã política administrativa, bem como forcejou, através de palestras públicas, a fim de que todos se impregnassem de amor pela paisagem histórica que Rio Branco imortalizou com a assinatura do Laudo Suíço.

Neste particular, a par da inestimável soma de serviços que esse amazônida de estirpe prestou ao povo que habita aquelas plagas, especialmente no que tange à educação e à saúde, a administração Janary Gentil Nunes teve sentido e conteúdo deveras impressionantes, tanto assim que em poucos anos ali se verificou um fenômeno só alcançado, em outras regiões e por outras populações, depois de longa sedimentação espiritual, característica que define um amadurecido traço cultural: o aparecimento da MÍSTICA DO AMAPÁ. E o que é mais fascinante é que essa conquista foi atingida à base de uma doutrina filosófica de amor à terra, de ânsia de progresso, de um pensamento aplicado em função do futuro e de arraigado apego ao presente como resultado do conhecimento do passado enriquecido pela seiva das tradições locais, que são, sem nenhuma dúvida, os alicerces sobre os quais se sustentam as civilizações.

Assim, repito: hoje não sinto somente desejo irresistível de retornar àquele pedaço do Brasil. Tenho ímpetos de para lá me transferir — e, se não me faltassem engenho, arte e coragem cívica, ir, de cidade em cidade, de vila em vila, de povoado em povoado e de lugarejo em lugarejo, promover uma cruzada democrática com o elevado e patriótico

objetivo de eleger Janary Nunes representante amapaense à Câmara Federal. A sua presença no Parlamento, estou certo, além de engrandecer o nosso Legislativo, oferecerá ao Amapá a raríssima oportunidade de ser conseguida por outros territórios Federais e mesmo por estados nestes melancólicos e incertos dias que o Brasil atravessa, precariamente parlamentarista, qual seja a de ver-se representado no Congresso por um espírito lúcido e combativo, por um magnífico expositor de ideias; por um brasileiro culto, estudioso e inteligente; e, em suma, por um homem público que saberá portar-se, honrada e eficientemente, em qualquer cargo nos Conselhos do Estado.

Queira Deus, pois, que o meu pensamento esteja em consonância com o sentir dos amapaenses de boa vontade. É o que desejo ardentemente. O Amapá que eu vi obriga-me a assumir esta atitude. Ela é inarredável e visa a um único objetivo: alevantar o nível mental do Parlamento Brasileiro e ter a satisfação de ver o Amapá numa invejável posição de liderança.

“O AMAPÁ É UMA CLARINADA NA NOVA MARCHA DO BRASIL”

Um governo que realiza — Clero e
Executivo perfeitamente identificados
no Amapá — Obras que honram
uma grande capital

*Entrevista do Arcebispo Metropolitano de Belém,
Dom Mario Vilas Boas*

Com uma delegação de poderes do Núncio Apostólico, estive no território Dom Mario Vilas Boas, virtuoso Arcebispo Metropolitano de Belém, que fez a instalação oficial da Prelazia de Macapá.

Sua Excelência Reverendíssima é uma das mais cultas e queridas figuras do clero brasileiro, sendo orador sacro de grande fama e recursos. O ilustre sacerdote concedeu à *Folha do Norte*, da capital paraense, a seguinte entrevista:

“— Foi com prazer que recebi a designação do Núncio Apostólico, de fazer, na cidade de Macapá, sede do governo do Amapá, a comunicação oficial da recente criação da Prelazia de Macapá.

Desde o momento em que pisei o solo amapaense, fui recebido gentil e carinhosamente pelo governador, capitão Janary Nunes, pelos seus auxiliares imediatos e pelo povo, sendo considerado hóspede oficial.”

UM GOVERNO QUE REALIZA

“— Dentro em pouco”, continuou Dom Mario, “pude constatar que o governo do capitão Janary Nunes é um governo realizador e cheio de entusiasmo. Verifiquei que S. Ex.^a sai cedo de sua residência para desenvolver uma atividade operosa, conhecendo os mínimos detalhes de todos os setores de trabalho”.

BELA IDENTIFICAÇÃO

“— Observei, — e tal fato muito me chamou a atenção —, a perfeita identificação existente no Amapá entre o governo e o povo. Na rua, o governador é abordado por qualquer pessoa, sempre envolvendo-a na sua atenção, isto acontecendo como rotina. ”

VISITAS EFETUADAS

Dom Mario, obsequioso e cativante, passou, nesta altura, a falar-nos sobre as visitas que fez às realizações do governo, dizendo:

“— Visitei, em Macapá, obras que honram qualquer grande capital. A Unidade Sanitária Mista de Macapá, onde se acha o hospital, eu gostaria que existisse igual em Belém. É uma realização de vulto, humana e civilizadora. O Grupo Escolar “Barão do Rio Branco”, é uma esplêndida e admirável casa de ensino. ”

“E não foi sem emoção”, prosseguiu o Arcebispo, “que verifiquei no moderno Posto de Puericultura, a mais eficiente assistência material. Ali são, diariamente, prodigalizadas às mães farta e salutar merenda, enquanto seus filhinhos são atendidos pelos médicos e enfermeiros. ”

ATESTANDO O ANTIGO PODER PORTUGUÊS

Referindo-se, após, à vetusta Fortaleza de São José de Macapá, que percorreu em companhia do governador, assim se expressou o nosso ilustre entrevistado:

“— Senti forte comoção ao penetrar nessa Fortaleza, construída em épocas antigas e hoje atestando o poder de Portugal naqueles recuados dias. E animei o capitão Janary a prosseguir na recuperação dessa histórica Fortaleza, tratada com tanto carinho.”

A PRELAZIA DE MACAPÁ

Abordando, por último, o assunto que diz respeito à Prelazia, explicou-nos Dom Mario:

“— A Prelazia de Macapá foi confiada aos missionários de Milão, os quais se encontram no Amapá há três anos, trabalhando na capital e no interior daquela planície. Todos esses missionários estão identificados com o povo e com o governo, encontrando da parte deste a melhor colaboração e ajuda, o que é confortador.

A Prelazia está confiada ao Padre Aristides Piróvano, que foi o superior dessa missão, o qual irá a Roma providenciar recursos espirituais para, em seu regresso, ser empossado.”

UMA CLARINADA NO BRASIL

Encerrando as suas expressivas declarações, D. Mario Vilas Boas disse-nos:

“— Em Macapá, sintetizei todas as minhas impressões, escrevendo a seguinte frase no livro destinado aos visitantes:

“O Amapá é uma clarinada na nova marcha do Brasil”.

“CLIMA DE PERFEITA
HARMONIA SOCIAL E DESEJO
DE PROSPERIDADE DO POVO”

Ministro Negrão de Lima

Os êxitos obtidos pelo governo honesto e empreendedor do Território — Como se pronunciou o Dr. Negrão de Lima, então Ministro da Justiça, sobre o Amapá

Conforme é do conhecimento público, em 1953, quando foi comemorado o 9º aniversário da instalação do governo do território, visitou esse recanto do Brasil o Dr. Francisco Negrão de Lima, que aquela época ocupava as elevadas funções de ministro da Justiça. Na qualidade de primeiro titular dessa pasta que visitava um território federal, esse ilustre homem público teve oportunidade de sentir e observar, *in loco*, a realidade econômica, social e humana do Amapá — e regressando ao sul do país externou as suas impressões sobre a terra do manganês à imprensa brasileira com as seguintes palavras:

“Regressei vivamente impressionado com o que me foi dado observar no território do Amapá. Contando apenas nove anos de existência, aquela unidade da Federação já pode oferecer a quem a visita um confortador espetáculo da capacidade de realização do povo brasileiro.

Atento aos objetivos que determinaram a criação dos Territórios Federais e às instruções emanadas da Secretaria de Estado que dirijo, o governador Janary Gentil Nunes está levando a bom termo, com o maior entusiasmo, uma obra que merece as mais encomiásticas referências, porque abrange todos os setores da atividade governamental.

No que diz respeito à educação, visitei modernas escolas de ensino primário, secundário e profissional e compareci a um impressionante concerto, onde foi apresentada, pela juventude local, música do mais fino gosto. Há um grande incentivo às práticas desportivas, principalmente as que se relacionam com a natação. No setor da Saúde, tive ocasião de percorrer moderno hospital e inaugurar um novo pavilhão destinado à maternidade. Reputo digna de menção a campanha que as autoridades sanitárias vêm empreendendo no combate ao paludismo e à verminose, cujos resultados são os mais promissores, bastando que se diga que a capital é hoje uma cidade sem mosquitos.

Na produção mineral, merece especial destaque a do manganês, de cujo minério o Amapá conta com enormes reservas. A exploração está entregue a uma sociedade denominada ICOMI, constituída de capitais brasileiros e norte-americanos, possuindo os acionistas patrícios a maioria das ações. Esta sociedade está trabalhando em ritmo acelerado na construção da Estrada de Ferro, já locada, e do porto de embarque de minério, situado no Rio Amazonas, poucos quilômetros a montante de Macapá. Trata-se de obras notáveis e que em breve proporcionarão grandes lucros ao Brasil, por meio do *royalty* que será pago ao nosso governo.

O que me causou maior impressão no Amapá foi o clima de perfeita harmonia social e o desejo de prosperidade do povo. Os êxitos obtidos pelo governo honesto e empreendedor são em parte devidos ao entusiasmo com que se entregam à grandiosa obra de sobrepujar a natureza hostil e implantar uma civilização digna dos nossos dias. Esse entusiasmo não é parcial, mas total. É uma coisa impressionante a fé que os amapaenses depositam nos seus governantes e nos postulados da nossa democracia. Lá não encontrei ceticismo ou desânimos. Nem comunismo existe.

O que há é uma verdadeira brasilidade, atestando o êxito da arrojada experiência do Governo Federal ao assumir o encargo de administrar zonas fronteiriças do mais precário desenvolvimento econômico”.

O BRAÇO É A MATÉRIA-PRIMA
MAIS VALIOSA DA REGIÃO
AMAZÔNICA

Assis Chateaubriand

O Amapá possui um condutor sagaz
e competente — Ecos da visita feita
ao Território pelo Senador Assis
Chateaubriand — Discurso pronunciado
pelo ilustre filho da terra heroica de
Epitácio Pessoa

Chefiando brilhante e ilustre caravana que visitou Macapá no dia 13 de janeiro de 1954, estive no Amapá o senador Assis Chateaubriand, diretor dos *Diários Associados* e dinâmico parlamentar nascido na terra heroica de Epitácio Pessoa.

Em almoço oferecido pelo governo do território às eminentes figuras que visitaram a terra do manganês, o senador Assis Chateaubriand pronunciou o seguinte discurso:

“Antes de tudo, primeiro que tudo: nosso obrigado, e obrigado de nós todos ao Ministro da Aeronáutica e ao Comandante da Base Aérea de Belém, pelas facilidades criadas a esta excursão. Quando fui ver no Rio o Brigadeiro Nero Moura, tive o cuidado de explicar-lhe que não se

tratava, este nosso pulo de Belém a Macapá, de uma viagem de prazer. Queríamos por em contato o território, seu governador e seu povo, com os embaixadores de países que podem tomar os interesses que desejamos na Amazônia. Se uma parte do progresso de uma nação consiste em povoar o grande vale, essa etapa para ele é tudo. Não existem aqui, braços, e o braço é a matéria-prima mais valiosa desta região. Quando a gente se lembra do tipo maravilhoso de civilização que os holandeses construíram na linha equatorial, em Sumatra, Java, Bornéu e outras ilhas do Arquipélago, e pensa que hoje eles estão disponíveis — “chômeus” das atividades coloniais, com uma experiência secular da vida tropical, da lavoura equatorial — não sente todos os apetites do mundo em trazer o embaixador dos Países Baixos, com um grupo de técnicos em solos agrícolas, em matérias-primas dos climas quentes, para uma viagem de estudos à Amazônia? Isto, sem falar nos embaixadores da Itália, do Japão, do Canadá.

— “Cale a boca, disse o jovem gaúcho que preside o Ministério da Aeronáutica. Não diga nada. Vou telefonar ao coronel Cabral, o comandante da Base, em Belém. Com esse programa, ele raspará todos os Catalinas da Base e lhes dará.”

Foi o que aconteceu.

Não se tornou necessário dizer uma só palavra ao Coronel Cabral. Ao chegar a Belém esse brilhante e intrépido aeronauta, oficial de estado-maior, economista ele mesmo, já havia apreendido toda a significação de nossa viagem. Não foi preciso nem vê-lo, quanto mais falar-lhe. Com um desdém olímpico por qualquer contato pessoal, que se tornava supérfluo, ele nos mandou dizer que três Catalinas e um Beech-B, cabendo um total de 60 pessoas, estavam à disposição da Importadora e dos *Diários Associados* para transportar os seus visitantes, em 1 hora e meia, à capital deste território.

Amapaenses. Só vocês do território longínquo sabem o que é esta Força Aérea Brasileira, como fator da unidade nacional. No dia em que um estudioso de peso e tomo analisar o papel do Correio Aéreo Nacional, na integridade do território brasileiro, nossos compatriotas terão pela juventude da aviação de arco e flecha, autora desta façanha, em seus tempos primitivos, um grave respeito e uma exaltada admiração. Nós

não somos um império unido. Não somos um continente assimilado pela interligação das partes ao respectivo todo. Não passamos de um arquipélago.

O Brasil é uma Micronésia. Seu território é dividido e subdividido em ilhas, às quais só a aviação transmite contatos rápidos e incessantes. É o poder aeronáutico, seja o comercial, seja o militar, quem está possibilitando uma maior quantidade de comunicações entre as diferentes ilhas do arquipélago brasileiro. Como, sem a aviação, seria possível estabelecer a convivência entre os brasileiros de Olivença, de Cáceres, de Tabatinga, de Macapá e o resto do país?

É indispensável que o povo faça todas as concessões possíveis à aviação militar. Não há hoje instrumento mais poderoso de aproximação da nossa gente, de articulação dos interesses políticos e econômicos de uma nação, paupérrima de elementos de interligação da sua população e da produção, que ela realiza.

Pensa-se que Macapá, Belém, Manaus, Santarém são banhos turcos. Os senhores embaixadores estão vendo. Encontramo-nos em pleno verão e a temperatura aqui é petropolitana. Há por que um indivíduo ficar bilioso, de mau humor, num clima de doçura destes? E Macapá, que tem tudo, ainda não possui árvores, o que lhe faz uma falta desadorada. É preciso dar uma sólida densidade vegetal à jovem metrópole do território. Faltam aqui frondes de árvores copadas. Os americanos dizem que Washington constitui uma capital embutida num parque. É o que resta fazer também aqui: dar uma soberba pompa florestal à cidade que renasce sob augúrios tão felizes, modelada por um condutor tão sagaz e competente.

Obter o que o coronel Janary já trouxe para o Amapá é uma proeza de corredor de maratona. Ele governa de noite, para salvar o que os brasileiros estragam de dia. Do ponto de vista administrativo, o vosso condutor é mais do que um dinâmico: é ele um eruptivo visionário, com a aptidão, porém, para sonhar e realizar. Pôr 67 milhões de capital americano, aqui, em troca de manganês, significa um modelo de decisão e de tenacidade. Outros têm a ambição de fazer o seu Estado rico e poderoso. Mas falta-lhes a coragem, que ele teve, e está tendo, de atrair os capitais, da única parte do mundo donde podem eles vir seguros

e baratos. Fazendo no território um governo de compromisso com a oposição local, empreendendo mesmo a política como um problema de serenidade de temperamento e de equilíbrio de paixões, o governador Janary é, entretanto, um democrata da era atômica. Ele se mexe muito, para correr adiante dos problemas e das suas soluções multiplicando dez Janarys na administração para atender aos interesses do território em todos os ângulos, sobre os quais eles se projetarem.

Eu viajo o Brasil por amor, como quem procura sentir o perfume de todos os seus jardins. Esta abordagem ou, digamos, este *efl eurement* que não atinge nem a face, quanto mais o pescoço da *miss* Amapá, é o suficiente para se começar a querer esta província adolescente da cadeia federativa. Estamos apenas há três horas aqui, e já experimentamos a doce intimidade que nos concedeis, em vossa *coquetterie* de terra nova e flamejante de *it tropical*.

Tende a certeza de que vos compreendemos. Amiel nos consideraria, no vosso caso, em condições de receber a centelha. Aqui desembarcamos iniciados nos segredos do “charme” deste país delicioso”.

HÁ UM SENTIDO PROFUNDO DE BRASILIDADE NA OBRA QUE AQUI SE REALIZA

Discurso pronunciado pelo Deputado
Juscelino Kubitschek, no recinto do Cine-
Teatro Territorial, por ocasião da visita
dos srs. Parlamentares ao Grupo Escolar e
Ginásio Amapaense

Senhor governador,

Ante os nossos olhos se abrem, neste instante, perspectivas surpreendentes e consoladoras. Homens do sul, com olhos voltados, apenas, para os problemas que interessam mais de perto a região que constitui o cenário de nossa atividade constante, este Norte longínquo se nos afigurava uma ficção geográfica, antes que uma realidade tangível econômica e social.

Aos nossos sentidos desprevenidos as artérias líquidas que devassam o mistério das selvas longínquas se revestiam somente de interesse turístico. O entusiasmo de Coaracy Nunes (palmas), ilustre representante deste território na Câmara dos Deputados, contagiou-nos e, pela ação construtiva do seu amor ao Amapá, eis-nos aqui para esta visita que encanta e surpreende a nossa sensibilidade.

Há um sentido profundo de brasilidade na obra que aqui se realiza. O homem dessa *jungle* bravia não é um apático e menos ainda um desinteressado pelo destino de sua terra. Luta, pelo contrário, contra vicissitudes inúmeras e, batido pela desventura da enfermidade e do des-

conforto, reage com bravura extraíndo de suas forças periclitantes lições heroicas de amor e devotamento à causa da grandeza de nossa Pátria.

A palavra brilhante e expressiva do orador que me precedeu abriu clareira às nossas preocupações de homens públicos, ao estudo mais detido das circunstâncias que devem contribuir para a redenção do território do Amapá. Se sua oração foi roteiro seguro, antes dela já nos apercebêramos da grandiosidade singela da tarefa que aqui se desdobra.

Onímodo em sua atividade, o governador Janary Nunes atinge altitudes que poucos homens públicos no Brasil lograram conquistar. É um dínamo, possante e novo, a abrir largas esperanças ao progresso desta região. As realizações que o seu gênio construtivo está proporcionando ao Amapá é uma lição que ficará perene na história dos desbravadores do Brasil. Circulam no seu sangue os glóbulos dos bandeirantes que em épocas de outrora penetraram o interior de nossa Pátria e arrancando-a ao sono milenário procuraram integrá-la na comunhão humana da civilização.

Sejam estas palavras a primeira saudação que lhe apresentamos e, na emoção que tumultua dentro de nós, sintam os amapaenses o respeito e a admiração que tributamos aos homens que, nestas paragens recuadas, constroem com amor e sacrifício a grandeza e a prosperidade do Brasil.

AMAPÁ — O CAMINHO DE UMA NOVA CIVILIZAÇÃO

Raul Pila

(Deputado pelo Rio Grande do Sul)

É preciso ir ao território do Amapá para restaurar a fé nos destinos do Brasil. Trata-se de um pedaço da Amazônia, com tudo o que essa região singular tem de grandioso e inumano. Pois naquele recanto, vai-se ver como se podem dominar os fatores adversos, lançando as bases de uma verdadeira civilização.

Dez anos faz que se criou o território, destacando-se do imenso estado do Pará, e dez anos faz que à frente do seu governo se acha o então capitão e hoje tenente-coronel Janary Gentil Nunes. E, numa região onde reinavam as endemias, e o homem deperecia, temos hoje uma coletividade sadia, quase próspera e inteiramente confiante nos seus destinos.

É um milagre, dirão. Sim, é quase um milagre. Não chega a ser um milagre a assombrosa transformação operada num decênio, porque facilmente se lhe percebem as causas. Deve-se unicamente ao espírito público, tão escasso por este vasto país e tão fervoroso e ativo naquele recanto extremo.

Recebendo a tremenda tarefa de organizar o território, até então quase abandonado, tomou-a o governador Janary Nunes por verdadeira missão. Esqueceu a sua pessoa, os seus interesses e dedicou-se ao trabalho. Ao invés de utilizar os recursos postos à sua disposição para fazer coisas que dessem logo na vista, como ocorre geralmente com os nossos administradores de fachada, cercou-se de alguns homens imbuídos do

mesmo alto espírito e pôs-se a atacar os problemas fundamentais: saneamento, educação, economia, fixação do homem ao solo, consolidação da família. Foi assim que o ardente espírito público do governador e dos seus auxiliares diretos se transfundiu a toda a população. Sente-se isto, logo ao primeiro contato com os habitantes. Encontra-se no Amapá essa coisa rara neste país: uma verdadeira coletividade de cidadãos, animada pelo ideal do bem comum e justamente confiante no seu destino.

Esta é, por certo, a maior obra do governador Janary Nunes, obra sem a qual, ou não se realizaria, ou precária se tornaria a transformação até agora operada. Se milagre há no território do Amapá, este é o milagre do espírito público que o governador soube infundir a todos os seus habitantes. Tal é a grande lição, que os representantes de outras regiões, incomparavelmente mais bem dotadas, podem receber no Amapá, para transmitir a um país talado pelo egoísmo e pela descrença.

(Correio Fluminense, 31-8-1957)

A VERDADEIRA REDENÇÃO DO AMAPÁ E SUA TRANSFORMAÇÃO EM ESTADO DA FEDERAÇÃO

Theodoro Arthou

O Dr. Theodoro Arthou, subprocurador da Justiça do Distrito Federal, que, na qualidade de governador interino do território, presidiu as eleições de 3 de outubro, falando à reportagem de *O Globo*, do Rio, fez as seguintes declarações:

“Vim do Amapá encantado com o que vem sendo feito naquela longínqua região. Essa, aliás, a impressão que tenho ouvido de todos os que lá têm estado. Minha admiração, porém, é maior porque, tendo-me ocupado dos problemas relativos à instalação dos governos dos novos territórios, quando estes foram criados, em fins de 1944 — ao tempo da gestão, no Ministério da Justiça, do sr. Marcondes Filho — recorda-me perfeitamente que o território do Amapá, era, de todos, o mais atrasado. Dificilmente poderia compreender como ali viviam cerca de vinte mil pessoas, totalmente desassistidas dos poderes públicos e assoladas de graves endemias. Em toda aquela vasta região, havia um único subposto de Serviço Especial de Saúde Pública, onde tinha exercício um só médico. As únicas vias de transporte eram o mar e os rios. Inexistia, porém, qualquer serviço regular de navegação. Deve ser notado, aliás, que se trata de região sujeita ao fenômeno da Pororoca e onde, por isso, a navegação em pequenas embarcações é extremamente perigosa. Como

meio de comunicação, dispunha o território de uma única estação de telégrafo, instalada em Clevelândia. Em toda aquela vasta área havia quatro escolas, funcionando em precaríssimas condições.”

TUDO MUDOU

“Hoje tudo está mudado. A região se acha perfeitamente saneada. Médicos, dentistas e enfermeiras percorrem, periodicamente, zonas delimitadas para cada grupo, a fim de prestar assistência aos moradores do interior. Em Macapá, capital do território, existe um moderno hospital, e em três outras cidades postos médicos perfeitamente equipados, para serviços de ambulatório e internação. Em diversas vilas há subpostos médicos. Todas as cidades dispõem de água encanada e de fossas, sendo que a de Macapá também dispõe de rede de esgoto. Existe luz elétrica não só em todas as cidades e vilas, como nas simples escolas rurais espalhadas pelo interior. A comunicação entre a capital e as cidades e as principais vilas está assegurada por meio de estações radiotelegráficas nelas instaladas. Em Macapá existe, ainda, uma estação radiofusora, que é ouvida em todo o território. Foi organizado o transporte marítimo e fluvial, através de numerosas frotas de embarcações de tipo variado. Além disso, foi construída uma rodovia, — com excelente piso ensaiado — que, partindo de Macapá, se dirige para o Norte, em demanda do Oiapoque, e da qual quatrocentos e setenta quilômetros já estão entregues ao tráfego. Dessa rodovia saem diversas estradas menores, cuja extensão somada dá a cifra de cerca de cento e cinquenta quilômetros.”

EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

Inicialmente, afirmou o Sr. Theodoro Arthou:

“— No que concerne à educação, além de grupos escolares nas sedes de todos os municípios, existem mais de cem escolas rurais espalhadas por todo o interior. Na capital estão instalados um colégio, ministrando ensino secundário nos dois ciclos completos, uma Escola Normal,

uma Escola Industrial e uma Escola Técnica de Comércio. Junto à base Aérea de Amapá funciona uma Escola de Iniciação Agrícola. É curioso observar que a grande maioria dos funcionários do território frequenta um dos citados estabelecimentos de ensino, graças ao horário fixado.

Tem sido muito incentivada a produção agropecuária do território, que era praticamente inexistente. A produção de arroz já superou as necessidades locais, possibilitando a exportação desse produto. A do milho, da mandioca e do feijão, estão em franco desenvolvimento. Finalmente, no que diz respeito à borracha, o plantio de seringueiras e a respectiva “enxertia” se fez em tão grande quantidade que se espera para que venha o Amapá a se tornar o maior produtor de borracha de toda a bacia amazônica.”

VERDADEIRA REDENÇÃO

E prossegue o nosso entrevistado:

“— Por último, quero ressaltar que o governo do território desenvolveu amplo programa de pesquisas de minérios, de que resultou a descoberta de jazidas de ferro e de manganês. Quanto às primeiras, não foi encontrado quem quisesse explorá-las. As últimas, porém, irão em breve ser exploradas em larga escala, logo que concluídos o porto e a Estrada de Ferro, com cerca de duzentos quilômetros de extensão, que a empresa concessionária se obrigou a construir e cujas obras estão sendo feitas em ritmo acelerado. Quando essa exploração se iniciar, com a conseqüente exportação do manganês, processar-se-à para o território a sua verdadeira redenção. E os recursos de que passará a dispor permitirão que se lhe dê a autonomia política que terá merecido, com sua transformação em estado.”

OBRA DE ADMINISTRADOS

“— Tudo isso que vem sendo feito e que V.Exa descreve com tanto entusiasmo, não se deve às verbas que o orçamento da União tem destinado ao Amapá? — indaga o repórter.

E o Sr. Theodoro Arthou concluiu:

“— Até certo ponto sim. Nada, evidentemente, poderia ter sido feito sem as aludidas dotações. Mas é de justiça que se ressalte o admirável plano administrativo que foi elaborado e que vem sendo cumprido pelo dinâmico tenente-coronel Janary Gentil Nunes, que vem governando o Amapá, desde que este território foi criado. Estou certo de que à grande capacidade desse administrador e à continuidade da ação que essa longa permanência no território assegurou é que se deve o excelente resultado obtido. E a melhor prova do que digo reside no fato de terem sido muito semelhante, quase iguais, em dobro, as verbas destinadas aos demais territórios, nos quais, infelizmente, se observou resultado muito diferente.”

COMO SE FAZ UM PAÍS

Opinião do Governador da Guiana
Francesa, Robert Vignon, sobre o
Território do Amapá

“Após uma estada infelizmente muito curta para mim, porém, notavelmente cheia do encanto da extrema cortesia de S.Exa., o governador Janary Nunes e de seus colaboradores, tenho que expressar meu entusiasmo pela obra criadora empreendida em quatro anos por um lúcido representante do Brasil moderno. Visitei, há dois anos, o *Tennessee Valley* e tenho a alegria de reencontrar aqui o espírito de equipe, o mesmo dinamismo, os mesmos métodos que instaurou o senador Lilienthal no T.V.A.

Os resultados serão, certamente, mais impressionantes no território do Amapá, — rico de possibilidades e de recursos de toda espécie — que no Tennessee, já consumido por culturas excessivas.

O plano de conjunto que o governador Janary houve por bem expor-me em minúcia constitui um todo coerente que deverá transformar uma região, há tanto tempo abandonada, em um dos mais possantes estados do Brasil. Ao mesmo tempo a agricultura e as indústrias extrativas são desenvolvidas e as questões sociais merecem atenção particularmente cuidadosa, que honra aquele que tem tal iniciativa.

Se devesse resumir em um relatório todas as impressões, todos os ensinamentos colhidos, que guardo desta minha viagem a Macapá, daria a essa narrativa o título: “COMO SE FAZ UM PAÍS”.

E a experiência, da qual o governador Janary me fez generosamente tirar proveito, ser-me-á especialmente preciosa, pois que o quadro que

me aguarda na Guiana, cujo equipamento deve ser renovado, é muito próximo e idêntico ao que se apresenta ao governador brasileiro.

No decurso de uma longa conversação pessoal pudemos constatar a similitude dos problemas a solucionar e dificuldades a vencer. Aspiramos que, dentro de alguns anos, possamos novamente ter outro encontro para fazermos, juntos, a ligação dos caminhos por nós percorridos.

Terminando, quero expressar meus votos de total êxito àquele em que seu país pode confiar, àquele cujo nome será, um dia, um dos que se terá prazer de citar entre os grandes homens que constroem o Brasil, — o governador capital Janary Gentil Nunes”.

Préfet de la Guyane Française

R. VIGNON

“O AMAPÁ É UM EXEMPLO DO
TRABALHO E DA CONQUISTA
DEFINITIVA DA TERRA”

Auguramos para o Amapá grande futuro —
Elogiada a FAB. Discurso, na Câmara, do
Deputado Carlos Luz

Como integrante da comitiva de deputados federais que visitou o Amapá, o Dr. Carlos Luz, regressando ao Rio de Janeiro, pronunciou, no dia 18 de setembro de 1951, no Plenário do Palácio Tiradentes, o seguinte aplaudido discurso:

“O SR.CARLOS LUZ — Sr. Presidente, a Comissão designada por V.Ex^a. Em obediência ao voto da Câmara, para representá-la na V Exposição de Animais e Produtos Econômicos de Macapá, capital do território do Amapá, cumpriu sua missão, tendo partido desta capital no dia 11 e regressando a 17.

O que vimos no Amapá dá-nos a certeza de que podemos, realmente, dominar a Amazônia, porque o Amapá é um exemplo de trabalho e da conquista definitiva da terra. Não bastaria, sr. presidente, que a terra fosse, de fato, dadivosa, mas seria necessário que se lhe desse o desbravador, com todas as qualidades, que o presidente Getúlio Vargas encontrou, quando há oito anos, criou o território, na pessoa do grande administrador, estadista da nova geração, seu atual governador, Major Janary Gentil Nunes. (Muito bem).

Assistimos, no Amapá, ao desdobrar de grandes manifestações da civilização brasileira. O território é, realmente, um exemplo para quan-

tos queriam estudar o desenvolvimento de uma região longínqua e sem recursos como aquela. O que vimos em Macapá e em toda a zona visitada, é, de fato, um deslumbramento. Tivemos oportunidade de presenciar a um impressionante desfile de escolares de excelente aspecto físico. Há, por lá, jardins de infância, grupos escolares, escolas rurais, escola normal, ginásio, escolas profissionais. Coube-nos a ventura de assistir à instalação da Escola Doméstica, dirigida por hábeis professoras italianas, de uma das melhores congregações religiosas daquele país.

Além do que toca ao ensino, tivemos ensejo de assinalar o grande progresso verificado no setor da saúde pública.

A cidade está dotada de excelente serviço de abastecimento d'água e de esgotos.

Encontramos por todo o território, mesmo na zona rural, postos médicos com aparelhamento adequado, e ficamos supressos com o perfeito funcionamento do Posto de Puericultura, onde assistimos às consultas matinais e à cerimônia da conclusão do Curso Popular de Puericultura, com entrega de diplomas a quase cinco dezenas de mães de família.

O hospital é dos melhores já vistos no país, com esplêndidas salas de operação, dotadas do melhor aparelhamento cirúrgico conhecido. Há salas destinadas à otorrinolaringologia, ao serviço de olhos, enfim, a todas as especialidades. A maternidade, que ora funciona anexa ao hospital, será inaugurada brevemente, pois o edifício está quase concluído.

Não foi, também, descuidado o setor do abastecimento. A carne passa por tratamento adequado em matadouro recentemente instalado, com frigorífico mantido pelo governo do território. Nas redondezas da cidade está a Fazendinha, também pertencente ao território, onde se cultivam as frutas da região, as hortaliças, destinadas a abastecer o mercado da capital.

Os edifícios públicos foram planejados e executados sob os melhores moldes da arquitetura moderna. Como exemplo, citarei o excelente Palácio da Justiça, o Forum de Macapá, cuja construção está em vias de conclusão.

Dotada de mercado, banheiros públicos, ponte de desembarque, forno crematório, hotel, rádio emissora, cinema, radiotelefonia internacional, pode dizer-se que a cidade de Macapá é, hoje, uma das melhores do

Brasil, sob todos os pontos de vista. Comuniquei-me de lá com esta capital, pelo telefone, como se estivesse falando da Câmara para a minha residência.

Foi-me dado assistir à inauguração da ponte sobre o Rio Tracajatuba, na estrada que demanda o município de Oiapoque e que terá 602 quilômetros de extensão, esplêndida rodovia que percorremos na distância de cerca de 200 quilômetros, com obras de arte, de piso, em permanente estado de utilização.

O SR. ARAL MOREIRA — Na qualidade de membro integrante da comissão, quero, também, corroborar quanto V. Ex.^a. expõe da Tribuna. Direi mais ainda: reputo o território do Amapá uma das maiores obras do governo Getúlio Vargas, lamentando, apenas, como todos os habitantes da região, que S.Exa, ainda não lhe tenha dado a honra de uma visita.

O SR. CARLOS LUZ — Sem dúvida alguma, a criação do território do Amapá é das melhores obras do presidente Getúlio Vargas. S. Exa. andou acertadamente ao criar esse e outros territórios. O que lá tivemos oportunidade de verificar, dá-nos a segurança de que bem agirá a Câmara dos srs. deputados, se não entravar a emenda constitucional que vai permitir a criação de outros centros de civilização no país, por meio de novos territórios. Já se acham inaugurados 180 quilômetros de estrada de rodagem no município de Macapá, 212 no de Amapá e 12 no de Oiapoque. A V Exposição de Animais e Produtos Econômicos foi, realmente, certame que nos encheu de verdadeiro júbilo patriótico, por verificamos o esforço notável dos criadores, dos lavradores, dos industriais da região.

O SR. ARMANDO CORREA — Sou filho do estado do Pará, do qual fazia parte o território do Amapá. O lugar era considerado castigo: para o Amapá, seguiam as autoridades que caíam no desagrado do governo estadual. Fui para lá em 1935, e, como promotor público, servi durante dois anos, saindo atacado de impaludismo. Com satisfação ouço as referências do nobre colega e, falando francamente, sou partidário da criação dos territórios. Tomara Deus no Pará surjam novos ertritórios nas condições do de Amapá.

O SR. CARLOS LUZ — Obrigado a V. Exa.

Vimos, na Exposição, magníficos exemplares de gado vacum, não somente o zebu, vindo aliás, do Triângulo Mineiro, mas também animais de raças europeias finas, como o holandês, e exemplares de equídeos, de suínos, de aves domésticas bem como produtos dos agricultores e da indústria incipiente.

O SR. FELIX VALOIS — Todos nós, representantes de Territóriosentimo-nos orgulhosos com as palavras de V. Exa., justas e merecidas, sobretudo pelo elevado conceito em que temos o orador. De fato, o Amapá é exemplo dignificante. Devemos atentar, entretanto, para dois motivos, que determinaram esse progresso. Preliminarmente, desde a criação do território até o presente, houve ausência de forças estranhas. Ali só permaneceram seus legítimos representantes, isto é, governador e deputado, todos aliados, gozando da confiança do presidente da República.

O SR. MEDEIROS NETO — Estou de acordo com V. Exa.

O SR. FELIX VALOIS — Isso não ocorreu com o território do Rio Branco, por cujo soerguimento estamos trabalhando. A força estranha que está atualmente desgraçando o Maranhão, desgraçou também aquele território. Basta dizer que o edifício do Foro, citado por V. Exa., lá não tem sequer os alicerces. No entanto, foram gastos mais de cinco milhões de cruzeiros, em virtude da interferência de forças estranhas. O segundo motivo é a honestidade, a elevação com que representantes do povo, o governador, a administração, profundamente aliados, trabalham nessa grande obra. Isto é fundamental na criação dos territórios. Representantes do Rio Branco, felicito o Amapá. Espero que obra idêntica seja ali realizada. Estou certo de que o atual presidente da República, o criador dos territórios, dará ao Rio Branco, nos próximos dias, uma grande figura de governador, que terá a confiança de S. Exa., e o inteiro apoio para essa obra.

O SR. CARLOS LUZ — Aliás, em relação à representação do Amapá e ao seu governo, tivemos oportunidade de frisar, naquela capital, como esse fato é benéfico para o desenvolvimento do território. O deputado Coaracy Nunes, que representa com alta dignidade e operosidade sem par aquele território na Câmara dos Deputados, trabalha de comum acordo com seu governador, e assim se pode operar grande rendimento em favor da região.

O SR. FELIZ VALOIS — Sem esse acordo comum nada é possível. Basta dizer que o homem de bem, que indique para governador, e aceite pelo Sr. presidente da República, sentia-se forte, em pouco tempo, com o apoio das forças estranhas, que já não quer mais falar com o deputado, nem sequer no programa orçamentário.

O SR. CARLOS LUZ — Mas, Sr. Presidente, vejo que o tempo se vai escoando e eu ainda queria fazer referências às grandes riquezas mineiras daquele território, especialmente à exploração do manganês.

As jazidas de manganês, descobertas às margens do Rio Amapari, afluente do Araguari, por um caboclo de quem se orgulha o território, Mario Cruz, estão calculadas em vinte milhões de toneladas de manganês da melhor qualidade, com teor médio superior a 50%. Em virtude do decreto-lei, estão elas sob regime especial de exploração, consideradas como reserva nacional. O governo do território mandou abrir concorrência para a exploração delas.

Apareceram três companhias concorrentes: a Meridional de Mineração, subsidiária da United States Steel; a Hana Exploration Company; a empresa de Minas Gerais, Indústria e Comércio de Mineração, ou ICOMI, que foi a preferida e já está explorando as jazidas da Serra do Navio, no Rio Amapari.

Evidentemente, essa empresa não poderia, com os capitais nacionais, fazer a devida exploração do minério e a construção da Estrada de Ferro, com 220 quilômetros, da Serra do Navio a Macapá, além do porto de embarque, obra também vultosa, tudo calculado em mais de 700 milhões de cruzeiros.

Promoveu-se, então, entendimentos com o Banco Internacional para reconstrução e fomento, que vai financiar, com 35 milhões de dólares, o empreendimento. Exigia o Banco que se desse uma garantia de marcos. Surgiu nessa ocasião, a Bethlehem Steel Corporation, que fez um contrato com a ICOMI que foi objeto de lei desta Casa, em virtude da qual a companhia americana não poderá ter mais de 49% das ações da companhia fundada com aquele objetivo.

Pois bem. A Estrada de Ferro está sendo locada; o porto já se encontra em construção, conforme verificamos, e dentro de dois anos a exploração das jazidas em toda a sua plenitude será uma realidade. Bem

podemos avaliar o que será nessa ocasião o território do Amapá, com os grandes transatlânticos atracando no novo Porto de Santana, com a nova Estrada de Ferro, trazendo, em condições magníficas, o minério da Serra do Navio até o porto, com a conclusão da grande rodovia, que demanda o extremo norte da República, no Oiapoque.

Firmada a administração nas bases seguras em que a colocou o governador Janary Nunes, auguramos para o território do Amapá grande futuro, certos de que, em pouco tempo, será um dos melhores e dos mais poderosos estados da Federação.

O Sr. FELIZ VALOIS — Será o caminho indicado para recuperação econômica daquela região e da Amazônia.

O Sr. CARLOS LUZ — Além do manganês, dispõe o território do Ferro de Santa Maria, do Rio Maracá e do Rio Cajari; da cassiterita do Igarapé dos índios; do ouro de Calçoene, Caciporé, Amapari, Gaivotas, Leon; de tantalita, rutilo, areias monazíticas, diamantes e outros minerais.

Assinalo, com prazer, a finura, a graça, o alto grau de cultura da sociedade de Macapá, que tivemos oportunidade de admirar nas diversas reuniões sociais a que estivemos presentes, inclusive o belo jantar que nos ofereceu o Rotary Club local.

A capital é sede de uma Prelazia dirigida pelo jovem e ilustrado, Monsenhor Aristides Pirovano, que está empenhado na construção de importantes edifícios para obras sociais do território.

Antes de terminar, quero fazer referência especial à Força Aérea Brasileira, em cujos aviões fomos transportados na ida e na volta, os quais tiveram como pilotos o major Carlos Moreira Lima e o tenente Ayrton Daniel Ribeiro (avião-20-33), o capitão Ivan Teixeira Leite e o tenente Colombo Cristovão (avião 20-18), oficiais que honram a nossa aviação militar. Neste breve relato da nossa viagem ao Amapá, do qual fui forçado a cortar diversas referências, pela escassez de tempo de que disponho, não poderia deixar de frisar o valor desses distintos e valorosos oficiais da FAB.

PRODUZIR MAIS EM BENEFÍCIO DE CADA UM E DA COLETIVIDADE

O General Odylio Denys na região do
Oiapoque. Em entrevista à *A Vanguarda* o
General Denys enaltece a administração
do Amapá

NO OIAPOQUE

Gentilmente, o general Denys nos declarou:

“Na viagem que fiz há dias a Clevelândia, para inspecionar o 3º Batalhão de Fronteira, tive ocasião de observar algumas localidades do Oiapoque, como também Macapá, sede do governo do território federal do Amapá”.

TRABALHO CONSTRUTIVO

Solicitamos ao General Denys suas impressões do território:

“Pode-se constatar à primeira vista — disse-nos o comandante da 8.ª R.M — o trabalho eficiente e construtivo que nesses lugares tem desenvolvido o governador do território, capitão Janary Gentil Nunes, auxiliado por uma plêiade de colaboradores escolhidos e dedicados”.

“O capitão Janary é um excelente administrador. Trabalha com entusiasmo e método, despertando a cooperação e a boa vontade, que são os principais fatores do progresso ali verificado.

A ATUAÇÃO DO GOVERNADOR JANARY NUNES

Após ligeira pausa, continua o general Denys:

“Deve-se admirar o que ele tem feito com verbas relativamente escassas. É grande o impulso que tem dado ao território, criando condições favoráveis à vida de seus habitantes, como a construção de casas higiênicas, iluminação elétrica, organização de postos de saúde e hospitais, abastecimento de água potável e instrução da juventude. Tais providências denotam a clarividência de um espírito prático, conhecedor dos principais problemas que dificultavam a vida local. O governador, assim, funda os alicerces da grandeza de uma população que bem precisava de um dirigente que compreendesse suas necessidades e orientasse seu trabalho para produzir mais em benefício de cada um e da coletividade.

E O PROGRESSO CONTINUA

Falava-se o general Odylio Denys com franco entusiasmo sobre quanto pode observar no Amapá. E sobre as novas obras e iniciativas que ali se registram, disse-nos o general Denys, finalizando a entrevista:

“A ação do governo do território está sistematizada de tal modo que suas realizações vão se sucedendo de forma lógica, todas como que constituindo elos que asseguram de forma permanente o bem-estar de seus habitantes.

O capitão Janary é um exemplo da capacidade do brasileiro para administrar. A geração atual pode-se orgulhar de tê-lo como um de seus mais operosos e inteligentes representantes. Com o seu patriotismo, com a fé que deposita em sua gente, com o seu espírito esclarecido, é um animador do trabalho e do progresso.

(Do jornal Amapá de 1º-6-1946)

QUEM VISITA O AMAPÁ
VOLTA COM O ESPÍRITO
REVITALIZADO, ORGULHOSO
DE SER BRASILEIRO

General Pery Constant Bevilaqua

“Quem visita o Amapá volta com o espírito revitalizado, orgulhoso de ser brasileiro. A obra do governador Janary, sob todos os pontos de vista, é digna de encômios, pois é uma obra no sentido profundamente humano de valorização sistemática do homem e da terra. Volto com mais orgulho de ser brasileiro, com a confiança no futuro da Pátria, mais fortalecida. Moços e velhos precisam visitar o Amapá. O plano de agricultura consorciada está destinado a promover uma verdadeira revolução social pacífica, dentro do território. O trabalho do governador Janary é uma obra ciclópica. Só os que lá vão podem julgá-la”.

(General Peri Constant Bevilaqua — 18-2-1954)

A NATUREZA JÁ SE SUBMETE AOS DESÍGNIOS DO HOMEM

Fala às *Folhas*, o Dr. Vargas Neto

Disse-nos o seguinte:

“— A impressão que se colhe, desde logo, ao chegar ao território do Amapá, é a de assistir à criação de uma civilização. Cai por terra a velha crença de que nada é possível de estabilidade e grandeza na zona equatorial. O homem domina a natureza. Foi um prazer patriótico para mim, constatar o trabalho profícuo e inteligente do capitão Janary Gentil Nunes, um pioneiro da recuperação do presente, e uma fonte de entusiasmo e esperança para o futuro.

O que de mais relevante ele obteve foi o espírito de equipe para os seus auxiliares a par de um senso de responsabilidade para com a Pátria comum e um desinteresse pessoal altamente construtivo e nobre.

No território do Amapá a natureza já se submete aos desígnios do homem para a grandeza do Brasil.

Está saneado o território. As escolas surgem em todos os cantos, até no mais afastados. A agricultura e a pecuária são fomentadas, racionalizadas, melhoradas pela técnica.

O levantamento geológico do Amapá permitiu a exploração de minérios preciosos. O manganês, que era quase um privilégio da Rússia, aflora a céu aberto em largas extensões, e está em vias de exportação em larga escala. A saúde pública conta com vários hospitais e médicos competentes.

Já ninguém poderá dizer tudo é grande na Amazônia, e que apenas o homem é pequeno. Vi, com os olhos da alma, homens gigantes lutando pelo engrandecimento de uma terra e de uma gente. Os cuidados com o homem futuro começam com a assistência à gestante, continua no Posto de Puericultura, vai para o jardim da infância, progride na escola primária, na escola normal, no ginásio, nas escolas rurais, nas escolas profissionais, onde já se produzem muitas coisas essenciais.

Graças aos filhos, se consegue melhorar o nível de vida dos pais.

Tudo isso com aspecto científico, com planificação, com inteligência. E o dínamo que move toda essa engrenagem do progresso e da redenção moral e física do homem do Amapá, é o capitão Janary Nunes, um brasileiro jovem, oficial distinto do Exército, que troca o conforto e as delícias dos grandes centros pela aspereza de um clima e os perigos do saneamento de uma região indomada. Tem, entretanto, o prazer de redentor de seu povo e de engrandecedor de sua gleba, imatura e revolta, diziam!

Pois essa terra amadurece para a prosperidade e para a glória, sob o impulso de uma dedicação e de um descortino administrativo do seu governador.

Amapá deve orgulhar o Brasil”

(Da Folha do Norte, de 25-3-1951)

OBRA DE QUEM? DESSE TENAZ
FAZEDOR DE MILAGRES:
GOVERNADOR JANARY NUNES

Menotti Del Picchia

“...Fiz nesta terra o investimento da minha fé e da minha esperança!”. Isso a bordo do “Itaguari”, sobre a água, marulhante do Rio Mar, disse o governador Janary Nunes, referindo-se ao Amapá.

“Esse investimento resultou nisto: num rincão árido, rico, porém, de passado e de história, que o Forte de Macapá recorda solene e eterno na força monumental dos seus bastiões, surgiu o esquema de uma capital moderna, já riscada na medida da grandeza que a espera de futuro. O engenheiro, o arquiteto, o higienista, o educador, o catequista, o empreendedor de ousadas iniciativas acompanharam o administrador que se revelou estadista. E surgiu Macapá moderna, modelo setentrional da capacidade brasileira de organização. Do chão começa a romper a produção agrícola e a se multiplicarem os selecionados rebanhos.

“Deus, porém, que é brasileiro, coroou por fim a fé bravia de Janary e lhe ofertou como prêmio da sua tenacidade e patriotismo, os dez milhões de toneladas de manganês, base rela do progresso econômico da região.

“Agora é esperar pelo apoio dos trens arrastando o minério e o arfar das dragas e dos navios no porto levando para além do oceano. E a riqueza de indústria pesada no extremo norte do país. Obra de quem? Desse tenaz fazedor de milagres: governador Janary Nunes”.

*(Deputado MENOTTI DEL PICCHIA,
Do P.T.B, do Estado de São Paulo, 25-1-1954)*

UMA OBRA QUE RASGOU COM
SEGURANÇA E CORAGEM
NOVAS PERPECTIVAS PARA
ESTA REGIÃO

Artur Santos

Em visita ao território, esteve cerca de quatro dias no Amapá o deputado Artur Santos, presidente do diretório Nacional da U.D.N e destacado prócer político no estado do Paraná. Em companhia de sua digna esposa, Sr^a Gerda Santos, o presidente da União Democrática Nacional teve oportunidade de sentir o alcance do trabalho civilizador empreendido pelo governo e pelo povo da terra amapaense, observando *in loco* a realidade ambiente e os fatores que tem contribuído para a recuperação do homem e da gleba. S. Exa, durante a sua permanência no Amapá, manteve contato íntimo e permanente com todas as classes sociais, onde o ilustre homem público paranaense percebeu os contornos definidos de uma jovem civilização que assinala uma fase de renovação nesta parte da Amazônia. Estudioso, culto e dotado de rara penetração na análise dos fatos sociais e econômicos, o deputado Artur Santos levou, para o sul do país, uma visão de conjuntos do Amapá como unidade federada integrada nos quadros civilizados do Brasil, em harmonia com a moderna concepção do progresso. Sua Excelência, antes de deixar Macapá, concedeu à reportagem do *Amapá* a seguinte entrevista:

PERGUNTAS

- 1ª O que despertou interesse em V. Exa., para a concretização de sua visita ao território?
- 2ª Durante a sua permanência no Amapá, qual o aspecto que mais interessou ao espírito de homem público de V. Exa., quer como parlamentar, quer como estudioso dos fenômenos sociais e econômicos do Brasil?
- 3ª Se estabelecessemos um cotejo histórico-cultural entre o passado e o presente amapaenses, que poderíamos enxergar de mais fascinante e objetivo no curso do nosso desenvolvimento no espaço civilizado do Brasil?
- 4ª Em síntese, qual a opinião de V. Exa., acerca do destino desta gleba no que diz respeito às realizações do governo e da iniciativa privada?

RESPOSTAS

- 1ª Era velha a minha vontade de conhecer o Amapá, tão vinculado à história política do Brasil através da velha contenda em que esplendeu a glória do Barão do Rio Branco. Os reiterados convites do deputado Coaracy Nunes, extremo defensor dos direitos deste território, abriram-me a oportunidade desta visita tão grata ao meu coração e aos meus sentimentos de brasileiro.
- 2ª Homem do sul, sinto a atração da Amazônia, tão diversa no seu clima, na sua natureza, na sua topografia, na sua expressão econômica e até o seu valor humano das regiões em que nasci. Todos os seus aspectos interessam, sem dúvida, ao meu espírito. Mas, a exploração atual de suas riquezas de subsolo, notadamente o manganês, merece estudo especial pela sua repercussão na economia nacional. Visitei as obras do novo porto e as da Estrada de Ferro, ambas em fase intensiva e que asseguram a sua breve utilização.
- 3ª O que de mais fascinante e objetivo encontro, no cotejo histórico-cultural entre o passado e o presente do Amapá — para usar das próprias expressões da pergunta — é que a obra administrativa do

governador Janary Nunes rasgou, com segurança e coragem, novas perspectivas para esta região, integrando-a no quadro econômico da atualidade brasileira e marcando o seu lugar no momento histórico que estamos vivendo.

- 4^a Não pode haver duas opiniões acerca do destino desta gleba. De mim, devo proclamar, como imperativo de justiça, as realizações do governo do território do Amapá, inclusive no estímulo e coordenação aos empreendimentos da iniciativa privada.

TRABALHO MULTIFORME DE PROGRESSO ECONÔMICO E DE CIVILIZAÇÃO

Organização e técnica — Declarações do
Dr. Álvaro Souza Lima

O Dr. Álvaro Souza Lima, ex-Ministro da Viação, e presidente do Conselho Rodoviário Nacional, visitou o território. Em viagem de inspeção pelo Norte do Brasil, em sua passagem por Macapá esse ilustre homem público procurou conhecer todos os aspectos do nosso desenvolvimento. Ao se despedir fez as seguintes declarações:

“A capacidade administrativa, a dedicação ao trabalho, a honestidade e o civismo do governador Janary Nunes, vem desenvolvendo neste estreito rincão da Pátria Brasileira uma obra multiforme de progresso econômico, de cultura e de civilização, com vasta visão de conjunto, entre cujos múltiplos aspectos é difícil dizer qual o mais digno de admiração.

A obra rodoviária, em íntima e proveitosa colaboração com o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, a seleção de seringueiras para a formação de matas uniformes, o desenvolvimento agropecuário, a horticultura, avicultura e a fruticultura, a assistência hospitalar e o amparo à maternidade, a preservação de monumentos históricos, a instrução e a educação da criança e do jovem, o amparo à orfandade, a cultura física e o esporte, tudo são facetas brilhantes desse bloco notável de realizações.

E, — *last but not least* — a exploração do manganês e a construção da Estrada de Ferro do Amapá, cujo contrato de concessão, para honra

e satisfação minhas, foi-me dado aprovar, autorizar e assinar quando Ministro de Viação e Obras Públicas e cuja realização tive agora, como engenheiro e como brasileiro, o orgulho de verificar, numa obra notável de organização e técnica, em que colaboram capitais e técnicas brasileiras e norte-americanos e que constitui um padrão a ser, o quanto antes, imitado e seguido em todo o Brasil”.

“A OBRA QUE VEJO REALIZADA
NO AMAPÁ É, ANTES DE SER
ADMINISTRATIVA, UMA OBRA
DE AMOR”

Sandra Cavalcanti

“Foi o território a mais bela lição viva de amor à Pátria que já encontrei” — Palavras da educadora Sandra Martins Cavalcanti. “Nortistas, voltei ao Norte...

Diante deste rio, que desce preguiçosamente ao Sol, senti renascer em mim a habitante do igarapé. Depois de uma tão longa ausência, volto ‘sulista’ à minha terra de nascimento. E que grande lição me esperava aqui!

Mais uma vez constato que só o amor constrói.

É preciso muito amor para vencer as dificuldades de distância, doença, ignorância, desentimidade de tradição, de desfibramento moral.

A obra que vejo realizada no Amapá é, antes de ser administrativa, uma obra de amor. Uma obra à qual faltou a palavra sacrifício, o gesto de renúncia, a capacidade de heroísmo.

Nós, sulistas de moradia, precisamos todos — sem exceção —, vir ao Norte. Não ao Norte que encontrei aqui: cuidado, tratado, quase vencido.

Precisamos disso, não só para refazer as noções erradas que temos de nossos irmãos, mas para adquirir humildade diante deles!

É difícil não cair na rotina, onde o trabalho é fácil. Mas é mais difícil não cair no desânimo, onde a luta é difícil!

Lá no Sul, há muita gente que vive. Apenas vive... E porque apenas vive, vegeta. Aqui, ou se luta, ou se morre. Não há lugar para essa raça frívola de gozadores inconscientes.

A gravidade da Amazônia contagiou o seu habitante, e se transferiu para ele em forma de qualidade moral.

Deixo aqui gravado o meu encanto, a minha surpresa, a minha esperança. Tenho certeza de que nenhum motivo de estímulo será maior, de hoje em diante, do que a visão desta prova de coragem que é o Amapá. Pensando no heroísmo anônimo e silencioso de tantos de seus filhos, na dedicação maternal de seu governador, na humildade grave de seus habitantes, terei exemplos a seguir, modelos a imitar.

Contraio esta dívida com o território: Foi a mais bela lição viva de amor à pátria que já encontrei. Nunca poderei pagá-la, a não ser, tentando amar o meu país com igual carinho.

Macapá, 3 de novembro de 1951. — (a) Sandra Martins Cavalcanti”.

“EQUIPE QUE HONRA UMA GERAÇÃO”

João Carlos Vital e Valdir Niemayer

O ex-prefeito do Distrito Federal, (Atual Estado da Guanabara) doutor João Carlos Vital, e o consagrado economista brasileiro, dr. Waldir Niemayer, tiveram oportunidade de fazer as seguintes declarações:

Impressões do dr. João Carlos Vital:

“Já conhecia, desde o seu início, a obra desse grande brasileiro que é o governador Janary Gentil Nunes. Durante os últimos dez anos acompanho com o maior interesse a obra que aqui em Amapá se realiza. É realmente gigantesca a tarefa realizada, sob qualquer aspecto que se a analise. Os problemas fundamentais de educação e saúde, bem como o de transporte tiveram, desde o início dessa dinâmica e patriótica administração, um tratamento todo especial: preparava assim o jovem governador o fator humano e a sua orientação para os dias futuros, criado com o desenvolvimento econômico, que iria promover. Com a exploração das riquezas minerais, vegetais e animais exigiria de todos que aqui vivem competência, dedicação e, sobretudo, entusiasmo e confiança no Brasil. Tudo ele vai conseguindo com o seu exemplar esforço e com a colaboração leal e vibrante de um grupo de moços e de técnicos dispostos a assegurar um futuro grandioso para esse novo território. Os nossos melhores aplausos e estímulos a essa equipe que honra a nossa geração”.

Palavras do dr. Valdir Niemayer:

“A ação construtiva que nestes dois quinquênios desenvolveu, no território do Amapá, o tenente-coronel Janary Gentil Nunes, repercute em todos os meios formadores da opinião pública brasileira.

O capitão do nosso glorioso Exército que em boa hora recebeu a alta incumbência de administrar o novo território, realizou, aqui, uma tarefa que honra um povo.

Ao visitar o Amapá as emoções são sucessivas, pois os resultados já assinalados traduzem uma situação em que se manifesta claramente a missão civilizadora do Brasil no trópico.

O Amapá de hoje deixa ver as linhas do Brasil de amanhã”.

TUDO SE TORNOU POSSÍVEL PORQUE HOUE COMANDO, TENACIDADE E PLANIFICAÇÃO

Ministro Álvaro Teixeira Soares

“Ao deixar Macapá, desejo consignar uma impressão, e bem forte aliás, da visita que fiz ao Amapá: a impressão de que se deve confiar na capacidade realizadora do brasileiro. O Amapá, cujo lume tutelar é o Barão do Rio Branco, era um rincão semi--abandonado do território brasileiro. Dificuldades de comunicações, malária, despovoamento e esquecimento agravaram-lhe as condições de vida, simples vida vegetativa. No entanto, criado um dia o território federal do Amapá e confiado o seu governo ao coronel Janary Nunes, eis que tudo entra a modificar-se. Ao isolamento, sucede-se um intenso dinamismo criador, trazendo saneamento, a prosperidade, a felicidade de todos os habitantes do território. Tudo isso se tornou possível, porque houve comando, tenacidade e planificação. O que vi encheu a minha imaginação de brasileiro de profundo entusiasmo. Lançaram-se as bases, e bem fortes, das riquezas do território. Um sadio otimismo impera por toda a parte. É uma terra jovem e estuante de vitalidade. Estou certo de que a “experiência” do Amapá é hoje uma vigorosa realidade.

Será ainda mais forte, à medida que passa o tempo, disto estou seguro e só desejo rever este território dentro de dois ou três anos para atestar do seu pujante crescimento e do seu extraordinário enriquecimento econômico e social. O Amapá é, em suma, um exemplo em que devem

meditar os brasileiros que não se atemorizam com problemas — e estes procuram corajosamente resolvê-los”.

*(Impressões do Ministro ÁLVARO TEIXEIRA SOARES, chefe da
Divisão de Fronteiras do Ministério das Relações Exteriores)*

“UM REI CONSTRUINDO O SEU REINO”

Não há mendigos, cegos ou estropiados no Amapá — um mundo novo onde a vida ressurge — sistema de planejamento, método e disciplina — fé e esperança no futuro — obra fecunda e admirável do capitão Janary Nunes — palpitante entrevista concedida a *Folhas* pelo dr. Inacio Moita, magistrado e intelectual de relevo em nossa terra

— Estou entusiasmado com o que vi em Macapá. Conheci essa cidade em 1931, como juiz de direito da Comarca. A cidade não era mais que um burgo podre, abandonado de Deus e dos homens, com uma população mal passando de mil habitantes, duas dezenas talvez de velhos prédios, resto de uma época, já longínqua, de fartura e opulência; no mais, tugúrios, marasmo e miséria, onde tudo atestava tristeza, desânimo e apatia.

MUNDO NOVO

Há poucos dias, prosseguiu, lá voltei, levado por um imperativo de ordem maçônica, e do que vi, observei e senti, trouxe a impressão de um mundo novo, onde a vida ressurge com um sentido mais forte de fé e de esperança no futuro.

A cidade, capital hoje do território federal do Amapá, é o centro irradiador da atividade multiforme e dinâmico do governo e onde o observador pode ter, desde logo, uma visão de conjunto, da obra fecunda e admirável que ali está realizando o capitão Janary Nunes.

O que, de pronto, e de começo, chama a atenção do visitante, é o sistema de planejamento, de método, de disciplina, a que tudo obedece. Não vislumbrei improvisações, nem obras de fachada no açodamento de coonestar gastos ou justificar verbas, mas trabalho pertinaz, senso realístico e consciência das dificuldades a superar como consequência e desdobramento das próprias etapas vencidas.

Não constitui elogio em dizer, senão simples verdade, a proclamar, que a administração do capitão Janary Nunes, é modelar e vale por uma grande lição aos que recebem encargo de dirigir, postos de responsabilidade e de destinos do vasto território do Amapá, merecem ser conhecidos e exaltados, como um dos testes mais eficientes na recuperação e valorização da terra e do homem na Amazônia.

TÉCNICA E PROBIDADE

A essa altura da entrevista, perguntamos:

— Verificou se o trabalho técnico se fez sentir no território?

— Perfeitamente. A equipe de técnicos, diretores de serviço e auxiliares, de que se cercou e dos quais é o principal animador e colaborar, é um dos saltos pontos da administração do jovem militar.

Acrescenta-se a isto, uma probidade acima de qualquer suspeita, no emprego dos dinheiros públicos, uma disciplina e um espírito de ordem e metodização, que lhe advêm de sua formação de militar, o contagiante entusiasmo de moço, nascido na grande Planície, onde esta encravado o próprio território que lhe coube dirigir, e ter-se-á a razão de ser da vitória de seus empreendimentos, naquele imenso trato de terra “molhado ainda do dilúvio” mas “talhado pr’as grandezas, pr’a crescer, crear, subir”, na expressão condoreira de Castro Alves.

E aduziu: Quem visita o território, encontra ali aquela potência de vontade de que falava Nietzsche, e o impulso criador que dá um senti-

do eufórico à luta pela vida. Em qualquer setor de atividade humana, reponta e ressalta a atuação do governo, já coordenando e incentivando o esforço individual, já sobretudo, resolvendo com seus recursos próprios, os mais sérios problemas de educação, saúde e colonização, com soluções adequadas ao meio, ao ambiente, às necessidades e condições específicas do homem e do seu *habitat*. Neste plano as realizações do governo territorial fogem ao comum e têm qualquer coisa de estranho e de inédito, em pleno coração da Amazônia.

SANGUE E SEIVA

Após acender um cigarro, oferecendo-nos outro, assim continuou o nosso ilustre entrevistado:

— Pois não é certo que se deve começar pelo princípio, *ab initio est ordiendum*, como diziam os velhos mestres da sabedoria? Em Macapá, a obra do capitão Janary para chegar à galhada, que dá sombra e fruto, começou pela raiz, que é sangue e seiva. Lá está, num dos ângulos da cidade, a maternidade, com todo o aparelhamento necessário à sua gloriosa finalidade; noutra recanto, o Posto de Puericultura, com salas amplas para os serviços do pré-natal e assistência à infância, onde vi futuras mães tomando merendas substanciais e pimpolhos se preparando para a pesagem e recebendo alimentação adequada sob a vigilância do médico e de enfermeiras. Mais adiante, o jardim da Infância, com o mais completo equipamento educacional, numa das alas do Grupo Escolar “Barão do Rio Branco”, edifício que chama a atenção pelo estilo e pela grandeza com salão de projeção para o cinema educativo, e onde 1.200 crianças recebem instrução primária e à maioria das quais, o governo fornece, gratuitamente, todo o material escolar além de uniforme e sapatos, sem falar na merenda, de que todos, remediados ou pobres, participam; contígua, a Escola Profissional, com três pavilhões — oficinas de ferreiro, serralheiro e sapateiro, em plena faina de ensino e produtividade; logo adiante a Escola de Trabalhos Manuais e um pouco mais longe, a Escola Doméstica, tudo a atestar um trabalho de entrosagem e coordenação, sistemático e largamente compensador nos

seus resultados práticos. Um Ginásio e uma Escola Normal, completam e formação intelectual da Juventude sadia do território.

READAPTAÇÃO SOCIAL

Indagamos, então, se o Dr. Moita havia observado o sistema penitenciário ali adotado, e como o encarava, ao que nos respondeu:

— Até os que erraram e delinquiram, encontram ambiente favorável de readaptação social no sistema penitenciário ali em execução. Fora da cidade, na rodovia, há um presídio, mas os presos moram com suas famílias ao lado, em casinhas próprias, lavram a terra ou extraem pedras e madeiras que vendem ao governo e assim, dizia-me o meu cicerone, doutor Flávio Maroja, chefe de polícia do território, não perdem o hábito do trabalho, a que acrescentei: nem o sentimento da personalidade e da dignidade humana, que é tudo na vida.

REALIZAÇÕES DE VULTO

Continuando a sua explanação de observador acurado, disse-nos:

— Entrei no Hospital, um edifício de linhas simples e sóbrias, mas amplo e imponente onde o profissional mais exigente encontrará, até nos pequenos detalhes as condições e os elementos necessários ao seu trabalho, desde o fichário, até o aparelhamento moderno e complicado dos raios-X; cirúrgico, odontológico, otorrino, traumatológico lavanderia mecânica e luz própria. É uma realização de vulto, que honra e enaltece a diretriz do governo no setor de saneamento e saúde pública.

FAZENDINHA

Fazendinha, foi esclarecendo, a 13 quilômetros da cidade, é a futura estação experimental donde se irradia o grande impulso para a recuperação do solo e do rebanho, e cujo frutos já se começam a colher, com

uma nova mentalidade, banindo os velhos hábitos rotineiros dos lavradores e criadores da região. Um Matadouro pequeno, mas com todos os requisitos modernos, completa em Fazendinha, ao lado de pavilhões de beneficiamento de arroz, milho e mandioca, a obra do governo, nesse setor de atividade pública. Num dos bairros da cidade, um casarão em forma de H; e a Olaria, de enormes proporções, com maquinaria moderna e completa, fabricando desde as telhas, tijolos, ladrilhos, em larga escala, até azulejos, banheiras, placas de marmorite, para todas as construções do território. Perto da Fortaleza, o Frigorífico, já pronto para corresponder ao ritmo acelerado do desenvolvimento da cidade, que de mil e poucos habitantes, passou a quase onze mil no recenseamento deste ano. E comentou:

— Aquele burgo podre de há vinte anos, é hoje um centro de civilização e cultura que se expande, tentacular e ruidoso, em bairros residências, ruas largas, praças de esportes, com serviço de luz elétrica que não tem colapsos, quer de dia quer de noite, água encanada e esgotos, estes últimos ainda não terminados, a cargo do SESP, mediante contrato com o governo.

EM CONTATO COM O POVO

O jornalista, enquanto outros dois cigarros eram acendidos, perguntou:

— Como vivem governo e povo no Amapá?

Pacientemente, ante tanta curiosidade nossa, o Dr. Motta satisfez-nos:

— Meu desejo de ver e observar me levou mais longe, ao convívio de velhos jurisdicionados, ao contato com o povo e por toda a parte onde andei, não vi mendigos, cegos ou estropiados estendendo a mão à caridade pública, panorama tão comum em cidades do nosso interior, mas crianças sadias e um povo que trabalha, sofre, soar, progride e enfrenta com coragem e confiança a luta pela sobrevivência.

O padrão de vida é alto, mas há trabalho para todos com salários elevados e compensadores. Há entendimento e compreensão entre governo e povo, em cujo meio a palavra de ordem parece ser apenas trabalhar,

cooperar, colaborar com os que têm responsabilidade na administração, para o bem da terra comum. Aqueles possíveis atritos, mal-entendidos, incompreensões dos primeiros dias de desbravamento do território, inevitáveis e naturais entre a mentalidade nova, trepidante dos que chegavam para renovar e os que já lá estavam, aferrados aos hábitos rotineiros, coloniais, descrentes de promessas até então nunca realizadas, já constitui um passado remoto, quase anedótico, na história da cidade.

Os a quem ouvi e falei, e foram muitos e de todas as camadas sociais, só tinham palavras de fé e de coragem nos destinos da terra e de louvor e confiança para os que a dirigem, porque todos se sentem garantidos, estimulados e amparados por um governo que é o primeiro a dar o exemplo de trabalho, honestidade e respeito à Justiça.

E arrematou as suas impressões, sem esconder o seu lirismo de apreciado intelectual, assim:

— E foi entre o povo que encontrei a própria exaltação da obra silenciosa, pertinaz, metódica, mas dinâmica, eficiente e pragmática do capitão Janary Nunes:

Ao despedir-me de tudo aquilo que os meus olhos descortinaram, entre surpreso e encantado, já no avião, de volta a Belém, a visão panorâmica do grande rio me recordou as palavras do sábio naturalista, ao defrontar a corrente potâmica que corta a Planície: “The king is building his kingsdom”.

Também no território do Amapá, o homem recupera-se a si próprio e lenta mais obstinadamente já vai sendo senhor do seu próprio destino, e como o rio, o seu lendário rio, é um rei construindo o seu reino.

(Da Folha do Norte de Belém, 24-11-1950).

UM HOMEM E SUA OBRA

Aderbal Melo

Não são poucas as pessoas que nos têm falado, elogiosamente sobre o último discurso proferido em Macapá, pelo eminente governador Janary Nunes, nosso grande amigo. Essa circunstância, porém, não nos inibe e nem nos torna suspeito de ficarmos colocados entre quantos admiram esse administrador, esse estadista, esse soldado que se revelou um brasileiro de méritos inconfundíveis. Por que os admiradores do capitão Janary e de sua obra estão espalhados por todo o Brasil e até pelo estrangeiro em legiões. E convém notar que essa auréola honrosa não nasceu senão dos seus atos acertados, pois o capitão Janary a criou, sem tal preocupação, apenas mostrando o seu trabalho, a sua tenacidade, a sua honradez, o cumprimento do seu dever. Sempre afastado da política, dentro e fora do seu território só cuidou do território, dos seus problemas maiores e menores de seu povo, da sua infância, da sua saúde e da sua instrução.

Nunca o surpreendermos presidindo reuniões político-partidárias, nem a desviar a sua atenção para as confabulações e as intrigas que vivem com a política. Enquanto isso acontecia com outros, o capitão Janary estava traçando ali. Fez e continuará sendo feito até o último dia de sua benemérita e fecunda administração. O seu discurso, a que nos referimos, foi aplaudido em todo o Brasil, porque nele o orador mostrou a sua prestação de contas com o povo. Nem ele, e nem os seus auxiliares mais altos, proclamou “sairá milionário”. Os milionários que ficarão no Amapá são os que recuperaram a saúde, os que obtiveram a luz da alfabetização, os que aprenderam a disciplina e o trabalho. São

os milionários, na bela região, os que ali nunca viram o pano verde onde tilintam as fichas das roletas, porque os jogos de azar foram banidos do Amapá. São milionárias as criancinhas e as gestantes que se viram eficientemente amparadas por um Posto de Puericultura que honra o Brasil. Ficará como milionário de todas as venturas todo o povo do Amapá, esse povo heroico que jamais olvidará o seu governador, o seu amigo, o seu irmão, o seu condutor invejável. Estamos certos de que nossas palavras traduzem o pensamento coletivo, não de um território, mas, em verdade, de uma nação, pois os seus representantes mais eminentes, de todos os partidos políticos, já manifestaram, publicamente, a sua admiração diante do que viram de grande no grande Amapá.

E o futuro ainda falará com mais eloquência. — ALOM

(Transcrito da Folha do Norte, de 14-11-1950).

DESCORTINO

Vitor do Espírito Santo

Se fosse possível encontrar-se um grupo de jovens entusiastas da entregadura do capitão Janary Nunes para a eles ser entregue a tarefa de administrar pequenos territórios nacionais, creio que não haveria quem não aceitasse a divisão de alguns dos grandes estados do Brasil, prejudicados pela sua própria imensidade, em pequenas unidades territoriais de administração autônoma.

Mas o difícil é encontrar gente capaz para o encargo. O exemplo do Acre está aí diante de nós. Território criado há muitos anos, o Acre não progrediu. Pelo seu governo passaram muitos brasileiros, alguns até com comprováveis qualidades de excelentes administradores particulares e grandes patriotas. Mas o Acre não progrediu. Estacionou. Ficou no mesmo plano de atrasados municípios da Amazônia. Dizem que agora está sob um grande impulso de progresso e crescimento. Oxalá assim seja.

Já o mesmo não sucede com o Amapá. Entregue desde a sua criação à energia moça e cheia de entusiasmo patriótico de Janary Nunes, o Amapá tem evoluído de maneira extraordinária. Tão grande tem sido o surto de progresso, naquele antigo pedaço da Providência do Pará que não será temeridade vaticinar-se um futuro grandioso para aquele trecho de setentrião brasileiro.

Vai agora o Amapá receber o influxo de uma iniciativa de resultados certos. Depois de encarar com decisão o problema da exploração do manganês do território, o capitão Janary Nunes conseguiu que o Governo Federal lhe garantisse a realização de um empréstimo externo destinado a obras que darão ao Amapá aquilo de que ele mais necessita no momento: estradas de rodagem e vias férreas, portos e meios de comunicação, saneamento.

Há dois anos, realizei uma visita ao Amapá. Tive então oportunidade de constatar a grandeza da obra que ali se executa, levada a efeito por uma equipe da qual o elemento mais idoso não tem ainda 40 anos de idade.

Estou novamente convidado para voltar ao Amapá. Diz-me o deputado Coaracy Nunes que vou ali encontrar muita coisa nova, muita obra realizada, capaz de por si só recomendar de maneira definida à gratidão do povo Amapaense o descortino da sua administração.

Se eu não tivesse já constatado pessoalmente, em companhia de vários deputados, esse descortino invejável, poria em dúvida a palavra de Coaracy Nunes, que pode até ser arguida de suspeita.

Mas eu já vi o que se faz no Amapá. Por isso, estou certo de que, de regresso daquela longínqua região, só terei razão para lamentar que não haja um punhado de Janary Nunes para, entre eles, dividir algumas administrações territoriais. Seria um meio de se levar o progresso a regiões que vivem presentemente em completo abandono.

E como lucraria o Brasil se tivesse em seu território imenso uma porção de Amapá!...

“ACREDITANDO NO FUTURO DO BRASIL”

No Amapá tudo é vida e progresso — saúde e instrução excelentes — obra de grande valor, a do governador Janary Nunes — o minério de manganês e o futuro do Brasil — o Capitão-de-Mar-e-Guerra Cordeiro da Graça, Comandante do 4º Distrito Naval, dá suas impressões sobre o território do Amapá

“— A minha impressão do Amapá é a melhor possível. Devo dizer mesmo que tudo o que vi excedeu à minha expectativa, sobretudo nos importantes setores da Saúde, Ensino e Indústria. Vê-se um povo satisfeito e saudável porque desfruta da saúde, da educação e da segurança.

MÉTODO PRECONIZADO

Continuando a expor suas impressões, disse-nos S. Exa:

— Um dos métodos preconizados como fatores de progresso, é o da formação, em cada região, do seu próprio operariado especializado, pois no Amapá esse método está em prática. Da sua excelente Escola Industrial sairão os profissionais para todos os ramos da indústria, depois de receberem o melhor preparo.

Mas, não só isto, a infância e a juventude recebem aprimorada educação, existindo escolas disseminadas por todo o território. Isto é admirável, máxime quando se constata, *in loco*, o aproveitamento obtido por milhares de brasileiros.

Depois, colaborando com a saúde, ali se ergue o hospital de Macapá, um estabelecimento modelar. Nada mais se pode exigir para essa obra. É completa como completo é o Amapá.

BELA PRAÇA DE ESPORTES

Assisti ao alto inaugural da praça “Barão do Rio Branco”. É uma praça pública bonita, larga, onde a juventude tem todos os esportes. Não seria possível desejar coisa melhor nem mais eficiente.

E a Olaria, noutra ângulo da cidade, é uma realização de grandes proporções, que logo chama a atenção do visitante. Vi a sua grande produção para todo o território, concorrendo para o mais rápido andamento das obras.

PUERICULTURA

No terreno da puericultura, o posto existente em Macapá é magnífico. Funcionando diariamente e sem interrupção, promove assistência a todas as gestantes e seus filhinhos. Nada falta nesse posto em material e em pessoal habilitado. Fiquei mesmo impressionado com o que vi de carinho e de eficiência lá dentro, inclusive o lactário.

PECUÁRIA

Estive na Fazendinha, onde se localizam os trabalhos em favor da pecuária do território. Esse setor não fica atrás aos outros, mostrando já os mais animadores resultados.

RODOVIAS

Sobre as rodovias que percorri, devo frisar que todas elas são excelentes e estão concorrendo para maior expansão da região e seu comércio.

UM PRÊMIO

Nessa altura de sua explanação, serena mas observadora, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Cordeiro da Graça, reportando-se à sua visita à Serra do Navio, onde chegou depois de transpor várias corredeiras, em companhia do Sr. Paulo Bremer, “um grande técnico em minas”, como disse, contou-nos o seguinte fato:

— Quando me achava na Escola da Serra do Navio, a sua professora apontou-me uma aluna, uma garotinha viva e inteligente, mandando que a mesma recitasse. A caboclinha foi para o meio do salão e declamou a poesia “O meu Brasil”, de Olegário Mariano. E o fez com tanto desembaraço que entusiasmou o auditório, recebendo muitas palmas. Eu, por minha vez, gostei imensamente da garota, de sua vivacidade, de sua maneira de recitar, que achei ser ela merecedora de um prêmio. E, ali mesmo, fiz-lhe entrega de uma lembrança, que agradeceu emocionada.

UM MATADOURO COMPLETO

— Macapá, uma capital alegre e aprazível, possui o mais completo matadouro que conheço. Deixei esse próprio público verdadeiramente entusiasmado. Tudo quanto se possa desejar de moderno nesse mister existe no Matadouro da Fazendinha, prestes a ser inaugurado. É uma grande e utilíssima realização.

ACREDITANDO NO FUTURO DO BRASIL

Chegando ao fim de sua explanação, demonstradora de uma observação meticulosa e imparcial sob todo e qualquer ponto de vista, o comandante do 4º Distrito Naval comentou:

— Confesso que não julgava estivesse o território do Amapá sob uma administração tão segura e produtiva. Posso dizer, usando uma frase popular, mas que é expressiva, considerar o capitão Janary Nunes, homem culto e afável, um governador de mão cheia. Isto sintetizará bem o que é a sua eficiência e o acerto de seus planos e realizações. A sua obra no Amapá é de grande valor e altamente promissora para o Brasil. Não é fácil encontrarmos regiões com tanto progresso e tanta ordem, desfrutando um clima de liberdade, de confiança, de alevantamento. Posso dizer que visitando o Amapá se crê no vitorioso destino do Brasil. E a futura exportação do minério de manganês amapaense, levando para ali uma estrada de ferro e um porto excelente, concorrerá robustamente para o engrandecimento econômico do país.

(Da Folha do Norte, de 8-12-1950).

“PARLAMENTO DE GRAÇA”

Francisco Galloti

A *Rádio Continental* do Rio de Janeiro, no programa “Parlamento de Graça” irradiado no dia 11 de dezembro de 1950, às 20h55, transmitiu aos ouvintes de todo o Brasil a seguinte palestra proferida pelo senador Francisco Gallotti:

“Faço hoje interrupção das palestras para falar alguns instantes ao Brasil a respeito do território do Amapá. Visitamos, com alguns parlamentares, dentre os quais os senadores Ernesto Dornelles, Jones Neves e Alvaro Maia — Três senadores eleitos governadores, respectivamente, do estado do Rio Grande do Sul, do estado do Espírito Santo e do estado do Amazonas, — o território do Amapá, atendendo ao gentil convite do senhor capitão Janary Nunes, seu governador.

Apesar de cansativa viagem aérea e do exaustivo programa realizado, só temos de nos julgar felizes pela oportunidade que nos foi dada de conhecer aquele pedaço da terra brasileira. Em primeiro lugar devemos salientar a ação enérgica, dinâmica e patriótica do seu governante. O senhor governador Janary Nunes é o verdadeiro *the right man in the right place*. Toda a dedicação, todo o trabalho, todo o entusiasmo é a característica orientadora do ilustre governador. Além de suas qualidades pessoais, é de salientar a felicidade com que soube encaminhar para o Amapá, como seus auxiliares, uma equipe de brasileiros moços, inteligentes, dedicados, de modo a formar um conjunto de trabalho construtivo e eficiente. O Amapá é, sem dúvida, a terra promissora que se apresenta com enormes possibilidades para a grandeza do Brasil. Percorremos boa

parte do território. De tudo, a impressão foi ótima. Gente boa, gente que quer vencer pelo trabalho e que colabora com o governo.

Como brasileiro nos orgulhamos dos nossos irmãos amapaenses, nos congratulamos, com o ilustre governador Janary Nunes e seus dedicados auxiliares.

A convicção que firmamos é de que o Amapá, dentro em breve, constituirá uma unidade que muito contribuirá para a grandeza do nosso amado Brasil.

Aos amapaenses, as nossas saudações e votos de muitas felicidades”.

O DIA DE MAIOR EMOÇÃO
PARA A MINHA ALMA DE
PATRIOTA FOI, SEM DÚVIDA,
O QUE PASSEI NO AMAPÁ

Apolônio Sales

Discurso pronunciado pelo senador Apolônio Sales, no Senado Federal, ao relatar o parecer da Comissão de Finanças, sobre a garantia para o empréstimo do manganês.

É o seguinte o texto da oração proferida pelo eminente senador pernambucano, no dia 3 de novembro de 1950:

“O SR. APOLÔNIO SALES — Sr. presidente, designado pelo presidente da Comissão de Finanças para relatar o presente projeto, requeri o prazo regulamentar para consultar os colegas daquele órgão técnico sobre o parecer que proferiria em Plenário. Externo, agora, fielmente, o pensamento da Comissão, que, por unanimidade, julgou acertada a opinião favorável à concessão das garantias necessárias à realização do empréstimo que a Indústria e Comércio de Minérios S.A (ICOMI) pretende contrair com o *International Bank for Reconstruction and Development* para a ampliação das instalações mineradoras de manganês do Amapá. Recentemente, tive oportunidade de visitar a Amazônia e de lá transportar-me para o território do Amapá, onde fui espectador da nova era de prosperidade que se inicia naquele longínquo trecho do território nacional.

Confesso, Sr. presidente, que dessa excursão pelo Norte, o dia de maior emoção para a minha alma de patriota, preocupado com os assuntos econômicos do Brasil, foi, sem dúvida, o que passei no Amapá.

Pude verificar, como se inaugurou, naquele ponto da nossa Pátria, um regime de trabalho, de operosidade, de incansável esforço pelo enriquecimento da nação. Na verdade, o ilustre governador Janary Nunes vai impulsionando todas as reservas e energias do povo e — por que não dizer-se? — da terra, em benefício da prosperidade comum do país.

Fui, então, sabedor do esforço ingente que aquela autoridade está envidando a fim de colocar o território do Amapá na trilha dos estados mais dinâmicos da Federação. O que mais empolga, quando nos aproximamos de S. Exa., é sabermos que volveu a atenção, sobretudo, para as riquezas minerais existentes naquele perdido rincão brasileiro. Descobriram-se, na região, riquíssimas jazidas de manganês, que não deveriam ficar apenas como registro lisonjeiro do acervo da nossa opulência mineral. O governador procurou iniciar a exploração destas minas solicitando de todos cooperação, batendo à porta das empresas privadas nacionais, a fim de que ali volvessem os olhos e contribuíssem com um pouco de entusiasmo, para que o aproveitamento de tais ocorrências não constituísse privilégio das zonas meridionais do Brasil.

Foi seu apelo atendido por uma empresa do grande estado minerador que é Minas Gerais, a qual, possuidora de larga experiência no mister, depois de viagens de pesquisas e estudos econômicos no território do Amapá, considerou compensadora a aplicação de capitais e energias no local, tendo em conta, não somente o sentido de uma realização patriótica, mas também no do investimento econômico altamente compensador.

A Companhia, devidamente organizada, firmou, com o governo do Amapá, contrato pelo qual a nova unidade da federação participaria com um *royalty* apreciável, das vantagens do empreendimento. Quanto à União, seria beneficiada tanto através do *royalty*, atribuído ao território, como dos impostos comumente estipulados na legislação mineira, de que o Brasil se orgulha.

Dado, assim, o primeiro passo para a exploração dos depósitos de manganês do Amapá, mais ricos em teor de minério do que quaisquer outras jazidas do Brasil, a empresa de mineração meteu mãos à obra,

tendo já empregado, a estas horas, naquele rincão longínquo, mais de vinte e cinco milhões de cruzeiros.

Pois bem, sr. presidente, não foi difícil verificar-se que a exploração do minério de manganês do Amapá, não poderia ficar restrita a um trabalho de somenos importância, tais a possança das minas, sua riqueza, o teor do minério e a demanda do produto no mercado mundial. Em face da situação, a empresa mineradora, apoiada e incentivada pelo governo do Amapá, traçou um programa de instalações de alto porte, incluindo, nesses melhoramentos, obras portuárias e a construção de linha férrea de mais de duzentos quilômetros de extensão. Foram essas orçadas detalhadamente as inversões e a possível rentabilidade dos capitais.

Era necessário, no entanto, pelo vulto das obras, que se investissem nada menos de setecentos milhões de cruzeiros — trinta e cinco milhões de dólares — indispensável somente a importação de maquinaria como ao custeio nas próprias instalações — construção de linhas férreas do porto, e melhor aparelhagem das minas.

A Companhia Nacional Indústria e Comércio de Minérios S.A, com o apoio de governo do Amapá, procurou obter nos institutos de créditos nacionais os indispensáveis recursos. Como era de prever, todavia, não foi possível levantar, a juro módico e demorado prazo, quantia tão avultada.

Em face disso, foi solicitado empréstimo junto ao *International Bank for Reconstruction and Development*, o qual se prontificou a financiar o empreendimento, desde que a empresa mineradora apresentasse, como garantia da operação, dois requisitos mais ou menos idênticos aos conseguidos para empréstimos semelhantes realizados no Brasil. O primeiro, consistia em assegurar-se à empresa mineradora o escoamento do minério recolhido das minas exploradas mais eficientemente e em maior escala. Evidentemente, o instituto de crédito não queria contribuir com inversão tão grande sem a certeza prévia de que o manganês, minerado em quantidade superiores às necessidades do mercado nacional, tivesse aceitação no exterior, a ponto de permitir amortização módica, compatível à exploração mineral daquele vulto. Para diminuir tal dificuldade, a empresa mineradora organizou companhia de exportação, da qual participariam capitais nacionais e estrangeiros, na proporção de 51% e

49%, respectivamente. É de notar, sr. presidente, que o capital alienígena que subscrevia as ações da empresa de exportação seria constituído por entidades estrangeiras consumidoras de manganês em grandes instalações metalúrgicas dos Estados Unidos, a *Bethlehem Steel*.

Nestas condições, ficaria resolvido que a empresa de exportações teria mercado garantido, porque não somente era exportadora, mas também consumidora do manganês explorado depois de instalados com mais eficiência as minas do Amapá.

Feito isto, e depois das medidas asseguradoras de que 40% do minério extraído teria escoamento garantido pela *Bethlehem Steel*, participante da empresa de exportação, o *Internacional Bank for Reconstruction and Devellopment* passou a exigir apenas endosso do Tesouro Nacional, nos moldes já estabelecidos para empréstimos anteriores feitos ao Brasil.

Refiro-me, sr. presidente, à garantia dada para o empréstimo da *Light*, e a que foi concedida para a Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco.

Os próprios dizeres do decreto que autorizam o empréstimo são suficientemente claros para demonstrar que o Tesouro Nacional não corre nenhum risco, ao invés, vai ao encontro de necessidades prementes, concorrendo para o desenvolvimento da riquíssima região, cujo potencial precisa de amparo para integrar-se na evolução econômica do Brasil.

Os aspectos legais dos assuntos foram examinados, exhaustivamente, pelo ilustre e escrupuloso relator da Comissão de Constituição e Justiça, e o aspecto financeiro foi demonstrado suficientemente pela exposição de motivos do governador do Amapá ao sr. presidente da República e em todo o processo enviado à apreciação da Comissão de Finanças.

Assim, não tenho dúvida em proferir o meu parecer favorável, que logrou, aliás, apoio unânime da Comissão de Finanças. (Muito bem; muito bem).

A 4^a EXPOSIÇÃO DO AMAPÁ

Ricardo Borges

“O território federal do Amapá anuncia a sua IV Exposição de Animais e Produtos Derivados, de treze a dezesseis do corrente mês.

Já isso constituiria um edificante exemplo de trabalho construtivo nos seus apenas seis anos de existência, tendo-se em vista a eficiência das três exposições anteriores consecutivamente efetivadas pelo governo do Amapá.

Mas agora, a exposição amapaense, embora ainda sob a designação da indústria animal, demonstrará outras atividades industriais e comerciais do território, integrando a progressão e o aperfeiçoamento dos seus setores econômicos. Nessa IV Exposição, o Amapá não exibirá somente provas do desenvolvimento e melhoria do seu criatório bovino, equino, asinino, muar e suíno, de aves e coelhos.

Entretanto essa comprovação abrange a capacidade de adaptação das diferentes raças, de reprodução, crescimento e peso, de produção de carne, leite, banha, ovos, couros de tração e corrida na respectiva utilização de cada classe.

A carne verde, tipo granja, charque, mixiria; leite, queijo, requeijão, manteiga; banha, toucinho, salsicharia; ovos nas suas várias aplicações; couro quanto a curtume, correiaria e objetos de uso pessoal; nada foi esquecido nesse balanço da produção animal amapaense, com o fim de estimular os criadores.

As próprias condições forrageiras, de guarda e instalações das fazendas, e os processos de criação, atualizando-os nos níveis de rigorosa técnica moderna, são ali devidamente considerados.

Haverá, porém muito mais o que ver este ano.

Amapá exhibirá, também, produtos seus, de origem vegetal, mineral e industrial.

Entre os primeiros, vem em ordem os cereais, com o milho, arroz e subprodutos; os leguminosos, com feijão e favas; os forrageiros, em estado natural e fenados, os têxteis, com fibras diversas inclusive algodão e juta, os aleaginosos, com castanha e grande número de outros, os lactíferos, com a borracha defumada e laminada e látex, os sacaríferos, com a cana-de-açúcar, os hortícolas, na sua variedade, os frutícolas, os estimulantes, com o café, cacau, guaraná e fumo, os de raízes e tubérculos, com mandioca, macaxeiras, batata-doce, carás, inhames, os florícolas, com flores em geral e resultados de exortia, os florestais, com sementes e mudas das essências principais.

A exploração mineral estará eficazmente representada pelos mostruários de ferro (hematita para exportação e linonita para uma siderurgia *in loco* a carvão vegetal) de manganês, cassiterita, tantalita, columbita, coridon, caulim, talco, ouro e diamante.

A industrialização local mostrará, de sua fabricação, estranho, trabalhos de ourivesaria, de madeira e cipó, de cerâmica, de saboaria, mel e rapadura, açúcar moreno e branco, aguardente e álcool, farinha branca e amarela, de tapioca e polvilho, carimãs e cruera, farinha de água e seca, cordas e vários outros produtos.

Dessa discriminação, pode-se bem avaliar progresso de uma região que, há seis anos passados, encontrava-se amofinada pelo seu aniquilamento, sem perspectivas de salvação.

De então a esta data a direção do governador Janary Gentil Nunes, construiu cidades, revigorou e duplicou a população, dando-lhe saúde, instrução, oportunidade de valorização do seu trabalho e da terra em um ambiente de geral confiança e cooperação.

Para o território federal do Amapá, acorrem hoje iniciativas e investimentos nacionais com a participação estrangeira, em termos de intensificar a produção para assegurar crescente comércio, interestadual e internacional.

Disso dão testemunho provas materiais que se encontram ali e a sua constatação pelas sucessivas dos que até lá chegam em visita, inspeção, ou para fixar residência.

Dão prova os contratos que o governo local, com aprovação do federal, vem realizando, para a exportação de minérios, em benefício do território, e do país.

Disso dá provas o aumento anual dessa exposição que já não é somente de uma indústria, mas do progresso econômico do território em seis anos de administração pública bem conduzida. Pode assim o governo do Amapá divulgar a sua ação e o estímulo substancial que ela leva à iniciativa privada quando o resto do país está mergulhado na agitação eleitoral da disputa dos cargos públicos, fartamente remunerados e vazios de trabalho em proveito de coletividade.

Ver a Exposição do Amapá, de 13 a 16 do corrente mês, é um dever de apoio e aplausos aos que se dedicam à construção econômica nacional, é comparecer a uma escola de compreensão do quanto pode a determinação de um povo, de vencer quaisquer que sejam as vicissitudes, desenganos e decepções.

O território Amapá está dando um exemplo que o resto do país precisa conhecer, para não lhe faltar com a sua solidariedade e imitar para a felicidade do Brasil”.

(Do O Estado do Pará, de 3-9-1950).

O CORONEL JANARY É UM
EXEMPLO DE HOMEM; O
TERRITÓRIO DO AMAPÁ,
EXEMPLO DE UMA OBRA

Deputado Alcides Carneiro

“Não se faz romaria apenas em nome da fé religiosa. Também se deve fazer romaria em nome da fé patriótica. O território do Amapá, pelo seu progresso, pela sua organização modelar, merece ser visto, compreendido e admirado por todos os brasileiros que ainda guardam no coração a fé e a esperança nos destinos do Brasil. Aqui, pela mão de um homem predestinado, o governador Janary Nunes, está nascendo uma civilização que será em breve um orgulho da nossa Pátria.

“O coronel Janary é um exemplo de homem; o território do Amapá, exemplo de uma obra.

“O Amapá é uma verdadeira ressurreição; e o coronel Janary Nunes é a maior figura de bandeirante que se conhece na história do Brasil”.

*(Deputado ALCIDES CARNEIRO, do P.S.D. da Paraíba
e ex-governador do mesmo estado — 18-2-1954)*

O EMPRÉSTIMO DE 35 MILHÕES DE DÓLARES PARA FINANCIAR AS JAZIDAS DE MANGANÊS DO AMAPÁ

Parecer do Deputado Lameira Bittencourt

Damos, a seguir, o parecer exarado pelo deputado Lameira Bittencourt, na Mensagem Presidencial n. 243, que encaminhou à Câmara Federal o anteprojeto de lei autorizando o Poder Executivo a dar a garantia do Tesouro Nacional ao empréstimo que pretende a ICOMI do Banco Internacional para a exploração das jazidas de manganês de que é concessionária neste território.

Assim está fundamentado o Parecer do relator da Comissão de Constituição e Justiça.

Em 23 de junho passado, o excelentíssimo senhor presidente da República encaminhou ao Congresso Nacional, endereçando-o inicialmente a esta Casa, na forma do artigo 67 §3º da Constituição Federal, com a mensagem n. 243 e acompanhado de exposição de motivos do sr. Ministro da Fazenda o anteprojeto de lei autorizando o Poder Executivo a dar a garantia do Tesouro Nacional a um empréstimo até o montante principal de 35 milhões de dólares, a ser contraído pela empresa brasileira de mineração Indústria e Comércio de Minérios S.A com o *International Bank for Reconstruction and Development*, com o objetivo de financiar o aproveitamento das jazidas de manganês, no território Federal do Amapá.

Distribuído às Comissões de Constituição e Justiça, Economia e Finanças, dada a relevância da matéria e a premente necessidade de lhe dar pronta e adequada solução, de modo a não se perder a excelente oportunidade que ora, para tal, se oferecer, achar-se já a importante proposição em regime de urgência, o que nos obriga a dar sucinto, embora meditado parecer, para não infringir o exíguo prazo que o regimento nos concede.

Pela nossa Lei Interna cabe-nos, tão somente, dizer da constitucionalidade da matéria, competindo aos demais órgãos técnicos a que está distribuída a proposição, se pronunciem sobre a sua conveniência do ponto de vista financeiro e econômico.

Antes, porém, de entrar propriamente na apreciação da constitucionalidade da iniciativa governamental, seja-nos lícito, mais a título de subsídio para o exame cabal da questão, salientar dois pontos que nos parecem dignos de registros, até porque, em certo modo interessam a própria valia jurídica da fiança a que o projeto se refere:

1º A maneira conscienciosa, exhaustiva e completa porque o governo do território do Amapá, a cargo do operosíssimo capitão Janary Nunes, estudou e fez estudar e fez estudar o magno assunto, fixando e esclarecendo, em seus vários ângulos, todos os seus aspectos, sejam os de ordem puramente técnica, seja o financeiro, seja, ainda, o econômico, levando o louvável zelo, e seu nobre escrúpulo a expor com clareza e método, todo o resultado desse importante trabalho no magnífico *dossier* de dois volumes, que acompanha sua exposição de motivos, e que constam do processo enviado à Câmara.

Ficou em consequência, o Congresso, e como em nenhum outro caso, plenamente habilitado a considerar e resolver a espécie, com exato e completo conhecimento de causa.

Assim, no documentário em apreço, encontram-se além de grande parte da principal correspondência trocada sobre a questão inclusive com o *International Bank for Reconstruction and Development*, a *Bethlehem Steel Company* e o Embaixador do Brasil nos Estados Unidos, um interessante resumo das atividades no estudo das jazidas de manganês no Amapá, no período 1948-1950, a estimativa do capital necessário para o aproveitamento das mesmas jazidas e até cópia dos estatutos do aludido Banco Internacional.

Com os elementos proporcionados pelo governo, especialmente os fornecidos pelo seu delegado no Amapá, tem o Parlamento todos os dados necessários para se conduzir no assunto com acerto, e plena ciência de todos os termos da questão. Nesta, justo é reconhecer, tudo ficou às claras, nada por explicar ou esclarecer.

2º A magnitude e a excelência de uma iniciativa, que, segundo as informações, documentadas, a que vimos de nos referir, possibilitando a exploração, racional, de cerca de 20 milhões de toneladas de mangânês de excelente qualidade, com teor médio superior a 50%, com uma construção de uma ferrovia moderna, de grande capacidade de tráfego, com perto de 230 quilômetros de extensão e de um porto à margem esquerda do Rio Amazonas — vai além do mais inverter, no território nacional, 700 milhões de cruzeiros!

Que resultará da aplicação de tão elevada soma tão vultosa que excede, de muito, as possibilidades limitadas do capital nacional?

Fácil prever em estimativa bem sóbria e realista.

Além de um grande surto de desenvolvimento, progresso e bem-estar para larga região da Amazônia, teremos um apreciável aumento para a riqueza Nacional, com a exportação já garantida (pela promessa formal feita pela *Bethlehem Steel Company* de 500.000 toneladas de minério por ano, no valor correspondente a 250 milhões de cruzeiros, à base dos preços atuais, o que nos dará divisas equivalentes a dezessete milhões e meio de dólares, bastantes para o pagamento do empréstimo em causa e ainda para os da *Light* e da Hidrelétrica do São Francisco, afora, ainda, para a Fazenda Pública, o imposto de 8% sobre a produção do minério, o imposto de renda, no mínimo de 27,4% devido pela sociedade sobre os seus certos e infalíveis lucros líquidos, e o preço do arrendamento pago ao território na base de 4 ou 5% sobre o minério exportado, o que representará perto de 15 milhões de cruzeiros? Pelo exposto, que pela extensão já vai escapando à índice deste parecer, por penetrar aspectos estranhos à sua especialidade, bem vemos quão oportuna e justa é a autorização pedida pelo governo para conceder uma fiança, cuja simples promessa ou garantia tanto valerá para o país, sem nenhum risco para o Tesouro Nacional, tanta a segurança do empreendimento a que se destina.

Vejamos agora, propriamente, a questão constitucional:

Inicialmente é de referir que, de acordo com o artigo III, seção IV dos Estatutos do *International Bank for Reconstruction and Development* o Brasil como membro deste, “em cujo território o projeto for executado”, não sendo o peticionário do empréstimo, ele próprio, ou seu banco central, garante plenamente o pagamento do principal, juros e comissões sobre o empréstimo.

Objetiva, de tal parte, o projeto dar cumprimento a uma obrigação internacional, em que o Brasil empenhou o valor da sua palavra e o faz, não há negar, em termos perfeitamente jurídicos e constitucionais.

A competência do Congresso para regular o assunto é expressa e líquida e resulta do art. 65 da Constituição, seja da especificação consagrada pelo seu item VI, seja da genérica outorgada pelo item IX.

Evidentemente, não prevalece para o caso, a competência privativa do Senado estatuída no artigo 63 — I da nossa Carta Política, já que não se trata de empréstimo externo, contraído por estado, Distrito Federal ou município, mas sim por entidade privada, embora com a garantia da União.

O projeto já tem, aliás, sua constitucionalidade firmada em jurisprudência desta comissão e mesmo do Congresso, pois, nele se teve o cuidado de produzir quase *ipsis litteris que virgulis* a mesma redação usada nas leis, não há muito votadas pelo Parlamento, que concederam a garantia do Tesouro Nacional para os empréstimos feitos pelo Banco em causa à *Light* e à Cia. Hidrelétrica do São Francisco, conforme cuidadoso cotejo que fizemos.

Fazem-se mister, porém, não obstante algumas ligeiras emendas, para mais apurada feição jurídica do projeto, e mesmo para melhor acautelar os interesses da União.

I – Assim, aliás, como se encontra na lei relativa ao Empréstimo da *Light*, propormos, para o artigo 1º, o seguinte parágrafo único:

“O Governo Brasileiro ficará sub-rogado nas garantias reais e outras que a Indústria e Comércio de Minérios S.A. — ICOMI — dará ao *International Bank of Reconstruction and Development*.

II – No artigo 2º § 2º, intercalar, logo depois da palavra “verificação” a locução “pelo governo”.

Convém tornar claro e expícito, para na prática, evitar dúvidas, ou questões, essa verificação poderá ser feita pelo Governo Federal, que é o fiador e principal pagador do empréstimo com que vão ser realizadas as obras em apreço.

III – No artigo 5º — até mesmo para maior valia de dispositivo, para que este não se transforme em uma espécie de cheque em branco, ou melhor, como tal possa sertomado pelos menos avisados ou mais maliciosos, sugerimos intercalar logo depois da palavra “aceitar” — “nos termos da legislação vigente”.

IV – Finalmente, no artigo 8º, impõe-se substituir “art. 77 (da Constituição Federal)” por “art.77, III § 2º”, para melhor determinar a regra constitucional que autoriza o registro *a priori* de “qualquer ato da administração pública do que resulta obrigação de pagamento pelo ...

VI – Em tempo. O parágrafo único do artigo 5º, deve destacar-se deste, dada a relativa independência, do seu teor, para constituir um artigo, com a seguinte redação, que nos parece mais adequada e precisa:

Art. – Para firmeza do empréstimo de que trata esta lei, fica plenamente ratificada, para todos os efeitos de direito, a revisão de contrato referida no artigo 2º.

Com a ressalva dessas emendas, somos pela aprovação da constitucionalidade do projeto em tela.

*Sala “Afrânio Melo Franco” — Comissão de Constituição e Justiça,
em 1º de julho de 1950 — Lameira Bittencourt, relator”.*

O MANGANÊS — AS RESERVAS MINERAIS COLOCAM EM GRANDE EVIDÊNCIA O AMAPÁ

A. de Miranda Bastos

A civilização atravessa a foz do Amazonas
— os primórdios da administração do
território — a malária — a descoberta do
manganês — um grande futuro

A luz elétrica tinha sido inaugurada apenas na véspera, quando, em março de 1944, cheguei à capital do território do Amapá, cujo governo fora instalado a 25 de janeiro.

Funcionava com um motorzinho a gasolina, instalado no quintal do prédio da Prefeitura, logo batizado de Palácio do governo, e onde, até à data, os serões do governador, capitão Janary Gentil Nunes, do secretário-geral Raul Monteiro Valdez, do diretor de Administração, Paulo Moacir de Carvalho e do técnico da administração, emprestado pelo DASP, Caetano Gentil, se vinham realizando à luz cansativa, numa poltrona.

Casas para nossa moradia faltavam totalmente. O telégrafo havia parado dois ou três anos antes. Navegação a vapor havia só uma por mês, o *Beechcraft* monomotor da FAB, da linha Belém-Caiena, é que, graças à

gentileza do coronel Ivo Borges e capitão Armando Menezes, evitavam que a iniciante administração estagnasse, levando-lhe os funcionários e o material mais urgente. Segundo uma brochura lida dias antes, no Amapá havia ferro, prata, cobre, ouro, platina e até carvão de pedra. De certo, só se conhecia o ouro precário da garimpagem. E de mais certo ainda, malária, a amebiose, a muita chuva no inverno e a seca no verão. O trecho encachoeirado dos rios começava sempre perto da foz, a não ser no Jarí. No Norte, a costa era muito batida e havia a pororoca. A única estrada era uma trilha de cento e poucos quilômetros campo afora, até a margem do Araguari, que me tomou um dia inteiro para cobrir, na primeira viagem.

O otimismo do governador entretanto, era admirável. E contagiante. Animador irresistível, foi conseguindo empolgar os mais tímidos.

Logo que nos defrontamos, deu-me ele para estudar o relatório que lhe oferecera o hoje senador Álvaro Adolfo, sobre as pesquisas de ouro que o mesmo mandará fazer na região do Rio Vila Nova. O relatório opinava desfavoravelmente em relação ao ouro, mas falava em ocorrências de ferro. Que tal uma prospecção a respeito? Janary já havia pedido que lhe emprestassem o autor do trabalho, que, por ser alemão, fora enviado, com muitos outros, para a colônia de degredo do Rio Acará. O homem chegou pouco depois e com o aparelhamento mais rudimentar tocou-se numa ubazinha com motor de popa para o Vila Nova.

Nos outros setores, o trabalho ia andando. Escolas, encontramos apenas 7, com 10 professores ao todo, e que escolas! O primeiro médico foi o que o governo contratou. Nos tempos bons da borracha, algumas regiões do território, então pertencentes ao Pará, tinham tido vida ativa, mas depois viera o declínio. Havia um mundo de problemas a atacar. O trabalho esfalfava. E os sábados e domingos não adiantavam, por causa das comemorações e outras festas inventadas para animar a população. Os membros do governo eram de presença imprescindível. E como oradores, pouco havia onde escolher: o governador, o secretário-geral, o diretor de Educação, o de Segurança, o de Produção, o juiz de direito. Os demais recebiam a palavra em público.

Uma noite, Octávio Mendonça, o jovem secretário de Educação, segredou-me:

— “irmão, se não acabarmos com os domingos e feriados, estamos fritos!”

De fato, nem todos resistiram. Não pela sobrecarga de trabalho, mas pela insalubridade da zona, naquela fase. Eu próprio tive o desgosto de contar-me entre os quatro dos seus diretores que tiveram de deixar o território por causa da malária.

O governador também pagou seu tributo. Este e alguns dos seus foram para a cama em mais de uma ocasião. Um dia, obrigado a montar, lá pelo interior, num cavalo cuja sela não tinha estribos para gente calçada, desequilibrou-se numa imprevista disparada do animal, estilhaçou um dos cotovelos na queda e quase ficou sem o braço. Até o luto mais comovente o aguilhoou. Mas a obra administrativa em nenhum momento esmoreceu. Os depósitos de ferro foram localizados e cubados. Descobriram-se a tantalita, a columbita, o estanho, calcários, e, melhor que tudo, o manganês.

Certa manhã, cansado de ver o aspecto mirrado dos bois que entravam no matadouro, imaginei um plano generalizado de azebuamento. Janary entusiasmou-se. Completou os detalhes. Pediu um crédito especial. Quinhentos reprodutores entraram no território e foram ter as mãos dos criadores mais modestos, modificando profundamente a feição da pecuária regional.

Sobre o ferro falhou a previsão inicial. Os americanos que apareceram precisavam de 50 milhões de toneladas de hematita para justificar a construção da Estrada de Ferro e do porto necessário. Apareceram só 9 e meio milhões de toneladas, eles desistiram. Mas um dia, pensando ter encontrado nova jazida de ferro, o caboclo Mário Cruz, eterno sonhador de grandezas, surgiu em Macapá onde aliás já eu não estava — com uns pedaços de manganês. Um formidável potencial de gram — anunciava-se para o território, que não vacilou nas despesas para as primeiras pesquisas. Hoje, à luz das mais criteriosas análises, sabe-se que o manganês do Amapá é do mais elevado teor e da mais favorável composição. Enquanto espera os meios para uma exploração de vulto a empresa nacional, que contratou a pesquisa das jazidas, vai produzindo o que pode. Extraiu já 15 mil toneladas, que estão descendo o Amapari e o Araguari em lanchões até Porto Grande, onde embarcam em cami-

nhões para os cento e poucos quilômetros da viagem até Macapá, que é o porto atual sobre o Amazonas.

A ferrovia e o porto, por certo, não falharão desta vez, e não abrir povoamento as possibilidades do ferro, porque o Vila Nova, é, na região dos depósitos desse minério, contíguo ao Amapari.

— O Amapá — disse o governador Janary Nunes, ora no rio, falando ao seu companheiro de trabalhos nos primeiros tempos da instalação do território — apresenta condições excepcionais de salubridade e habitabilidade, dentro da Amazônia. Temos hospitais ou postos médicos por toda a parte. Na capital, o número de alunos primários equivale, atualmente, a uma vez e meia o total da população em 1944. A mestiçada zebu, vigorosa e precoce, está apontando o que se pode obter ali da pecuária, para a qual se acham abertos os mercados do Pará, das Guianas e da Venezuela. Os pegmatitos de cassiterita esperam pelos que queiram explorá-lo, contando com a colocação anual certa de cerca de 1.500 toneladas de estanhos no mercado nacional. E sem falar nos produtos agrícolas correntes, em especial arroz, bem assim na juta temos ainda formidável reservas de madeiras e sementes oleaginosas, ora ainda na fase da exploração rudimentar.

(Do O Jornal, de 21-5-1950).

A RIQUEZA MINERAL FARÁ A REDENÇÃO DA AMAZÔNIA

A exportação da produção das minas de manganês do Amapá renderá de dez a doze milhões de dólares anuais — os grandes depósitos superam os de Minas e apenas são inferiores aos de Urucum, em Mato Grosso — necessária a construção de uma ferrovia de 220 km. Com a imobilização de 600 milhões de cruzeiros — revelações do engenheiro Glycon de Paiva

O engenheiro Glycon de Paiva, geólogo e mineralogista, fez, há poucos dias, ao Conselho Nacional de Minas, importante exposição sobre as jazidas de manganês existentes no território do Amapá, e que se revestem de excepcional relevo econômico para aquele território e para o país.

A *Noite* ouviu a respeito o conhecido técnico, que se prontificou a fornecer-nos esclarecimentos sobre as jazidas e a relevância que assumirá a sua exploração para a economia nacional.

COMO FORAM DESCOBERTAS AS JAZIDAS DE MANGANÊS DO AMAPÁ

— A existência de minério de manganês no atual território do Amapá, declarou, foi desvendado em 1938 pelo geólogo Josalfredo Borges, con-

forme o mencionado no Boletim 83 da Divisão de Geologia do Ministério da Agricultura.

Todavia, a revelação da importante jazida da Serra do Navio, no Rio Amapari, tributário do Rio Araguari, foi feita por um habitante da bacia deste rio, o caboclo Mário Cruz.

Este deparou com o depósito em 1941, sem saber de que se tratava. Em 1944, Mário Cruz entregou amostras do minério ao governador do território, capitão Janary Gentil Nunes, que as mandou analisar, e logo a seguir tomou providências para o reconhecimento geológico do depósito. Esse trabalho foi essencialmente feito pelos geólogos Fritz Ackermann e Viktor Leinz. Os primeiros estudos litológicos sobre amostras colhidas por esses técnicos são do petrógrafo Evaristo Scorza.

Posteriormente numerosos geólogos nacionais e estrangeiros visitaram as jazidas da Serra do Navio e notavelmente contribuíram para o seu conhecimento, principalmente John Dorr e Charles Park.

MINÉRIO NATURALMENTE DESTINADO À EXPORTAÇÃO

— A reserva de minério de manganês existentes no Rio Amapari até agora conhecida é superior ao peso acumulado de todo o minério de manganês que se sabe existir no estado de Mato Grosso.

A situação brasileira quanto a minério de manganês é de superabundância dessa mercadoria em relação às nossas necessidades presentes e futuras. Avalio essas necessidades totais em um décimo apenas das existências nacionais de minério de manganês. Relativamente ao “nuclear core” do Brasil, o “cerne nuclear” da Nação, dispõem-se as nossas reservas de manganês de duas maneiras: manganês central e manganês periférico.

O manganês central é constituído pela reunião das jazidas existentes no estado de Minas Gerais. O minério aí encontrado destina-se naturalmente a satisfazer ao nosso consumo interno, o atual e o futuro; de outro lado, o manganês periférico, o de Urucum e o de Amapá, não

interessa ao nosso consumo próprio, dada sua excentricidade em relação ao núcleo industrial do Brasil. Essa excentricidade é da ordem de 2.500 quilômetros pelas vias normais de transporte. Por isso, destina-se naturalmente a ser paulatinamente convertido em divisas, ao mesmo tempo que utilizado como potencial internacional de acordos político.

SERÁ EXPLORADO POR UMA EMPRESA BRASILEIRA

Por iniciativa do governador do Amapá e por orientação do Conselho de Minas e Metalurgia, o manganês do território foi declarado sob regime mineiro especial, na forma do decreto-lei nº 9.868, de 13 de setembro de 1946, de modo que o seu aproveitamento pudesse ser feito com o máximo de vantagem para a economia nacional.

De fato o manganês do Amapá encontra-se a 220 quilômetros de um porto do Rio Amazonas. Essa distância só pode ser economicamente vencida por uma via férrea que deve ser construída para que o aproveitamento se faça. As despesas para a construção e equipamento dessa linha, de modo a adaptá-la a um tráfego pesado, exigirão imobilização de 600 milhões de cruzeiros.

Como resultado de concorrência pública, apreciada pelo Conselho de Minas, o aproveitamento do manganês do Amapá foi encontrado com a empresa brasileira Indústria e Comércio de Minérios Ltda de Belo Horizonte, atual fornecedora de matérias-primas para Volta Redonda. O decreto 24.156, de 4 de dezembro de 1947, autorizou a lavratura do contrato de aproveitamento.

PODERÁ RENDER AO BRASIL DE DEZ A DOZE MILHÕES DE DOLÁRES ANUAIS

Essa Companhia, prosseguiu o entrevistado, desempenha suas obrigações enfrentando os obstáculos que a Amazônia costumeiramente impõe à realização de qualquer empreendimento de certo porte: excesso de chuvas, escassez de pessoal operário habilitado, dificuldades de su-

priminto e alto custo dos alimentos. Se conseguir vencê-los em tempo hábil, o Amapá poderá cooperar com 10 a 12 milhões de dólares anuais para fortalecer a nossa receita de divisas. Dessa maneira, a produção do território, que atualmente orça em 25 milhões de cruzeiros, ultrapassará 250 milhões, o que se traduzirá em uma renda *per capita*, para o habitante do território, sem paralelo no quadro nacional.

O Sr. Glycon de Paiva finalizou a sua entrevista com as palavras seguintes:

A indústria extrativa vegetal na Amazônia, vigente desde os primeiros dias da ocupação até o presente, tem se mostrado incapaz de promover seguidamente o progresso do homem local. Este não vive desta indústria sobrevive, apenas.

O balanço dos esforços até agora feitos em toda a extensão da planície amazônica para fazer progredir uma agricultura e uma pecuária de subsistência, apresenta saldos negativos; os alimentos essenciais do homem continuam a ser importados.

Por isso merece encômios a atual administração federal que apoia os esforços do governo territorial para a mobilização da riqueza mineral do Amapá. Nesse mesmo sentido merece elogios o Governo Federal, porque se encarregou de levar avante, por meio de um dos serviços mais bem organizados e tecnicamente eficiente de que tenho notícias, a pesquisa de petróleo no baixo Amazonas. É possível que o desenvolvimento da indústria extrativa mineral na Amazônia responda mais favoravelmente ao propósito de redenção do homem local do que às tentativas até agora levadas a efeito para aproveitamento das riquezas vegetal e animal.

(Publicado na A Noite, do Rio de Janeiro, em 29-4-1950).

“COBAIA SOCIOECONÔMICA DA AMAZÔNIA”

“A descoberta das minas de ferro e manganês, despertando a cobiça dos maus brasileiros, poderá dar origem a acontecimentos lutuosos” declara às *Folhas* o conhecido pecuarista dr. Ierval Lobato

TERRA PRODIGIOSA

Depois de conversar animadamente sobre as riquezas que transformaram a fisionomia do Amapá, dirigimos-lhe a primeira pergunta:

Que acha da pecuária amapaense?

— A meu ver, duas coisas são imprescindíveis para o desenvolvimento agropecuário: solo fértil e assistência. Ambos possuem o território. Não se pode desejar um solo mais fértil. Riquíssimo em gramíneas de alto valor nutritivo, suas pastagens naturais parecem mais uma plantação prodigamente adubada.

Vi pastagens de camarana-de-pico (*Echinocloa Spectabilis*), em que de um homem a cavalo só aparecia o chapéu: extensões de andrequicé (*Laersia Hexandra*), com metro e meio de altura; campos de capim-de-arroz (*Luxecla Sprussiana*) capazes de fazer inveja a qualquer criador do mundo, além de uma infinidade de canaranas e leguminosas que seria fastidioso citar. Essa exuberância prodigiosa deu motivo a que no livro de impressões de nosso anfitrião em Amapá, o fazendeiro Vicente Pontes Sobrinho, meu doutor e espirituoso companheiro de viagem dr.

George Black, se externasse da seguinte maneira: “Um paraíso para o agrostologista e um lugar ideal para pastar”.

TRABALHO GIGANTESCO

Falando sobre assistência a criadores e agricultores, assim se expressou o dr. Irvall:

— Há um gigantesco trabalho nesse sentido. Desde saúde, educação e vias de comunicações, até ao financiamento ainda em pequena escala e assistência técnica. Em qualquer lugar onde existiam vinte crianças há escola. Certo sábado, fomos surpreendidos em viagem, por uma aglomeração em torno de um mastro, em frente a uma casinha perdida na campanha. Era uma cerimônia de hasteamento da bandeira Nacional pelos alunos de uma escola. Em toda a minha viagem de dezessete dias, vi apenas um caso de malária, mas em pessoa ida da região das Ilhas.

Criadores e agricultores do município de Amapá estarão de outubro em diante servidos pela rodovia de 380km, que ligará esse município a Macapá. Em 1951, estará pronta a continuação da grande estrada até Oiapoque. Será a espinha dorsal estratégica e econômica da rica região.

Quanto ao financiamento, julgo ser um dos poucos em experiências no país. O homem, depois de minucioso exame médico, é colocado em uma colônia agrícola, percebendo uma diária e utensílios necessários ao trabalho, sendo-lhe tudo debitado pela repartição competente. Logo após a derruba, começa o colono a produzir madeira e carvão e depois os frutos de cultura ligeira como hortaliças e arroz, tudo entregando à Divisão de Produção, que efetua a venda entregando 50% e creditando os 50% restantes para amortização do débito. Ao terminar o ano agrícola, o colono, geralmente, já tem suas economias e está com relativa independência econômica para a safra futura. O que é de notar é que esse homem caluniado da Amazônia, tido como caboclo indolente e desonesto, produz e é honesto no Amapá.

Quando aos fazendeiros, têm arame e demais matérias para benfeitorias ao preço de custo e prestação anuais. A Fazenda de Criação do governo vende reprodutores com prazo até de quatro anos e, se o

criador não pode adquirir um reprodutor com todas essas facilidades, o Departamento de Agricultura empresta-o, obrigando-se o mutuário a tratá-lo eficientemente.

AS MINAS PODERÃO DESPERTAR A COBIÇA

Finalizando, declarou o nosso entrevistado:

— mas é necessário que bons amazônicos empreguem seus capitais no território, para impulsionar mais rapidamente a pecuária, porque o criador amapaense é, em geral, pobre e o gado de criação para povoamento das extensas campinas é difícil na região.

O fato, meu amigo, é que enquanto o governo mantiver o mesmo padrão de realizações que até hoje manteve, não haverá força humana capaz de impedir o progresso amapaense. Em meu entendimento, entretanto, paira uma nuvem negra sobre o Amapá. É que hoje estão descobertas as minas de manganês, a ferrovia para exploração deste mineral servirá para condução de minério de ferro; o ouro continua aumentando sua produção e o território, por todas essas riquezas capazes de enriquecer qualquer governante desonesto, poderá despertar cobiça a maus brasileiros e mudança de seu probo e operoso governador. Isso será um acontecimento lutuoso não só para o Amapá, mas para todos os estados amazônicos, porque pelo seu sistema de emprego dos dinheiros públicos, pela experimentação de normas administrativas, o Amapá pode ser considerado a cobaia socioeconômica da Amazônia, passível de recuperação pelos mesmos processos.

Assim é, em breve futuro, o estado do Amapá, obra patriótica de um grande soldado do Brasil.

BANDEIRANTISMO DA AMAZÔNIA

Cel. Bernardino de Mattos

“Regressando do Amapá, onde permaneceu a convite do capitão Janary Nunes, governador do território, pelo espaço de uma semana, encontra-se nesta capital, em trânsito para o Rio de Janeiro, centro de suas múltiplas atividades, o ilustre engenheiro coronel Bernardino C. de Mattos Neto, membro do Conselho Nacional de Minas e Metalurgia e da Comissão de Planejamento Industrial do Vale do São Francisco, e presidente da Comissão de Estudo e Fiscalização de Minerais Estratégicos do Conselho de Segurança Nacional, sendo ainda vice-presidente da Companhia Brasileira de Engenharia e diretor da Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileiras.

Sabíamos tratar-se de uma das personalidades de grande valor e projeção no cenário nacional, pelo que desejamos ouvir a sua palavra autorizada sobre o minério de manganês existente nas minas amapaenses, bem como a respeito da obra civilizadora que o capitão Janary Nunes está realizando naquele território.

BANDEIRANTISMO NA AMAZÔNIA

O ilustre oficial recebeu gentilmente, à tarde de ontem, o nosso representante no salão de recepção do Grande Hotel, onde falou com entusiasmo sobre a região, dizendo inicialmente que o trabalho até

agora realizado no Amapá pode ser classificado de BANDEIRANTISMO DA AMAZÔNIA.

Adiantou-nos, a seguir:

— Honrado por um convite do governador Janary Nunes, tive a feliz oportunidade de observar, no extremo norte do Brasil, um grande empreendimento que me fez invocar os memoráveis movimentos das Entradas e bandeiras do século XVIII.

A obra, que se realiza no território do Amapá excede a qualquer expectativa e é tanto mais gigantesca quanto contra ela se levanta, num contraste deveras chocante, a opulência da natureza.

As dificuldades a vencer repetem-se num simbolismo impressionante, nas densas florestas trançadas de lianas e cipós, a enfeitarem os troncos vetustos coroados pela fronde exuberante da mata tropical.

Tudo isso, prosseguiu o nosso entrevistado demarcado pelas imensas caudais, assombra o homem do sul, afeiçoado à modéstia de seus cursos de água.

HERÓIS DESCONHECIDOS

Abordando o problema das distâncias, o coronel Bernardino de Mattos assim se externou:

— Os longes se alcançam por meio de frágeis embarcações que, teimosamente, vencem as corredeiras, graças à habilidade extraordinária do caboclo destas paragens, a simbolizar uma raça indômita, revelando-se, a cada momento, na simplicidade da sua postura, um verdadeiro herói desconhecido.

UM ESTADISTA

E continuou com a sua palavra culta:

— Nesse meio, simultaneamente luxuriante e agressivo, o capitão Janary Nunes, com sua magnífica visão de jovem estadista, implanta uma civilização, recuperando o homem, assistindo-lhe nas suas necessida-

des vitais, dignificando-o para o trabalho útil, dando-lhe, finalmente, a assistência que merece, porque brasileiros viviam como filhos espúrios desta terra generosa.

UM NOTÁVEL PROGRAMA

O programa de governo do capitão Janary Nunes, disse-nos s.s., na perseverança de sua energia, que não encontra fadigas, realiza o grande milagre de que necessitam tantas outras regiões de nossa pátria. Hospitais, escolas, maternidades, centros de puericultura estão concorrendo, eficazmente, para que os homens das lindes do setentrião brasileiro satisfaça, em breve tempo, a expressiva legenda latina: *Men sana in corpore sano*.

MANGANÊS DE ALTO TEOR — UMA PROVÍNCIA MINERALIZADA

Nessa altura, indagamos do nosso visitante se chegara a visitar as minas manganíferas do Amapá.

A resposta afirmativa, seguiram-se estes esclarecimentos:

— À par desse aspecto em que o governo cuida do elemento homem, também se volta para os imensos recursos naturais da região.

Na Serra do Navio, onde tive oportunidade de ver um dos mais ricos depósitos de manganês do país, constituindo verdadeira província mineralizada, e na qual se vê o minério de alto teor, encontrei, surpreendido, um núcleo de população cercado de todo o conforto, capaz de ser visto em qualquer grande cidade do país. Iluminação elétrica, casa de hóspedes tendo completas instalações, geladeiras, tudo quanto é comum nos grandes centros populosos, a despeito da distância que separa essa região da cidade de Macapá.

Em Serra do Navio, aduziu, está plantado um marco dos desbravadores do século XX, a cuja frente, como lídimo precursor dos bandeirantes de antanho, está o engenheiro Augusto de Azevedo Antunes,

bravo paulista em cujas veias talvez corra o mesmo sangue indomável de Fernão Dias Pais Leme, o “Caçador de Esmeraldas”.

A CONQUISTA DE UM TORRÃO

Não fora a clarividência do governador Janary Nunes, talvez não se tivesse logrado atingir o grande sucesso que já se esboça nesse empreendimento audaz, do qual, assegurado ao território do Amapá farto subsídio econômico, representará para o Brasil verdadeira conquista de um torrão ignorado pelos seus filhos de outras bandas.

OBRA GIGANTESCA

Ultimando sua palpitante narrativa, disse o coronel Bernardino de Mattos:

— Abençoados sejam, portanto, esses bravos que, na modéstia do seu labor, ignorados da maioria dos brasileiros, empenham-se na mais dignificante das lutas: a que libertará nossa pátria da economia colonial em que tem vivido e da qual precisa emancipar-se.

Nenhum outro brasileiro, por maior que seja o seu trabalho em benefício da terra comum, excederá a esses dois patrícios, na obra grandiosa: capitão Janary Nunes e engenheiro Augusto Antunes”.

RUMOS DE UMA CIVILIZAÇÃO NASCENTE NA PROMISSORA GLEBA AMAPAENSE

General Justino Alves Bastos

O general Joaquim Justino Alves Bastos, comandante da 8ª Região Militar e um das mais destacadas figuras das forças armadas do Brasil, que visitou o Amapá, externando o seu pensamento sobre o território e seu governo, escreveu as seguintes palavras:

“Com satisfação imensa tento traduzir nas presentes linhas a impressão entusiástica que colhi na visita que acabo de fazer ao território do Amapá. Conheci a organização dos seus serviços públicos, já frutificando em resultados que saltam aos olhos do visitante; apreciei o bem-estar ostentando por todos que vivem nesta Macapá progressista e feliz e senti, de maneira acentuada e indiscutível, a firmeza com que um magnífico governo, esclarecido e honrado, imprime os rumos de uma civilização nascente na promissora gleba amapaense. Mergulhando para o interior pude travar conhecimento com o bandeirismo contemporâneo que, pelo Amapari acima, vai buscar as riquezas minerais encravadas pela natureza nos alcantis remotos da Serra do Navio. Vi a abertura de estradas; a construção de portos, estruturação de toda uma forma de viver e de produzir. E no leme de todas essas realizações que se projetarão para o futuro do Brasil, pois se baseiam na valorização e na dignificação do homem, eu vi e vejo a figura singular do meu dileto amigo, ten-cel Janary Gentil Nunes, cujo nome ficará ligado para sempre ao Amapá.

Estou certo de que este jovem e admirável estadista, fundador da civilização mais setentrional do Brasil, será de imensa utilizada no seio de nossa pátria, onde já tem assegurado, para sempre, o destaque e o apreço dos nossos compatriotas. Orgulho-me de tê-lo como companheiro de farda e contá-lo no número de meus caros e dignos amigos.

As impressões colhidas nestas visitas perdurarão na minha retina e ficarão guardadas para sempre no meu coração e no daqueles que nela me acompanharam, cel. Lúcio Azambuja e capitão Dário Gomes de Araújo”.

O AMAPÁ SERÁ A OBRA-
-PRIMA DE UM GRANDE
ARTISTA E NUNCA A MAIOR
REALIZAÇÃO DE UM GRANDE
ADMINISTRADOR

Joracy Camargo

“Uma impressão sobre a obra criadora do tipo da que o governador Janary Nunes vem realizando no território do Amapá, não pode nem deve ser formulada numa simples entrevista.

Para compreender-se a grandeza do empreendimento, impõe-se um estudo profundo do fenômeno, que tem o seu núcleo na personalidade invulgar do criador desta civilização inédita, e que se expande por todos os setores que formam o organismo complexo de uma nação moderna. Tudo aqui surge e se desenvolve na mente de um só homem, adquirindo forma e ritmo, para projetar-se no campo objetivo ainda pela ação orgânica do próprio criador. E se a forma tem de ser perfeita, o ritmo há de ser acelerado, por imposição do tempo perdido e pela necessidade de alcançar o nível atingido, durante séculos, pelas nações civilizadas que integram o mundo de hoje, que é um só. Pois justamente o que caracteriza, ou evidência a vocação de estadista do primeiro e atual governante da Guiana Brasileira é a consciência daquele imperativo, demonstrada na sua visão cósmica das tarefas a cumprir. Feita por ele a assimilação crítica das experiências do passado, nisso resultou a criação das bases que representam o presente, e, assim, o estabelecimento de condições

favoráveis ao seu desenvolvimento no futuro, rigorosamente dentro dos princípios da moderna dialética: a tese e a antítese. Já não se trata de uma experiência, mas da execução dos resultados de todas as experiências, cuja percepção constitui um dos privilégios dos homens de gênio, verdadeiros artistas e, portanto, revolucionários, criadores da beleza, que é integração consciente na vida. O Amapá será a obra-prima de um grande artista e nunca a maior realização de um grande administrador, porque só na medida em que Janary Nunes haja terminado a tarefa de sua criação é que os políticos poderão administrar a obra criada”.

(Palavras do escritor JORACY CAMARGO — junho de 1955)

MENTALIDADE SERINGUEIRA NO AMAPÁ

O território governado pelo cel. Janary Gentil Nunes lidera a campanha de produção racional da borracha entre nós — a próxima IV Conferência Nacional de Borracha, em Manaus — fala às *Folhas* o dr. Firmo Dutra

Regressando do território do Amapá, onde permaneceu cerca de três dias, encontra-se novamente nesta capital o sr. Firmo Dutra, representante do estado do Amazonas, na Comissão de Planejamento do Plano de Valorização do Amazonas.

Sabíamos ter sido de magna importância a viagem do sr. Dutra ao aludido território, razão pela qual resolvemos ouvi-lo a respeito da mesma.

A FINALIDADE DA VIAGEM

Fomos encontrar o sr. Firmo Dutra entregue à leitura de trabalhos referentes à Amazônia. Dissemos do nosso propósito tendo s.s. nos atendido prontamente e assim se expressando:

— Fui ao Amapá para levar ao governador Janary Gentil Nunes e à Associação Comercial o convite e o temático da IV Conferência Nacional do rente ano.

Encontrei a melhor receptividade e, numa reunião da Associação Comercial na qual estive presente o governador Janary, fizemos a exposição das finalidades da mesma conferência e da grave situação que atravessa o problema de produção da borracha no Brasil. Ambos, governo e Associação Comercial, receberam a ideia com a maior simpatia e prometeram sua prestigiosa colaboração, além de uma contribuição financeira para as grandes despesas que exige um conclave de tal magnitude. Ainda mais o governador Janary se propôs a comparecer à conferência levando, pelo menos, uma tese e sugestões sobre o plantio e cultura da seringueira.

A MENTALIDADE SERINGUEIRA

Continuando, com o mesmo ritmo de entusiasmo, disse-nos o sr. Firmo Dutra:

— A esse respeito vale a pena dizer alguma coisa do que ocorre no território do Amapá, sem dúvida graças aos esforços e à visão do cel. Janary, que sempre trabalhou num regime de harmonia e compreensão, conseguiu ele que o Banco de Crédito da Amazônia e a Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil ampliassem os seus financiamentos e os levassem ao setor gomífero, numa extensão que, se não é inteiramente satisfatório, já atende a um programa de verdadeira eficiência. Neste momento o Amapá lidera a campanha de produção racional da borracha entre nós. O seu governo conseguiu criar ali uma mentalidade seringueira, de modo que os agricultores em geral já acreditam no futuro da “hévea” cultivada. Existem cerca de dois milhões de árvores em pleno desenvolvimento, em sua maioria com cerca de dois anos, das quais mais de 300 mil enxertadas com borbulhas de clones, de alta produção. Esse trabalho é devido, em parte, à assistência técnica e sanitária constante das autoridades do território e da colaboração do B.C.A., e num resumo final: à nova mentalidade que ali se cria.

No campo de fruticultura do território existem 150 mil seringueiras sadias, em perfeito desenvolvimento, constituindo um notável viveiro; e dessas seringueiras 76 mil já estão enxertadas com clones de alta produção. No mesmo campo há um hectare plantado com 500 seringueiras de

sementes clonadas provinda do Haiti, constituindo uma ousada tentativa, ainda não iniciada entre nós, a não ser ali. Esses dois magníficos viveiros foram instalados em terra firme. Como um prolongamento dessa experiência, para bem avaliar as condições em que se desenvolvem as árvores, nos dois meios amazônicos, isto é, a terra firme e a várzea, num arrozal de 28 hectares foram plantados 7.900 seringueiras, das quais se perderam trinta por cento. As que se salvaram ali estão para provar o sucesso do empreendimento. Para demonstrar que mesmo no regime de trabalho do caboclo sem instrumentos especiais, apenas com a experiência complementar do agrônomo, foi feita uma plantação de consórcio no seringal “João Cleofas”. Em 32 hectares de mandioca e arroz, mediante fornecimento de sementes selecionadas, foram plantadas 11 mil seringueiras, sob os métodos usuais da região, e o caboclo informa que agora chegado ao segundo ano, ele perdeu apenas 15 por cento de sua sementeira. Este ano, no mesmo local, estão sendo plantadas mais de 7 mil seringueiras de sementes clonadas do Haiti. “S.Thome” é uma propriedade do caboclo João Pereira Gois, ele tem 10 hectares. É financiado pela carteira agrícola do Branco do Brasil para plantar arroz, milho, feijão e cana. Mediante seu trabalho e de um filho, já teve dois financiamentos, um em 1952 de 20 mil cruzeiros e outro em 1953, de 50 mil cruzeiros ambos já liquidados. Está presentemente pleiteando outro para o ano agrícola 1954-55, de 100 mil cruzeiros. Pois bem: não tendo financiamento específico para plantio de seringueira, plantou ele 1.500 seringueiras, das quais escaparam 1.300, que estão em ponto de enxerto e admiravelmente sadias. Se obtiver o financiamento em apreço, pois sua propriedade já vale mais de 500 mil cruzeiros, se propõe a plantar mais de 5 mil seringueiras.

CAMPOS AGRÍCOLAS

O sr. Firmo Dutra, prosseguindo na sua exposição do que observou na sua visita ao Amapá, e ainda se referindo aos Campos Agrícolas assim se expressou:

— No campo agrícola de Mazagão, há 150 mil mudas para fornecimentos de material de enxertia, plantados de pé-franco e enxertada pelo

clones “GA-30L”. Esse viveiro está dividido em duas partes: uma segundo o plano do BCA, e outra de acordo com o plano do território. Em torno desse plano fica a propriedade do sr. Miguel Pinheiro, propriedade essa de cultura do arroz e malva, onde há cerca de 250 mil seringueiras dentro dos arrozais e todas em perfeitas condições, isentas de pragas.

Na Colônia de Matapi está a maioria dos financiados pelo BCA, constituído de diversas plantações num total de mais de 600 mil seringueiras. O entusiasmo e a confiança que todos manifestam, sobretudo porque assistem a atenção com que o governador do território e o BCA seguem os seus trabalhos, já não deixam nenhuma dúvida sobre o sucesso final. O debate acadêmico das dificuldades de escolha de sementes, de maneira de fazer a enxertia e da escolha do terreno desaparecem por completo, porque os órgãos competentes tomaram a si esses problemas, deixando apenas ao agricultor a manutenção dos seus seringais.

O que se está fazendo no Amapá deve ser visto por todos os que se interessam pela economia amazônica, ainda tão profundamente marcada pela produção da borracha.

Finalizando, assim nos falou o sr. Firmo Dutra:

— A IV Conferência Nacional da Borracha, que vai reestruturar inteiramente essa economia, atualizar a legislação em vigor e criar o Código da Borracha, tomará, sem dúvida, conhecimento da admirável vitória que processa no território Federal do Amapá.

IMPRESSÕES SOBRE O AMAPÁ

Álvaro Maia e Ernesto Dornelles

Conceitos exarados pelos eminentes srs. Álvaro Maia e Ernesto Dornelles, governadores, respectivamente, do estado do Amazonas e do estado do Rio Grande do Sul.

“Após sucessivas horas de encantamento, desdobradas em visitas à cidade e a recantos próximos de Macapá, não deixo propriamente este maravilhoso cenário do Brasil, porque vai nos olhos e no coração, em impressões deslumbradas. Aqui vive o passado heroico, transbordante de recordação que brotam da fortaleza secular, onde portugueses e brasileiros souberam reagir pelo Brasil; aqui vive a nacionalidade, pela integração do território, dominado e plasmado pelo homem, à comunhão brasileira.

Extraordinários são os trabalhos do governador Janary Gentil Nunes, que tem realmente a visão de chefe, quando seleciona nos comandados o espírito vocacional, a decisão da luta, a paixão pela vitória. Macapá, em sete anos de administração nova, honra o Brasil; o braço do Rio Amazonas, na parte setentrional, apresenta, por sua vez, os delineamentos de uma grande capital, que acompanhará, mais tarde, o desenvolvimento de Belém.

Macapá seria, entretanto, uma cidade isolada se não tivesse bases econômicas e estradas de penetração; essas estradas e essas bases caminham nos rumos das fronteiras, cintando jazidas e florestas.

O governador Janary Nunes desenvolveu o mesmo programa no interior, como demonstram Mazagão e outras cidades. Juventude entusiasmada, gente alegre, mulheres convencidas do próprio destino — eis a miscível do Brasil nas fronteiras.

Sáímos contagiados por esse encantamento, gritando nesta hora de despedida, que Amapá tem novos soldados e trabalhadores nos parlamentares e jornalistas que partem hoje inundados de sol e recordações magníficas.

*Macapá, 3 de dezembro de 1950. —
Álvaro Maia — Ernesto Dornelles”.*

AMAPÁ, FUTURO ESTADO DA NACIONALIDADE

Discurso do capitão Jaime Marinho,
Comandante da 1ª Cia. do 3º Batalhão de
Fronteiras, do Oiapoque, pronunciado
dia 16 de setembro último, por ocasião
da inauguração do Posto Misto de Saúde
naquele município

“Se a gratidão individual, afetuoso sentimento, inspirado por mercês e benefícios, é dever de cada homem, mais sagrado o é a gratidão de um povo para com aqueles que, pelos seus esforços e serviços, transformaram-no, retirando-o do estaticismo onde mourejava, elevando-o nas suas condições morais e materiais, inculcando-lhe o dinamismo que caracteriza os aglomerados sociais florescentes, de maneira a desenvolver-lhe o sentido da luta pela vida.

Por seus esforços e trabalhos, o núcleo formador inicial do governo do TFA será o sempiterno credor da gratidão dos que mourejam nesta região do Oiapoque, que o norte brasileiro fecha e seus limites banha.

Atacando com energia constância e sadia orientação os problemas, cuja solução imperiosamente se impunham, como condição *sine qua non*, de sobrevivência do território, pode esse pugilo de abnegados construtores da terra amapaense, com não poucos sacrifícios, desenvolver nestes 6 anos de labuta, as condições sociais e econômicas do território, cumprindo assim, honrosamente, a missão recebida.

Estabelecida pelo capitão Janary Gentil Nunes, como premissa fundamental de seu governo, a crença no futuro do Amapá, considerando como transitória a fama da sua insalubridade e bem possível o soerguimento do nível de vida do seu povo, nestes seis anos de lutas e trabalhos, soube mudar as condições do nível da vida do homem amapaense, tornado-o elemento ativo do enriquecimento nacional.

Embora tivesse de atender a vários setores da administração pública, o capitão Janary empregou-se a fundo no desenvolvimento do saneamento, buscando, no mais curto prazo, recuperar o homem como ponto principal de alicerce do aproveitamento econômico do território.

E nessa campanha construtiva, a que se propôs, o nosso primeiro governador, coordenando os trabalhos de saúde pública, problema médico social de alta relevância, nele interessando não só funcionários como também todo o povo do Amapá, de maneira a formar o clima propício ao desenvolvimento dos ensinamentos e prescrições recebidas; fez em suma um dos maiores trabalhos de educação sanitária coletiva que já se realizou no Norte brasileiro.

A triste fama que envolvia o Amapá, e particularmente toda a região do Oiapoque, já está de muito reduzida, em face do trabalho permanente de saneamento que se está levando a efeito desde 1943, quando da instalação do território, graças aos esforços dos médicos que têm dirigido o Posto de Saúde do Oiapoque, tanto que podemos dizer que o estado sanitário atual é satisfatório, principalmente se levarmos em conta que nos encontramos em pleno estilo, quando maior se apresenta a incidência do impaludismo.

Nesta localidade, em 1940, houve ocasião em que, entre 75 componentes da população, apenas 9 não se achavam atacados de malária. Hoje, nesta mesma região, no mesmo local, graças à desvelada assistência do governo e dos médicos, de 4 se apresenta doente, dos quais unicamente 1 de malária.

Exmos. Sr.:

Esses pequenos números, por si só, bem atestam a grandiosidade do edifício construído nesta longínqua região fronteiriça, onde o homem antigamente desprezava-se a si próprio, porque, completamente abandonado pelos poderes públicos, considerava-se muitas vezes não um ser

humano, mas sim um quase animal num estágio de civilização pouco adiantado em relação aos indígenas e saramacás que nestas cercanias vivem.

Hoje, recuperado para a sociedade e para a Pátria, ele trabalha com ardor e vontade, buscando ser útil a si e aos seus, procurando no seu esforço anônimo, mas construtivo de cada dia, desenvolver as condições econômicas do Amapá, futuro estado da nacionalidade, a fim de que, pelo estabelecimento de um clima de ordem e de progresso, possa tremular bem alto no concerto das nações a Bandeira do Brasil.

PALAVRAS DO PROFESSOR HÉLIO VIANA

Uma visita ao território Federal do Amapá constitui verdadeiro ato de confiança na capacidade organizadora do brasileiro.

A obra que aí vem realizando o governador, capitão Janary Gentil Nunes, e seus jovens auxiliares, amplamente demonstra o quanto podemos esperar dos novos administradores do Brasil, dos que têm por lema servir à Pátria a despeito de todas as dificuldades encontradas.

De Fazendinha a Mazagão e ao Jari, de Macapá ao Araguari, a Amapá e ao Oiapoque — em toda parte temos uma terra que ardorosamente trabalha para ocupar, na comunhão brasileira, o lugar que lhe compete.

A iniciativa de Bento Maciel Parente, ainda no século XVII, sustentada contra o invasor estrangeiro por Antônio Albuquerque Coelho de Carvalho, na centúria seguinte consolidada pelo Marquês de Pombal, no segundo reinado sonhado por Cândido Mendes de Almeida — encontra, agora, no jovem oficial do Exército que dirige os destinos do território, o seu realizador!

Macapá, 3-VIII 48 — Hélio Viana, Professor da Universidade do Brasil e Católica, e da Escola de Estado Maior.

“O PROGRESSO DO
AMAPÁ SUPEROU NOSSA
EXPECTATIVA. PALAVRAS DO
DR. DANIEL DE CARVALHO,
MINISTRO DA AGRICULTURA”

De regresso à excursão empreendida pela Amazônia e enquanto aguardava no aeroporto de Val-de-Cans o reabastecimento do avião especial da FAB em que viajou com brilhante comitiva, o exmo. sr. doutor Daniel de Carvalho, DD.ministro da Agricultura, foi abordado pela imprensa paraense, a qual manifestou a sua opinião sobre o que lhe foi dado observar no território do Amapá.

Dos periódicos de Belém transcrevemos as seguintes impressões de sua excelência:

ASSISTÊNCIA AO HOMEM E À INFÂNCIA

“O que se tem feito no Amapá é de causar admiração. E o que mais me impressionou foi a assistência ao homem e à infância. Se não me enganar, as crianças amapaenses foram as mais alegres, mais vivas e mais conscientes de quantas encontrei no Vale da Amazônia. São crianças que, evidentemente, gozam de uma das quatro liberdades apontadas pelo saudoso presidente Roosevelt: a liberdade do temor. A não ser os tímidos por natureza, a maioria dos meninos e meninas do Amapá responde a qualquer pergunta com inteira confiança e desembaraço. Essa observação decorreu não só das visitas às escolas da cidade, como da inspeção às escolas rurais e dos encontros com as crianças pelas estradas e nas casas particulares. Parece que as novas gerações serão capazes de levar

a efeito a tarefa que lhes incumbe, provando que somos donos do poder de aproveitar devidamente o território devassado pelos portugueses, povoado por brasileiros, defendido por Veiga Cabral e outros bravos, e definitivamente reconhecido como brasileiro pela erudição geográfica e pelo ardor patriótico de Rio Branco”.

IMPRESSÃO CONFORTADORA DA ADMINISTRAÇÃO

“Todos tivemos uma impressão confortadora da administração inteligente, profícua e incansável do governador Janary Nunes e da equipe de técnicos que o rodeia e auxilia. A gente sai convencido da capacidade dos brasileiros ao contemplar a obra material e moral realizada no Amapá. Tudo ali é sabidamente aproveitado e as construções novas são magníficas. Numa palavra: o progresso do Amapá superou a nossa expectativa”. (*Folha Vespertina* de 3-8-48).

AUTOSSUFICIÊNCIA

“O Amapá é autossuficiente em matéria de abastecimento, afirmou, para referir-se, em continuação, aos plantis que o governo territorial mantém, melhorando os rebanhos de gado bovino”.

“Em matéria de pecuária, têm sido animadores os progressos verificados no território do Amapá. Hoje, o Amapá possui bezerros superiores às matrizes importantes, valendo pesando mais do que bois de quatro anos”.

“Além de atender às necessidades locais, o Amapá abastece integralmente a cidade de Caiena e exporta excedentes de carne de gado”.

INDUSTRIALIZAÇÃO DO MANGANÊS

“O aproveitamento das riquezas minerais vem sendo realizado com vibração e lucros compensadores, especialmente a produção do manganês, que parece a exploração mais proveitosa e de lucros imediatos”.

“No entanto, declarou o Exmo. sr. Daniel de Carvalho, todo o manganês é exportado, parecendo-me que o governo deverá cuidar da industrialização local do produto, fabricando ligas de manganês”.

(A Província do Pará de 4-8-1948).

O SURPREENDENTE PROGRESSO DO AMAPÁ EM APENAS 10 ANOS

Dr. Edmundo Maia
Psiquiatra da Escola de Polícia

“Uma visita ao território federal do Amapá vale por uma recuperação de confiança na capacidade administrativa do homem público brasileiro, nesta hora amarga em que só se fala em desfalque, imoralidades e assaltos aos dinheiros do povo. Em dez anos de existência, o território conseguiu dispor, em resumo, do seguinte, para uma população de 50 mil habitantes: 106 escolas públicas, 8 grupos escolares, Escola Normal, Ginásio, Colégio Amapaense, Escola Técnica de Comércio, Escola de Iniciação Agrícola, Escola Industrial, Escola Doméstica, Conservatório, Biblioteca, Posto Agropecuário, hotel confortável, cinema moderno, matadouro modelo, olaria territorial, Aeroclube, parque, piscina, clubes esportivos, estádio, estrada de rodagem (estrada-tronco com 585 quilômetros e mais 100 quilômetros de ramais), estrada de ferro em construção. Diga-se de passagem, que todas essas obras são grandiosas, feitas para o futuro, após estudos e planejamentos. Não são obras provisórias ... obras feitas de afogadilho que acabam eternizando-se, como é comum; é comum no Brasil.

NEM MENDIGOS NEM DESOCUPADOS EM MACAPÁ

Em Macapá, capital do território, não há mendigos nem desocupados. A polícia controla inteligentemente o visitante. Caso não seja turista e não queira trabalhar, recebe logo a passagem de volta...

Durante nossa estada no território, em caráter oficial, mantivemos contato direto com a Diretoria da Saúde Pública e com a Chefia da Polícia. A polícia de lá é uma das mais bem pagas do Brasil. O chefe, tenente dr. Luiz Ribeiro de Almeida, pretende este ano instalar uma escola de polícia. Asseguramos-lhe que, dado o nível de ordenados (antes do novo salário mínimo, um guarda civil, da guarda territorial, casado, recebia cerca de Cr\$ 2.500,00!), o Amapá poderia dispor de uma polícia altamente selecionada.

Outra experiência que nos impressionou bem foi o regime de tratamento e trabalho observado no presídio. Os presos trabalham e ganham um salário, em parte recolhido ao Banco do Brasil. Assim, quando o detento obtém a liberdade, recebe ele próprio, naquele estabelecimento de crédito, o pecúlio a que faz jus. Os detentos casados têm o direito de residir com a família, em casas construídas no terreno do presídio. Dizemos terreno porque não vimos muros cercando alto a liberdade. Além disso, os presos podem executar serviços fora do estabelecimento na cidade! A nota curiosa é que os raros casos de fugas verificados partiram em geral de criminosos naturais de outras plagas.

ASSISTÊNCIA MÉDICO-SOCIAL

Merece destaque o serviço de assistência médico-social do território. O Hospital Geral de Macapá está instalado num amplo e moderno prédio e divide-se em: Centro de Saúde, Hospital (clínica e cirurgia), Maternidade, Isolamento, Posto de Puericultura, e Pavilhão Infantil, em construção. Dispõe de um total de 100 leitos, 30 dos quais na maternidade.

Diariamente encontram-se em plena atividade profissional 14 médicos de várias especialidades, 5 dentistas, um farmacêutico e uma equipe de enfermeiras, duas das quais formadas pela Escola Ana Néri, do Rio.

Três outros médicos trabalham na “assistência volante”, percorrendo zonas do interior. Estes são promovidos para a capital quando surgem vagas no Hospital Geral. Eis outra lição de justiça e de ordem no serviço público.

FUTURO ALICERÇADO EM BASES SÓLIDAS

É grande a riqueza mineral do território do Amapá. O território é detentor de uma das maiores minas de manganês do mundo, além de outras minas de cassiterita, tantalita, columbita e ferro.

A ICOMI, companhia mista (51% capital brasileiro, 49% capital norte-americano), está investindo 67,5 milhões de dólares na construção de uma estrada de ferro de 195 quilômetros e de um porto em Santana, especializado para o embarque de minério, na média de 20 mil toneladas de 4 em 4 horas! O pagamento desse investimento está previsto para o prazo de 10 anos. A companhia pretende empregar 2.500 homens; atualmente, trabalham ali menos de mil homens. A ICOMI só se interessa pela exploração de manganês. Outra companhia, a “York”, de dois brasileiros e um americano, dedica-se à exploração dos outros minérios. Basta isso para compreendermos que o futuro de Amapá está alicerçado em bases sólidas. E se atentarmos para o fato de o território ser dirigido por um homem trabalhador, dinâmico, de grande capacidade administrativa, como é o seu governador, sr. Janary Gentil Nunes, paraense de nascimento, mas brasileiro acima de tudo — chegaremos à conclusão de que, dentro de poucos anos, o território do Amapá se transformará num dos mais prósperos estados do Brasil”.

QUE A OBRA DE JANARY
NUNES SEJA UMA CARTILHA
CÍVICA PARA TODOS OS
BRASILEIROS

Adail Moraes

“A obra que Janary Nunes vem realizando no território federal do Amapá constitui um exemplo e uma lição para todo o Brasil. Só um espírito de profunda e inabalável consciência do dever que a todos os brasileiros incumbe cumprir em relação à Amazônia; só uma alta, edificante compreensão de que precisamos fugir ao imediatismo rasteiro e moralmente vazio, para vivermos, enfrentarmos e resolvermos os grandes problemas nacionais; só enfim, uma visão conjunta das prementes imposições de redenção econômica, social e cultural do nosso povo — imposições que significam a necessidade de estradas, escolas, hospitais, usinas elétricas, agricultura e, como condição fundamental, a disciplina consciente, o labor pertinaz — só, enfim, repito, um espírito assim, um Janary Nunes, poderia cumprir missão de tanta magnitude e valor patriótico. O Brasil precisa saber que este bravo soldado que hoje vemos combater em trajes civis, neste Amapá de possibilidades enormes, é um dos da guerra que estamos desfechando contra as tristes condições de atraso e abandono em que tem vivido a Amazônia Vasta, misteriosa, lendária e magnífica. Que a obra de Janary Nunes seja uma cartilha cívica para todos os brasileiros”.

(Deputado ADAIL MORAIS — (18-02-1954)

“ATAQUE EFETIVO POR PARTE DO GOVERNO AOS PRINCIPAIS PROBLEMAS DO POVO”

O dr. Luiz Leão, que visitou o território em 1954 disse ter encontrado no Amapá um mundo novo — educação, saúde, agropecuária e manganês

Procurando melhores impressões do dr. Luiz Leão sobre o território do Amapá, disse-nos S.S.^a:

— Senti-me confortado, na qualidade de brasileiro, ao verificar que no território do Amapá existe realmente um grande trabalho administrativo feito pelo governador Janary Nunes, trabalho este que empolga a todos os visitantes. O que notei na capital do território foi um ataque efetivo por parte do governo aos principais problemas do povo, como a educação, saúde e a ajuda ao desenvolvimento da agropecuária.

Fiquei admirado quando me cientifiquei de que 14 mil crianças recebem instrução nas escolas do governo sem nenhuma despesa para seus pais. Não poderá haver prova mais patente da eficiência de um governo.

UM MUNDO NOVO

Perguntamos ao dr. Luiz Leão se era a primeira vez que visitava o território, ao que S.S.^a respondeu: — Não, já estive no Amapá em meados de 1942. Como o quadro era diferente naquela época! O povo vivia num

regime de fome crônica, completamente abandonado. O que se via no Amapá naquela época era um povo anêmico, sem disposição para o trabalho, atacado de várias enfermidades.

Agora o quadro é deveras diferente — continuou o dr. Leão — a ação de Janary transformou o território num novo e deslumbrante!

O PROBLEMA DA MEDICINA

Sobre a parte de assistência médica quisemos saber qual a impressão do dr. Luís Leão, tendo este respondido:

— Como médico posso afirmar que o povo de Macapá tem uma assistência invejável. O hospital de Macapá é uma obra construída sob um planejamento bem feito, sendo a sua organização à altura. No hospital, que tem cem leitos, funciona ainda com regularidade, um intercâmbio contínuo com os outros centros do país.

Com carinho está sendo estudado, atualmente, o problema da cirurgia. Anexo ao hospital funciona o Serviço de Pronto Socorro, cumprindo em toda a linha as suas altas finalidades de assistência urgente. Podemos dizer ainda que nada está sendo esquecido no campo da Medicina, pelo contrário, encontrei Macapá completamente a par dos últimos progressos médicos.

IMPRESSÕES SOCIAIS

Sobre a vida social do povo, disse-nos o conhecido médico:

— Nada em Macapá foi esquecido pelo governo. A vida social é bastante desenvolvida, sendo uma injustiça deixar de frisar as ótimas instalações do Aeroclub e, do conservatório de música, pontos convergentes da população.

O conagraçamento social, a amabilidade do povo para com os visitantes é uma demonstração da afirmativa que fizemos de ser Macapá um mundo novo com uma verdadeira avalanche de progresso.

Terminado as suas impressões sobre o território do Amapá, o doutor L. Leão afirmou: “O Amapá tem um futuro muito promissor com o seu desenvolvimento agropecuário e suas minas de manganês, que, com os primeiros resultados, dará para pagar ao governo federal, tudo o que o mesmo já tem gasto naquele território. O pulso administrativo de Janary Nunes continuará, por certo, a incentivar o povo amapaense para que não haja solução de continuidade neste surto de progressos grandioso e de uma admirável obra”.

SOB A LINHA DO EQUADOR
FIRMAM-SE OS ALICERCES DE
NOVO ESTADO BRASILEIRO

Acentuado espírito de pionerismo e completa confiança animam o povo amapaense — educação, saúde, energia elétrica e transportes são os alicerces do plano de desenvolvimento do território — “o Amapá vai ser o São Paulo do Norte”

Morel M. Reis

Na qualidade de enviado da *Folha da Manhã*, da *Folha da Tarde* e da *Folha da Noite*, de São Paulo, esteve em visita ao território o jornalista Morel Reis, profissional de grande experiência e de projeção no cenário da imprensa indígena. Morel Reis observou, *in loco*, o trabalho civilizador iniciado em 1944, levando para o Sul do país uma visão panorâmica da realidade amapaense, sobretudo no que ela possuía de mais expressivo como administração colonizadora. Com fato e selecionado documentário fotográfico, escreveu uma série de três reportagens para a cadeia de jornais em que trabalha, focalizando sugestivos ângulos da vida territorial, analisando tudo de maneira honesta e objetiva. Transcrevemos a primeira reportagem, da série de três, escrita pelo ilustre periodista Patrício.

“Com cerca de 140 mil quilômetros quadrados de superfície e uma população de aproximadamente 37 mil habitantes, segundo dados do censo de 1950, evidentemente já superado, o território federal do Amapá, que acabamos de visitar, é um novo mundo que se abre ao homem brasileiro, no extremo norte do país, sob a linha do Equador, acenando com perspectivas promissoras que justificam a confiança com que ouvimos, de um cidadão de Macapá, a afirmativa de que “o Amapá vai ser o São Paulo do Norte”.

PLANEJAMENTO E CONTINUIDADE

Dois fatores, segundo observamos, tornam particularmente interessante o estudo do que se passa hoje no Amapá. O território, criado em fins de 1943, foi instalado em 25 de janeiro de 1944. Assim o Amapá vai comemorar 10 anos de existência no mesmo dia em que são São Paulo vê passar o seu quarto centenário de sua fundação. Nesses 10 anos, no entanto, o Amapá conseguiu um progresso que se pode considerar auspicioso, graças ao fato de que os serviços executados obedeceram a um plano geral de desenvolvimento das riquezas naturais e houve a continuidade administrativa assegurada pela manutenção do mesmo governador, o tenente-coronel Janary Gentil Nunes, um homem risonho e afável, que também sabe ser duro e demonstra em tudo — por atos e por palavras — uma determinação obstinada de elevar o Amapá à condição de estado e transformar os seus 140 mil quilômetros quadrados de superfície numa região economicamente ponderável no conjunto da economia nacional.

Estivemos no Amapá, percorrendo parte do território, a fim de colher as notas indispensáveis para uma série de reportagens sobre as suas possibilidades de desenvolvimento, as perspectivas de produção de manganês, borracha etc. em contato com o governador e seus principais auxiliares, em palestras com técnicos, populares, homens da cidade e dos campos ou das matas, pudemos formar um juízo do que ali ocorre e voltamos convencidos de que são realmente imensas as possibilidades da região.

O ELEMENTO HUMANO

Há falta de gente no Amapá. O elemento humano é escasso, tragicamente escasso. No entanto, existe uma compensação: a população aumentou de 78 por cento entre 1940 e 1950, em sua enorme maioria pela chegada de elementos vindos do Pará e do Amazonas, e os que foram para o Amapá o fizeram cientes de que no território não há lugar para quem não esteja disposto a trabalhar pelo menos quase tanto quanto o governador. Não há desocupados, vadios, malandros, no território. O mesmo espírito de luta e a mesma completa confiança no futuro animam os habitantes do Amapá. Todos estão firmemente convencidos de que a região será rica em futuro próximo, encaram com otimismo a tarefa a realizar e se mostram possuidores de um “espírito de pioneirismo” que deve ter existido, em condições diferentes, mas que se equivalem com as devidas alterações, no tempo em que São Paulo também tinha uma década de vida e começava vai minando o homem, é uma verificação surpreendente a de que o amapaense se mantém otimista e confia na terra.

OS PONTOS DE PARTIDA

Em largos traços, pode-se afirmar que o lançamento das bases da criação de um novo estado brasileiro, ao norte de Marajó, até o Oiapoque, obedece a um plano assentado na educação, na saúde, nos transportes e na energia elétrica. Outros problemas estão sendo examinados ou enfrentados: a exploração dos recursos minerais e da flora da região, a criação de “cinturões verdes” de abastecimento, a urbanização, o desenvolvimento de todas as fontes de riqueza que o território encerra. Assim, o Amapá inicia-se com grandes vantagens iniciais sobre a maior parte do país. Não correrá, por exemplo, o risco da devastação das suas matas para alimentar as ferrovias: a primeira Estrada de Ferro do Amapá, que será a do minério de manganês, contará com locomotivas Diesel-elétricas. A capital tem apenas cerca de 15 mil habitantes, mas já possui esgotos e água encanada, escolas, hospitais, posto de puericultura, mercado e outros serviços que constituem o núcleo de uma cidade moderna. As

ruas ainda são de terra, há centenas de casas velhíssimas e pobres, mas o que se faz de novo é bem feito e o essencial existe.

Quanto às condições de vida o clima é difícil para os homens do sul. No entanto, Macapá, que fica quase sob a linha do Equador, beneficia-se com as brisas do braço norte do Amazonas e oferece condições perfeitamente aceitáveis, sob esse aspecto. Os trabalhos de saneamento acabaram com a malária nas cidades. Em Macapá há menos “carapanãs” que são os pernilongos da zona, do que em muitos bairros de São Paulo. Em geral, nos núcleos povoados, a maleita está sendo energeticamente combatida e podemos considerar que, de modo geral, o estado sanitário da região é superior ao que se observa em numerosas outras regiões do país que já tiveram muito mais tempo para cuidar do saneamento.

UM PREVISÃO FÁCIL

Diante do que observamos, temos a impressão de que o Amapá, nos próximos anos, vai acelerar a verdadeira sucção de gente moça e disposta para o trabalho que já vem realizando na Amazônia. Terra nova, onde quase tudo está para ser construído, o território oferece oportunidade que o Amazonas e o Pará já não apresentam com a mesma abundância. Os moços governam o território, ocupam os postos-chaves, lutam e trabalham com um espírito de civismo que não exclui certa dose de sadia esportividade, e isso explica a previsão fácil: dentro de uma década o Amapá estará em condições muito diferentes das de hoje e começará a existir como fator econômico em nosso país. Basta que consiga maiores recursos do que o seu reduzido orçamento de menos de 100 milhões em 1953 — e isso acontecerá dentro de três anos, com a exportação em massa de manganês — e o território conhecerá um surto de prosperidade e progresso que acreditamos destinado a marcar época na história do país. A infância e a juventude que frequenta as escolas e recebe cuidados médicos, o desenvolvimento do plano rodoviário, os *royalties* do manganês poderão operar verdadeiros milagres naquela região. Criar-se-á, pelo que acreditamos, uma acentuada corrente migratória ascendente, do Nordeste para o Norte, e nascerá sob o Equador um novo estado”.

O AMAPÁ NO DOMÍNIO DA SAÚDE PÚBLICA E DA EDUCAÇÃO

Entrevista do professor Pereira Filho
concedida a reportagem do *Diário de
Notícias* — bem impressionado o ilustre
tisiologista com o que observou no Norte e
Nordeste do país

Prof. Pereira Filho

RIO, (Do correspondente) — O professor Pereira Filho, diretor do Serviço Nacional de Tuberculose, que recentemente realizou uma visita ao Norte e Nordeste do país, retornou a esta capital bem impressionado com o que pode observar em sua excursão. Falando à reportagem do *Diário de Notícias*, ao externar o seu pensamento acerca do Amapá, assim se expressou o ilustre Patrício:

“Ali sentimos de perto a atuação do governo, coronel Janary Nunes, nos domínios da Saúde Pública e da educação dos operários que trabalham nas minas de manganês. Foi uma verdadeira surpresa para mim encontrar em Macapá um serviço de urbanização altamente elogiável: esplêndidos traçados, serviços de esgotos e de água. Estivemos nos marcos da Linha do Equador e, bem perto dele, visitamos um horto florestal

que faz honra a nosso país. Há, ali, seringueiras, árvores frutíferas, etc., tudo isso visando a fixar o homem ao solo. Visitamos, também, a Fortaleza do Amapá, hoje transformada em monumento do herói da região, Joaquim Caetano da Silva”.

E, concluindo suas impressões sobre o Amapá:

— “Vim com esta convicção: se tivéssemos em todas as nossas fronteiras homens trabalhando pelo bem público como trabalha o coronel Janary Nunes, dentro em pouco bem diversa seria nossa situação atual. Isso demonstra, evidentemente, o acerto com que agiu o Governo Federal ao criar os territórios. Na cidade de Macapá vamos construir um sanatório com 50 leitos, destinado a defender as populações que afluem de várias regiões para o trabalho nessa zona. Também vamos organizar o Cadastro Torácico e a premunicação em massa pelo B.C.G”.

OPINIÕES SOBRE O AMAPÁ

Dr. João Batista Ferreira de Souza
Conhecido jurista e educador patricio

“Se a introdução do sistema dos territórios federais em nosso regime administrativo obedeceu, em um momento nacional de graves preocupações, ao pensamento de estabelecer de modo rápido e metodizado em as nossas zonas fronteiriças condições básicas, embora de início reduzidas, de uma organização social e econômica a fazer evoluir em sentido proveitoso aos interesses da economia do país e ao mesmo tempo à segurança dessas fronteiras, manda a justiça proclamar que esse inspirado ideal de patriótica brasilidade se acha realizado em alto grau e em promissor progresso eficiente neste território federal do Amapá.

O que aqui já se acha em realização concreta, constitui uma firme energia e decidida aplicação do programa de “sanear, educar e povoar” que as extensões desertas das ditas regiões estavam a reclamar. Propriamente nesta capital, a tradicional cidade de Macapá, instalada sob a proteção da sua modelar e histórica fortaleza colonial, essa realização se revela a qualquer espírito observador e desprevenido.

Conheci Macapá, núcleo insignificante de população não superior a trezentas almas, sem futuro e antes em evidente decadência, em um ponto marginal do Amazonas de escassa frequência de navegação, isto em 1893, e posso apreciar, o que é sobremodo edificante, a diferença entre o aspecto de então e o que hoje se me depara.

Lamento que, apresentando-se-me este registro de impressões, em hora tardia, pela urgência de meu regresso a Belém não seja permitido detalhar, com objetivo de comprovação, o que em menos de uma sema-

na pude conhecer de realizado, de em via de realização, e de planejado para pronta execução, tanto em Macapá, como, por informação, nos três vastos municípios do território. O aperfeiçoadíssimo aparelhamento dos serviços de saúde, a assistência médica à produção que em Macapá já ascende a seis mil almas, a imensa construção residencial, as largas estradas urbanas, de comunicação e de penetração para recessos longínquos, asseguradoras de sólidas vantagens econômicas, o desenvolvimento da agropecuária, que já efetuou duas belíssimas exposições e prepara uma terceira, um moderníssimo hospital completo nas suas instalações, um vasto posto de puericultura, são o que de principal me ocorre assinalar neste registro escrito às pressas. E todos estes serviços, têm à sua testa um pessoal de comprovada capacidade e dedicação aos seus deveres, o que resulta em uma força de eficiência merecedora dos maiores e mais justos encômios. E tudo isto se fez possível, porque o Governo Federal acertou na escolha do homem a quem confiou a criação prática ou a realização efetiva da obra legal que o território federal do Amapá deveria representar.

O espírito de unidade na cooperação de todos os elementos da administração amapaense, produtor de grande obra já realizada e em evolução, inspira-se no real dinamismo de Janary Nunes, brasileiro que soube e sabe ser brasileiro, e que conta entre os florões do seu abnegado patriotismo a grande, a imperecível obra de brasilidade que já é hoje o território federal do Amapá.

Honra a esse grande e benemérito brasileiro realizador.

Deixo aqui a S. Exa. o testemunho da minha reverente admiração.

*Macapá, 13 de julho de 1949.
João Batista Ferreira de Souza*

TODO O BRASIL ESTÁ CONVOSCO

Discurso do deputado Eduardo Duvivier,
representante do Estado do Rio, no
banquete oferecido pelo governo à
comissão

Sr. governador.

Devo à gentileza do dr. Leopoldo Peres e do dr. Agostinho Monteiro a felicidade de ter vindo até aqui à beira do majestoso Amazonas contemplar a sua beleza que me enche de entusiasmo. E é para traduzir este entusiasmo que eu por alguns momentos ocupo a atenção de vossa excelência.

A obra que estais a realizar, senhor governador, é uma obra de um alcance que só as gerações futuras poderão avaliar porque neste momento integra a nação brasileira um grande trato de seu território.

A geração moderna parece que esqueceu as lições dos seus antepassados, daqueles que conquistaram o Brasil e que estabeleceram nas suas linhas extremas os pontos de sua defesa, mostrando, assim, um sentimento de brasilidade ou pelo menos um sentimento de integridade territorial muito maior do que aqueles que os sucederam.

Represento na Câmara Federal, o estado do Rio de Janeiro e, por isso mesmo, vivendo ali a vida do litoral, tenho sentido bem o vício da nossa civilização, que é uma civilização que se faz de costas para o Brasil e com os olhos no outro lado Atlântico. Perdemos o sentimento de nossa nacionalidade porque todas as inspirações nós as procurávamos

no estrangeiro, procurávamos no além-mar, esquecendo esse território imenso onde uma população numerosa lutava, trabalhava, vivendo esquecida. Ao sentir isso, há muito que venho estudando os problemas da Amazônia e por isto, viajando pela primeira vez por estas paragens, não tive surpresa no que a natureza me ofereceu aqui, porque era aquilo que meus estudos me haviam feito imaginar. Mas tive, senhor governador, uma surpresa extraordinária na obra que estais realizando, porque o Brasil precisa antes de tudo desta integração de todas as partes de seu território, de uma consciência sempre inspirando os homens em toda a parte onde estejam.

Esta região é naturalmente agressiva pela própria exuberância de sua natureza. Mas o homem deve mostrar-se à altura dessa dádiva, deve saber reagir contra as dificuldades e criar em todos os quadrantes, aqui como no Brasil central, um ambiente onde se sinta feliz, onde possa viver e tenha a honra e a alegria de ser brasileiro. Mas, por isso mesmo, o brasileiro precisa ser amparado na sua saúde, na sua instrução, no seu trabalho, nesse trabalho que vem desenvolvendo com o abandono do Estado, lutando contra todas as adversidades, mas sempre amando seu torrão.

Acabo de visitar essa obra majestosa que é o Hospital, com sua maternidade. A significação que tem isto para o Brasil é imensa. Não se trata. É também de um grande alcance econômico qual seja o de garantir a todos aqueles que procurarem estas longínquas paragens um ponto de abrigo, um elemento que permita a todos os que quiserem vir labutar aqui a esperança de uma assistência segura.

Senhor governador.

É tempo de mudarmos essa política que só vê o litoral, que só aprende coisas de outros lugares. Tiremos das nações cultas os elementos que sua ciência nos pode fornecer, todos os ensinamentos que pudermos recolher, mas façamos a nossa política, a política do Brasil e esta só pode ser feita dando assistência ao homem do interior condições de meio e possibilidades econômicas, porque em um país como o nosso, retendo poderosos recursos, tudo está paralisado, permanecendo suas riquezas adormecidas quando o mundo sofre, o mundo reclama alimentos, suplica tudo aquilo que possuímos e temos incapacidade de fornecer não

só para nós como para o estrangeiro. Eles nos deveriam dar a máquina, elemento de progresso.

É essa a causa do meu entusiasmo pela obra que acabo de presenciar. E esse o sentimento reconfortante que sinto agora de ver como o Brasil se integra e encontra homens como V. Exa., que sabem dedicar-se, que sabem devotar-se, que sabem formar auxiliares que com o mesmo entusiasmo de V.Exa. vão trabalhando nesta selva, privando-se de uma série de comodidades, de vida mais confortável e, apesar disso, estão cumprindo uma alta missão.

Com esse entusiasmo senhor governador, é que vos dirijo a palavra para dizer-vos, como representante do estado do Rio, que todo o Brasil está convosco. Na Câmara dos Deputados, a Comissão Parlamentar que aqui se encontra, certamente fará tudo o que estiver ao seu alcance pelo Amapá, porque ela fará por um povo digno, por um povo forte, por um povo que tudo sofreu, mas que não descrê no Brasil.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO
DEPUTADO PLÍNIO CAVALCANTE
POR OCASIÃO DO JANTAR DANÇANTE
OFERECIDO NO MACAPÁ-HOTEL AOS
DEPUTADOS E JORNALISTAS QUE
VISITAM O TERRITÓRIO, EM 24 DE
JULHO DE 1947

Senhor governador:

Levo desta visita ao território do Amapá uma indelével recordação, notadamente de suas instituições de ensino. Observei também, senhor governador, o especial interesse e o esforço desenvolvido por vossa excelência para que se criem aqui favoráveis condições de vida econômica, fomentando a pecuária e a exploração dos minérios que são preciosíssimos, nesta viagem cuja realização devo à grande amabilidade de meu colega, o nobre deputado Coaracy Nunes, espírito dotado de um profundo sentimento construtivo e, sobretudo, possuído de inabalável fé e confiança nos destinos deste território.

Esta viagem, repito, trouxe para o meu sentimento de brasilidade uma contribuição realmente grande; imprimiu-me mesmo esse sentimento, forçoso é confessar e o faço com sinceridade. O Amapá não é mais uma expressão meramente geográfica. Ainda ressoa no meu espírito o que há pouco mais de três lustros se dizia em relação a esta mesma cidade: “Em Macapá tudo está por fazer”. Hoje, eis o milagre introduzido pela operosidade de um só homem: esta obra ciclópica de conquista política, econômica e social do homem da região e que está em grande parte realizada! E a quem se deve isso? Não serei eu, não serão meus companheiros de viagem que responderemos a essa pergunta: dou a

palavra à população de Macapá, em cujo coração e espírito pudemos constatar uma tocante manifestação de carinho que chega as ralas da consagração, apontando um homem, pronunciando um nome de invulgar personalidade de homem público e um brilhante oficial do glorioso Exército Nacional: capitão Janary Gentil Nunes (palmas).

Tenho para mim, senhores, que esta esclarecida e felicíssima administração tem sua explicação em dois atributos que se veem marcanamente na personalidade de um grupo que auxilia o governador do Amapá. O primeiro é esse penetrante espírito de reunião de auxiliares, qualidade indispensável para todo grande administrador, ele fez como o estadista e grande brasileiro, o conselheiro Rodrigues Alves, o maior presidente dos brasileiros; cercou-se a pessoa do administrador do Amapá de uma equipe de jovens auxiliares possuidores todos de uma profunda cultura especializada ou técnica e, sobretudo, possuídos todos de fé, patriotismo e ardente desejo de realizar.

Mas, pergunto eu, de que vale a escolha de excelentes auxiliares quando do chefe, do orientador, do dirigente, não dimana, para estímulo, para consecução da obra comum, confiança, exemplo de trabalho e, sobretudo, entusiasmo pela tarefa a ser realizada?

Ainda, senhores, há poucas horas, excursionando por esse rio, que não é rio, mas é um mar — o Amazonas — ouvi do exmo. sr. governador do Amapá, como revelação do seu carinho pelas coisas e pelo homem do Amapá, esta frase: “Aqui eu vivo inteiramente feliz”.

Esta frase, senhores e senhoras, desvendou-me o homem e, sobretudo, explicou-me a obra admirável de brasilidade que aqui se realiza porque nada se faz senão com grande entusiasmo. Senhor governador. Em nome dos meus companheiros da

Câmara Federal, — e, acredito, também representando, fielmente, o sentimento da tripulação da FAB e dos ilustres jornalistas que nos acompanham — agradeço, com o coração na mão, sensibilizado, esta hospitalidade afetuosíssima, generosa, bem brasileira e fraternal que aqui nos proporcionaram o sr. governador do Amapá, seus digníssimos auxiliares e a população de Macapá.

(Taquiografado por Antônio Gillet. Não foi revisto pelo autor).

O GOVERNADOR DE GOIÁS,
ENTREVISTADO EM BELÉM,
FALA SOBRE O AMAPÁ

O dr. Jerônimo Coimbra Bueno, governador de Goiás, concedeu à *Folha Vespertina* uma entrevista, à sua passagem por Belém, da qual transcrevemos os seguintes trechos de referência ao Amapá:

Inicialmente disse o governador Coimbra Bueno:

— “Trouxe do Amapá a melhor das impressões, sobretudo do esforço e da dedicação do seu governador. Admirei os seus auxiliares, um pessoal selecionado e que está perfeitamente integrado com a terra e com a acertada orientação do capitão Janary Nunes. E isso constitui, certamente, um dos fatores preponderantes da grande obra que ali é realizada”.

PECUÁRIA

Sobre o assunto, disse-nos:

— “Assisti, maravilhado, no Posto Agropecuária de “Fazendinha”, uma experiência da mais alta importância: foi a da adaptação das três principais raças zebu do país, isto é, Guzerá, Gir e Nelore. Essa experiência, que já temos em Goiás, pareceu-me confirmar a maior conveniência da raça, Nelore, por ser esta mais rústica e resistir melhor às condições locais”.

“Outra iniciativa — continua S. Exa. — de grande interesse econômico no território, é a relativa aos diversos tipos de capim destinados à alimentação dos rebanhos, e que dentro do espírito prático e objetivo do capitão Janary foi resolvido plenamente”.

VISÃO GERAL

— “Depois do que acabo de assistir no Amapá, embora durante poucas horas, posso concluir que este território, instalado há pouco mais de quatro anos, confirma o acerto de sua criação. E mais territórios deviam ser criados em zonas pioneiras do Brasil, cujo desenvolvimento só pode ser conduzido por meio de dotações substanciais. Não é concebível que em pleno século XX ainda existam regiões completamente desprezadas e onde vivem, em abandono, justamente aqueles que tiveram a coragem de enfrentar os sertões, tornando-se verdadeiros heróis da ocupação e posse de nosso território, do qual tanto nos orgulhamos. E, de uma forma ou de outra, urge que as terras de ninguém desapareçam do mapa do Brasil”.

OPINIÃO DE ESTUDIOSOS

EVOLUÇÃO DE UM TERRITÓRIO

Nunes Pereira

Então, Arthur Cezar Ferreira Reis, noutra síntese dos sucessores históricos da evolução do Amapá, aprecia o decreto-lei n.º 5.812, de 13 de agosto de 1943, do presidente Getúlio Vargas, que criou os territórios de Amapá, Rio Branco, Guaporé, Ponta-Porã e Iguazú.

E fácil seria compreender-se porque, não só no interesse da soberania nacional, mas da vitalidade daquele espaço amazônico, se impusera o ato do Governo da República.

No entanto, discutindo a criação dos territórios na Constituinte — segundo lemos na exegese da Constituição Brasileira de 1946, do desembargador José Duarte — diversos parlamentares puseram mais em evidência os motivos de ordem estratégica e de ordem política do que os de ordem econômica, que não podiam ser desprezados. E Ferreira de Souza, Gustavo Capanema, Ataliba Nogueira, Flores da Cunha, Argemiro de Figueiredo, Prado Kelly, Aliomar Baleeiro e outros se declararam francamente contrários a criação dos territórios. Ataliba Nogueira, por exemplo, definira a criação de novos territórios numa “absoluta excrescência em nosso regime de Estados Federais” ou “um atentado à autonomia dos Estados”, como aparteou Argemiro de Figueiredo. Aliomar

Baleeiro evocou até o caso do Acre porque “o caso do Acre é a maior prova da incapacidade administrativa da União”.

No que concerne a esse tema de redivisão administrativa, face à situação do Amapá, Arthur Cezar Ferreira Reis mostrou a orientação política do Poder Central português, cedendo ao imperativo geográfico pela aplicação de medidas “que eram de si, claramente, um caminho para o prosseguimento da divisão administrativa”. E, indo mais longe, depois de citar Paulo José da Silva Gama, Barão de Bagé, Dom Romualdo Antonio de Sei Aranha, Jerônimo Francisco Coelho, Honório Hermeto, Fausto de Souza, Tavares Bastos, fixou, de modo incisivo, o aspecto da defesa nacional, do motivo de ordem estratégica, que impusera a transformação da Costa do Cabo Norte em território federal, com este eloquente argumento: Havia a necessidade de uma política que procedesse à recuperação humana, cultural econômico da fronteira, vivificando-a, vitalizando-a. A expressão defesa nacional nem podia deixar de ter esse sentido”.

Criado o território federal do Amapá, por força desses imperativos, a nação lhe confiou o governo ao capitão Janary Gentil Nunes. Por seu preparo militar e por sua vocação de administrador, infatigável e objetivo, ele se recomendara aquela escolha, mas, em verdade, ele satisfazia, com suas virtudes cívicas, aos termos da legislação que incumbia a oficiais do Exército a direção dos territórios.

Visitando o território três vezes antes da criação e, mais recentemente, em agosto de 1949, isto é, sete anos depois; havendo, também, compulsado números documentos agora reunidos por Arthur Cezar Ferreira Reis ao fim do trabalho que ora apreciamos: conhecendo a sua história e, principalmente, a sua geografia, através de trabalhos de campo e viagens realizadas no seu litoral e no seu interior, não podemos deixar de reconhecer que o governo do capitão Janary criou novas perspectivas de valorização da terra e do homem do Amapá.

Não revelará o seu governo, de certo, nenhum gênio administrativo, mas a todos os seus atos preside um admirável bom senso, uma orientação condizente com os imperativos históricos e culturais daquele ângulo geo-humano da Amazônia. O seu contato com as realidades da unidade que confiaram, — do Amapá em particular, e da Amazônia em

geral, — autorizarm-no a marcar a sua obra como um símbolo de ação, de inteligência e de brasilidade.

Arthur Cezar Ferreira Reis, sem exageros de cronista oficial, salienta essa profícua e indiscutível ação do atual governo do território do Amapá, no campo da organização política, da divisão administrativa, da educação, da recuperação sanitária, da valorização econômica.

Não sendo da nossa feição a literatura do elogio, cabe-nos, porém, aprontar aqui três aspectos da ação do governador Janary Gentil Nunes, que a definem sobejamente.

O primeiro se liga à equipe de auxiliares de que se cercou, desde o início da sua administração, constituindo-a com um conhecimento particular dos seus valores, da sua operosidade e da sua honestidade. O segundo se liga à introdução e aproveitamento do material humano, na capital e noutros centros do território, promovido com a preocupação de seletividade e de eficiência. E o terceiro se liga à criação de FOCOS DE APÊLO ou ao aproveitamento, em bases científicas, dos que ali tinham expressão social e econômica pouco expressivas.

Filho do Pará, foi no seu próprio estado, nas camadas superiores do seu terreno cultural que buscou os elementos do seu primeiro secretariado e, depois, do que o sucedeu.

E ali mesmo foi buscar braços de operários e de trabalhadores rurais, não contornando, mas atacando o problema de imigração de maneira acertada, embora diversas das leis que a dirigem noutros centros de fixação do homem e da valorização da terra.

Não lhe cabia, porém, encaminhar massas humanas, quer para a lavoura, quer para o pastoreiro, quer para a mineração, antes de solucionar outros problemas imperativos da administração e da economia do território, tais como o problema sanitário, o problema do transporte, o problema da habitação, o problema da educação. Atacou estes e, paralelamente, o da formação de rebanhos e o da racionalização da lavoura.

Estudioso da História, foi na Amazônia e na do próprio território que, de certo, se familiarizou com os sucessos e os fracassos que assinalaram a sua evolução no campo econômico, no político e no cultural.

Desse modo ele pode encarar, com lucidez e oportunidade, os problemas da exportação do subsolo, mandando um técnico estudá-lo e

deixando de parte a aventura da garimpagem pelo aproveitamento de minérios de alto valor estratégico e econômico, como o ferro e o manganês, revelando, com essa atitude, haver compreendido uma das constantes mais expressivas da evolução da remota Capitania do Cabo Norte.

Nos diversos setores da ação que o governador Janary Gentil Nunes vem desenvolvendo, nós vamos encontrar, por isso, grupos de auxiliares diretos e de funcionários entregues às suas atividades, todos eles tomados de entusiasmo e de interesse cívico pelo desenvolvimento material e cultural do território.

Sente-se que, aqui e ali, há rivalidades de caráter político ou ideológico, como lençóis de água, fluindo subterraneamente, mas a energia e a inteligência objetiva do governador Janary Nunes os domina e os transforma na dinâmica do trabalho livre e verdadeiramente construtivo.

Demais, esse governador não fica, decorativamente, na moldura do Secretariado que o cerca, mas circula através de todo o território, identifica-se com os problemas da Unidade que lhe confiaram, percorrendo-a, conhecendo-a, estudando-a para traçar, depois, os seus planos de realizações.

No campo cultural, por exemplo, ele não só atrai artistas e homens de ciência para que influam diretamente na formação da mentalidade do povo, porém procura amparar as tradições, os costumes que são típicos daquele povo, que constituem o seu patrimônio folclórico.

A assistência à criança não se limitou, sob as vistas desse governador, à criação de uma maternidade ou de um posto de puericultura, mas a defendê-lo contra vícios sociais que, amanhã, possam irromper na vadiagem e na criminalidade infantil.

O perfil histórico do território do Amapá, traçado por Arthur Cezar Ferreira Reis não se afastou, como estamos vendo, dos sucessos que lhe marcam a evolução e dos que, na atualidade, se impõem como uma das maiores realizações do governo da república.

(Folha do Norte, de 14-9-1950)

O AMAPÁ ESTÁ REALIZANDO A MAIOR EXPERIÊNCIA DE SAÚDE PÚBLICA

Um hospital que será o melhor da
Amazônia — em dezembro, conclusão
do serviço de esgotos de Macapá

Marcolino Candau

Trecho da entrevista concedida à *Folha Vespertina*, de Belém, pelo diretor-geral do S.E.S.P.:

“Sabemos que se encontrava em nossa capital, depois de haver empreendido uma viagem ao território federal do Amapá, o dr. Marcolino Candau, superintendente do Serviço Especial de Saúde Pública, a nossa reportagem o procurou, hoje pela manhã, a fim de entrevistá-lo. Encontramo-lo em seu gabinete do SESP, na nova sede, à rua Santo Antônio, onde nos recebeu com delicadeza e atenção. Sabedor de nosso objetivo, o dr. Candau se pôs à nossa disposição, pronto para atender a qualquer solicitação de nossa parte.

INSPEÇÃO AS OBRAS DE SAÚDE PÚBLICA

Abordamos, inicialmente, aquele ilustre médico, a fim de saber o objetivo de sua excursão a Macapá, capital do território federal do Amapá. Disse-nos, em resposta, que tinha ido visitar as obras de saúde pública, especialmente o serviço de esgoto da cidade, que está sendo executado pelo SESP, com financiamento do governo territorial. Estendendo-se em considerações sobre a obra que o SESP vem realizando, adiantou que a mesma decorria normalmente, dentro do programa previamente traçado. Assegurou, em seguida, que daqui para dezembro, segundo previsões, os trabalhos ficarão concluídos, passando a capital do território a dispor de um serviço de esgoto perfeito.

EXPERIÊNCIA ÚNICA NO BRASIL

Inquirido sobre o que vira no território federal do Amapá, o dr. M. G. Candau declarou que visitara todas as instalações de obras relacionadas com a saúde pública, tendo a melhor impressão. O hospital de Macapá, que está praticamente terminado, no entender do nosso entrevistado, será, futuramente, o melhor estabelecimento hospitalar da Amazônia. Porém, mais do que o hospital, causou grande admiração a assistência médica prestada à população, disse-nos o seguinte:

— No Amapá se está fazendo a maior experiência de saúde pública, e talvez única no Brasil, em matéria de assistência médica. Toda a população, ricos e pobres, é atendida pelo governo. Os médicos trabalham num regime integral, de forma que todos são atendidos”.

A QUESTÃO É QUERER

Encontra-se nesta capital, para nossa edificação, a primeira remessa de estanho produzido pelo território do Amapá.

Ali estão, no armazém dez, do SNAPP, conforme constatação da imprensa de Belém e à disposição de quem as queira ver, sessenta barras, ou lingotes, de vinte e cinco quilos cada, somando uma tonelada e meia, de estanho, em trânsito para a capital do país.

Entrou, assim, o território do Amapá na fase da industrialização local, sua grande riqueza em minérios, estabelecendo sua área econômica em base de sólida prosperidade.

Já não há porque duvidar do governador Janary Nunes, que em quatro anos apenas de administração, de par com instalar dito território desmembrando do nosso estado, e cuidar a fundo dos problemas de edificação, saneamento, ensino, transporte, pecuária, lavoura e tantos outros, encarou dedicadamente o aproveitamento do potencial mineral, como garantia de um melhor padrão de vida para os habitantes e a administração pública, entregues, até então, à precariedade da indústria extrativa de produtos silvestres, com safras aleatórias e comércio colonial de exportação de matéria-prima, em qualquer assistência.

Firme nos seus elevados propósitos patrióticos, fora e acima das competições pessoais e subalternidades que o agrediam, o governador do Amapá, encetou paciente e áspero serviço de investigação e de avaliação comercial no setor mineral, e está apurando resultados compensadores do seu incomum e honesto esforço.

Utilizando previdentemente, técnica e capitais estrangeiros, delimitou jazidas de minério de ferro, que apresentam a capacidade de dez milhões de toneladas, insuficientes para exportação, o que determinou dita técnica e capitais desistirem de concorrer a respectiva exploração, mas bastantes para a siderúrgica regional em perspectiva de inversão de capital e técnica nacionais.

E o governo do Amapá prosseguiu na sua tarefa, estimulando a cata de outros minérios, e foi achando a tantalita, columbita, cassiterita, e o manganês abundantes e de alto teor, sem abandonar a exploração de ouro, que encontrou e intensifica.

Além das pesquisas técnicas da mineração, e de assegurar a compra e exportação dos minérios explorados pela iniciativa individual, incentiva empresas nessas atividades.

A cassiterita passou ultimamente a interessar, *in loco*, as empresas Diamante Tocantins e Mineração Apolo S.A., ambas com serviços organizados de extração do minério e exportação para o sul do país; a primeira, pretendendo industrializar a matéria-prima naquele território, ou em Belém, e a segunda, com fundição recém-instalada a cinco quilômetros da cidade de Macapá, e em plena produção, como mostra a sua primeira remessa, a que vimos de nos referir.

É abundante e de excelente qualidade a cassiterita no Amapá, e rara no mundo, sendo que no continente americano só existe ocorrência primária na Bolívia, que exporta a matéria-prima em bruto, e o mais são depósitos aluviais, de menor importância.

O Brasil importa estanho, cerca de mil toneladas anuais, havendo, portanto mercado interno amplo, e a justa satisfação da Amazônia, de poder supri-lo, sem precisar na fundição desse metal, de matéria-prima que não seja exclusivamente sua, inclusive o combustível, que é carvão vegetal forte.

Metal de aplicação variada e crescente, possuímos estanho para as necessidades nacionais, procedente do território do Amapá.

Agora, o governador Janary Nunes trabalha na capital do país com afinco, na incorporação de capitais, entre outras realizações para o aproveitamento do manganês, que pela sua quantidade e qualidade, será a maior fonte de renda pública e particular do território do Amapá, com benéfica repercussão no padrão de vida da Amazônia e na economia do Brasil.

(Transcrito do Jornal A Província do Pará, de 19-11-1947).

OPOSICIONISTA QUE SEMPRE FUI

Discurso pronunciado pelo deputado dr.
Lino Machado por ocasião da inauguração
do pontilho construído sobre o igarapé do
atalho na rodovia Macapá-Clevelândia

Meus Senhores.

É, na verdade, emocionante para um sertanejo como eu,
— pois sou sertanejo — falar aqui no Amapá, em meio a um buritizal,
árvore que viemos encontrando através desta magnífica estrada que está
sendo executada pela eficiência do atual dirigente do Amapá. É, repito,
na verdade, emocionante, para quem nasceu em meio do sertão, usar da
palavra neste ambiente familiar.

O buritizeiro é bem a árvore do viajante; árvore peculiar do inte-
rior de alguns estados, onde muitas vezes o viandante fatigado procura
abrigo e descanso, contemplando a sua figura através da água límpida e
cristalina dos igarapés, tão límpida e cristalina como é a consciência dos
jovens que estão empenhados na recuperação heroica deste território.

Meus Senhores.

Oposicionista que sempre fui — não quero dizer que por vocação,
— mas por circunstâncias sedimentadas nas inúmeras lutas em que
tenho tomado parte, senso que, em razão mesmo dessas pelejas, minha
palavra nunca se levantou para tecer elogios a um administrador. E eu
o faço agora com a viva e sincera espontaneidade que sempre imprimi
aos meus atos (muito bem!) Abro uma exceção, meus amigos, para
dizer-vos que o administrador do Amapá é um exemplo para todos os
homens públicos do Brasil.

E, certo que os meus primeiros cabelos brancos surgem e neles reponta a primeira alvorada da velhice. Eles, porém, nunca me tiraram o entusiasmo e jamais arrefeceram. Talvez, porque, vivendo de preferências em meio dos moços, já me sinto habituado a acompanhar caravanas como esta em que tomo parte, a que a presença de jovens como os jornalistas da capital da República vem dar brilho e vivacidade, durante estes dias que tem sido para nós de intensa alegria.

Devo assinalar com a emoção que aumenta a cada instante, que a minha surpresa, ante a imensidade do Amazonas, não foi maior do que a impressão que tive ao encontrar uma civilização nascente aqui no Amapá, em meio desta selva, quase ao final da bacia amazônica.

Eu vos convido, pois, senhores deputados, e companheiros de caravana, a trabalharmos pelo Amapá na Câmara Federal e propugnarmos por tudo o que vier beneficiar este território.

Senhor governador: meus cumprimentos pela grande obra que estais realizando!

(Taquiografado pelo Sr. Antônio Gillet. Não foi revisto pelo autor).

(Amapá — Macapá, T.F. do Amapá. 16-8-1947)

ENTREGA DO PROJETO DE LEI
ELABORADO PELA COMISSÃO
DE VALORIZAÇÃO DA
AMAZÔNIA

Discurso do deputado Agostinho
Monteiro, vice-presidente da Comissão

Senhor governador.

Acabo de receber uma ordem do meu distinto amigo Dr. Leopoldo Peres no sentido de divulgar aqui, publicamente, o projeto de Lei da Amazônia, para conhecimento do povo amapaense. Tomo a liberdade de não cumprir essa determinação, o que não representa absolutamente ou descortesia porque a justifico.

Da mesma forma que o meu digno colega Domingos Velasco, na minha carreira política, sempre permaneci no setor da oposição. Por esse motivo sinto-me perfeitamente à vontade para dizer o que penso sobre a magnífica administração do capitão Janary Nunes.

E para demonstrar o meu apreço, a minha admiração pela grande obra que aqui se realiza, tenho a honra de oferecer ao senhor governador do território — desobedecendo à ordem do ilustre presidente da Comissão Parlamentar, e a quem peço permissão para fazê-lo — o projeto de decreto que consubstância o amálgama das conclusões a que chegou a Comissão do Plano de Valorização do Vale Amazônico.

Porque sendo esse governo inteiramente dedicado ao povo, dando conhecimento ao povo de todos os seus atos, vivendo com o povo, por seu intermédio o povo deverá conhecer dos trabalhos da Comissão.

Na realidade não existe hoje, em nenhuma outra unidade da Federação, um governo como este, uma administração igual a esta, devotada aos interesses da coletividade, padrão de honestidade na aplicação dos dinheiros públicos e que por todos estes motivos deve ser apresentada como modelo.

Esta é a razão da minha desobediência, senhor governador. Peço-lhe, por isso, que aceite o projeto de lei elaborado pela Comissão Parlamentar de Valorização Econômica da Amazônia, porque, entregando-o a vossa excelência, a Comissão tem a certeza de que o está transmitindo à população deste território.

(Amapá — Macapá — T.F. do Amapá, 12-7-1947).

“NÃO POR PALAVRAS,
MAS POR AÇÕES”

Discurso do deputado Domingos Velasco,
no banquete oferecido pelo governo à
Comissão Parlamentar de Valorização da
Amazônia

Senhor governador.

Na minha longa vida pública raras vezes tenho tido oportunidade de tecer encômios aos homens que governam o Brasil. Por isso mesmo, quero aproveitar agora, precisamente um desses raros momentos da minha existência em que vejo o governante que é vossa excelência, cercado por uma equipe de auxiliares capazes, a promover o bem público neste território e realizar aquilo que nós, filhos de estados politicamente inexpressivos, julgamos que deve ser um mérito e uma honra dos dirigentes.

Sabe vossa excelência que eu não pertenço à Comissão de Valorização Econômica da Amazônia. Estou presente a este banquete integrando a comitiva presidida pelo nosso distinto colega, deputado Leopoldo Peres, por um especial convite que me foi feito na qualidade de presidente da Comissão de Pecuária da Câmara dos Deputados.

Mas eu quero dizer a vossa excelência minha opinião, como homem do interior que se tem esfalfado, em longos anos de vida pública, por pedir as vistas daqueles que conduzem os grandes estados, — e por isso mesmo dirigem a República — por isso pedir as suas vistas para os pequenos estados como Goiás e que, infelizmente, não alcançam nenhuma

atenção, senão depois de uma luta tremendamente feroz, conseguindo apenas migalhas, quando se distribui a mancheias aos outros.

Para uma Unidade pequena como é o território do Amapá, obter um auxílio, uma pequena importância, é mister que os seus representantes se ajoelhem diante dos poderosos, quando não levantem as suas vozes num protesto veemente de quem se sente espoliado.

Por isso, como filho de um estado pequeno, que em vários lustros tem pleiteado direitos, às vezes violentamente, lançado mão do protesto para obter o apreço dos dotentados, sinto que é um dever fazer esta apreciação, mesmo como pessoa desabituada a elogios, mas, ao contrário, afeita às lutas nas trincheiras da oposição e às prisões do Estado.

Um homem como eu, ao ver o que vossa excelência e seus brilhantes auxiliares fazem no território do Amapá, sabe bem o que representa o esforço para integrar esta região na Pátria Brasileira, elevando, sobretudo, o nível de vida de sua população sempre desprezada, criando escolas e hospitais, semeando uma consciência nacional, que é preciso que se forme em todas as fronteiras da República, para que o Brasil seja, politicamente, uma grande nação do continente americano.

Falo a vossa excelência fora do protocolo, para declarar aqui o que terei oportunidade de dizer na tribuna da Câmara: que nós não precisamos mais daqueles homens descrentes no futuro do país. Mas precisamos, ao contrário, de homens como vossa excelência e os colaboradores que o cercam, que vem para a gleba, para as paragens longínquas da Pátria, com a ânsia de construir um destino melhor, com a esperança viva no porvir de nossa Pátria e querem organizar e batalham realmente, não por palavras, mas por ações, para que o Brasil seja dentro de futuro próximo uma grande potencia mundial.

(Amapá — Macapá — T.F. do Amapá, 5-7-1947)

DOCUMENTÁRIO IMPRESSIONANTE

Arthur Cezar Ferreira Reis

Os relatórios das administrações brasileiras tem, geralmente, um sentido otimista que autoriza, de certa maneira, o ufanismo, moléstia que prejudicou profundamente o país, como igualmente o prejudicou aquela outra moléstia que foi o derrotismo. E isso porque os governantes tinham o terror pânico de esclarecer a opinião pública, confessando o nenhum êxito de certas providencias, o fracasso desta ou daquela orientação política, ou mesmo a existência vitoriosa de forças negativas, contrárias aos melhores interesses nacionais, forças contra as quais os homens de Estado não dispunham de elementos para agir, contendo-as, desarticulando-as, dominando-as.

Decorreu daí o povo, aos poucos verificando a falta de exatidão contida nas falas dos governantes, passou a olhá-las sem interesse, ou a identificá-las como peças em cujas páginas se amontoavam balelas, informações falsas, que não mereciam crédito. Os relatórios das nossas administrações, no ciclo republicano, diferindo profundamente dos relatórios do período monárquico, estas fontes preciosas para o conhecimento da evolução do Brasil em todos os setores, perderam, por isso, a importância que deviam possuir.

Quando me chegou às mãos o Relatório do primeiro ano de administração do capitão Janary Gentil Nunes, no território federal do Amapá, quero confessar que tive as minhas hesitações. Sabia o governador do Amapá um homem sério, grave, com uma preocupação de bem servir a

Pátria que o tornara uma dessas figuras que vão rareando no país. Embora, ali poderia estampar-se qualquer coisa daquele ufanismo doentio. E me vinha a dúvida: o capitão Janary diria a coisa como ela rudemente era, nada escondendo, tudo expondo sem rodeios?

A impressão que o “Relatório” me deixou, afirmo-o com toda sinceridade, foi a de que estava frente a um documentário sobre uma grande área do Brasil, área proposta em todas suas realidades negativas e em suas melhores perspectivas. Documentário que proporciona um panorama nítido de tudo quanto fora o Amapá e começa a ser, pela ação decisiva de uma equipe de pioneiros novos, dispostos a enfrentar a natureza hostil e a tradição negativa que, desde os idos coloniais, vinha pesando sobre a região.

Partindo do relato das condições existentes do território à hora de sua criação, fui penetrando na obra, reconstrutiva, que se esboça e se torna realidade. Recordei os princípios de minha terra, o Amazonas, quando um paraense, como o capitão Janary, o civil Tenreiro Aranha, que integrava a geração da independência nos destinos do Brasil, enfrentava o grande problema do estabelecimento da província. Tudo ali estava por fazer. O cometimento exigia pulso, vontade de bem servir, inteligência objetiva. E os fundamentos da província foram lançados com o êxito que permitiu o progresso posterior.

A tarefa que o capitão Janary, com sua equipe de novos, tem pela frente é, justamente, aquela do estabelecimento de uma unidade política estruturando-lhe o nascimento por uma atividade que envolve todos os campos. Porque, no Amapá, como no Amazonas de ontem, há que fazer tudo. Se nada havia que assinalasse a existência de poder político em função! Se o esforço de manutenção era um empreendimento isolado deste ou daquele habitante, que se não deixava aniquilar!

O “Relatório” a que nos estamos referindo precisa ser lido pelos brasileiros que tem fé na Pátria. Através suas páginas vamos encontrar o mundo de razões que levou o sr. Getúlio Vargas à grande providência da criação dos territórios. Através de suas páginas vamos encontrar, perfeitamente definida, a necessidade de manutenção dos territórios, que permitem a obra de vitalização das fronteiras, cuja condição social, econômica, política, precisava da seiva, que escorria no litoral, para

tornar-se parte útil da comunhão brasileira. Itinerário de trabalho, epítome de compreensão das possibilidades e da atualidade da região, o “Relatório” é um denso estudo monográfico que esclarece, que ensina, que proporciona um conjunto de conclusões, ao mesmo tempo que nos dá um mundo de motivos sociológicos para a caracterização de uma das grandes áreas brasileiras. Neste particular, um Gilberto Freyre, um Lin Smith encontrariam ali material mais abundante para seus tombos profundos acerca da formação e do crescimento social num dos espaços mais interessantes do Brasil. Porque o Território do Amapá, como se percebe do “Relatório” do governador Janary Nunes, é campo magnífico para os inquéritos no estilo dos que aqueles dois mestres realizam, objetivando o conhecimento da verdade, para os empreendimentos realistas.

O “Relatório” do capitão Janary Nunes, em consequência, ao invés de uma simples exposição ufanista, deve ser tido como documento impressionante.

Amapá — Macapá — T.F. do Amapá, (9-11-1946).

O TERRITÓRIO FEDERAL DO
AMAPÁ VISTO ATRAVÉS DE
OBSERVAÇÕES DO DR. PAULO
ANTUNES

Fala à *Folha* o diretor do programa do
Amazonas

A *Folha do Norte* de 23 de fevereiro publicou a seguinte entrevista:

“Há dias regressou do Amapá, até onde fora em viagem de observação, o dr. Paulo Antunes, ilustre diretor do Programa do Amazonas, do Serviço Especial de Saúde Pública.

— Diga-nos, doutor, qual o objetivo que o levou ao território federal do Amapá?

— Um convite muito cativante, do capitão Janary Gentil Nunes, para conferenciar sobre alguns problemas de Saúde Pública do referido território, e assentar as bases de uma estreita e eficiente cooperação entre seu governo e o Serviço Especial de Saúde Pública, levou-me àquela região.

— A sua primeira impressão sobre Macapá?

— Macapá apresenta de logo, ao visitante, uma patente demonstração da capacidade administrativa e larga visão com que o capitão Janary Gentil Nunes vem dirigindo aquela unidade da federação. No período de pouco mais de doze meses de sua administração, teve aquele ilustre militar a faculdade de transformar o aspecto geral da terra. São construções que se levantam em todos os lados da cidade de Macapá. Um hotel quase construído, dentro das exigências de sua finalidade. Os

serviços de água e esgoto, já em andamento. Um Grupo Escolar Modelo a ser em breve inaugurado.

Há em tudo uma atividade notável e febril. Não encontramos pelas ruas de Macapá indivíduos inativos. Toda aquela gente parece possuída de um mesmo desejo de realizar, de fazer alguma coisa em benefício da comunidade. Para todos os lados que nos voltamos, não chegamos a vislumbrar quadros outros.

Fizemos sentir ao capitão Janary Nunes o quanto aquela atividade nos impressionara. E ele prontamente retrucou, dando-nos uma explicação. Quando o novo governo ali se instalara, a situação não era a mesma. Mas em pouco tempo o novo governador estava em pessoa por todos os lugares onde transitava, convidando os que se encontravam parados, como que indiferentes ao que ia em derredor, a entrarem em ação. O momento exigia esforço coletivo contínuo para que a terra se reerguesse. O governo do território tinha trabalho para todos e a todos chamavam para enfrentar diretamente as duras realidades da situação. Não poderia haver transformação, a reabilitação que ali, terra e homem estavam a reclamar, se não houvesse uma ação conjugada, se não contasse o governo com a cooperação de seus governados. E assim operou a transformação que tanto nos surpreendeu.

É verdadeiramente dinâmico o capitão Nunes. Sua atividade é incessante e coordenada. A todas as horas vimo-lo em movimento, perquirindo, observando, determinado. Cercado de um grupo de auxiliares jovens e idealistas, todos possuídos do mesmo ideal e inteiramente identificados com a personalidade destacada do governador do território, vê-se, sente-se, que tudo caminha dentro dos planos predeterminados, conduzindo seguramente aos objetivos de interesse público.

E como é natural, essa atividade foi levada ao interior. Um serviço de transporte organizado pelo governo do território, faz chegar a todos os pontos as mesmas manifestações de fé, de dinamismo patriótico e realizador. Nos principais centros de população, postos de higiene e grupos escolares estão prestes a ser iniciados. E os demais problemas estão sendo cuidadosamente estudados para o projetar seguro de medidas com que possam ser enfrentados.

— E quanto ao abastecimento?

— O abastecimento do território está sob direto controle do governo que estimula e facilita a importação dos mercados mais fracos, verificando ao mesmo tempo as transações com o povo, a fim de evitar preços exagerados e injustificáveis.

— E o problema da saúde pública?

— O Departamento de Saúde, que tem à sua frente o dr. Pedro Borges, figura muito conhecida da nova geração de médicos paraenses, tem no momento a sua atenção voltada principalmente para o preparo de técnicos de todas as categorias, o que lhe vai permitir, dentro de algum tempo, a instalação já projetada de postos de higiene nas principais localidades do território. Está resolvida a construção, dentro de pouco tempo, do Hospital de Macapá.

Estas foram as características gerais que observamos no decorrer de nossa visita ao Amapá. Pelo que já está executado e pelas realizações que se deverão seguir, é evidente hão de vir para o progresso social e econômico do território.

Da fidalga acolhida que nos foi dispensada, guardamos a melhor das impressões. E daquela visita, que esperamos poder repetir com a frequência necessária, hão de surgir, por certo, os mais decisivos resultados para a cooperação entre o governo do Amapá e o Programa do Amazonas”.

SAUDAÇÃO DO PROFESSOR...

Professora Aracy Montalverne

Graças a Deus, ele voltou! — Discurso
proferido pela professora Aracy
Montalverne no dia 1-3-1951, em nome
do magistério primário do Território.

“Exmo. sr. cap. Janary Nunes, M.D governador deste território.

Quando é grande o momento, o espírito vacila entre a emoção e o entusiasmo, o cérebro se multiplica em mil pensamentos, e o coração pulsa mais apressadamente.

Eis o Grande Momento. Para todos os que vivem no Amapá, para o brasileiro patriota e sensato que compreende os altos problemas do país e as grandes responsabilidades que têm sobre os ombros um chefe de governo! O momento é de emoção, meus queridos patrícios, porque, finalmente, temos entre nós o grande chefe amigo, o transformador e o construtor do Amapá de hoje, o nosso governador sr. cap. Janary Gentil Nunes!

A vossa ausência, cap. Janary, para os seus verdadeiros amigos do Amapá foi um longo período de inquietações, apreensões, tristezas e desânimo. Porém nos intervalos dessas divagações, tínhamos dentro da alma, a certeza que v. exa voltaria, não por breves momentos, mas para trabalhar ao lado dos vossos amigos e com este povo, trabalhador e digno, para o completamento da obra edificante e gloriosa que v. exa, começou!

O nosso atual presidente, sr. dr. Getúlio Vargas, esse grande e Inconfundível brasileiro de quem sou pertinaz admiradora, desde 1930, mostrou mais uma vez, que é amigo do Amapá, da sua gente honrada e laboriosa, e mostrou também que é vosso amigo, porque olhando e analisando os resultados concretos do vosso trabalho, reconduziu V. Exa a conclusão do soerguimento desta feliz terra para onde V. Exa veio em 1944 trazendo nas mãos trabalhadoras e honestas as rédeas do governo!

Exmo sr. cap. Janary, V. Exa era esperado com ansiedade como pôde observar na apoteose neste cenário magnífico da manhã de hoje.

V. Exa era esperado nesta terra como o sedento de água espera em manancial à beira do caminho, como o viandante fatigado uma pousada à sombra de frondosa árvore!

Aos primeiros rumores da volta de V. Exa para o governo fez a cidade sorrir, e via-se mesmo expressões de alegria em todas as fisionomias, e as crianças como bando de pássaros despertados, corriam contagiantes de alegria pelas ruas da cidade, associando-se conosco e dando-nos quase certeza da vitória.

Capitão Janary, certa estou de que até mesmo o caboclo do Amapá, esse caboclo de quem falou V. Exa em eloquente e brilhante palestra, esse caboclo anônimo da beira dos rios, das hospitaleiras e rústicas palhoças, do centro das matas ou do alto das serras, ao ter conhecimento da feliz notícia, pousando a enxada, parando de remar, descansando na terra o machado lenhador, tirou o chapéu de abas largas que o tempo descorou, e olhando para os céus, cheio de respeito e de sinceridade, exclamou: graças a Deus, ele voltou!

E por que assim fez? Porque conhece o governador de sua terra que lhe visita, que vai saber das suas necessidades, que percorre todos os recantos do Amapá em excursões de observações para saber do que precisa e como vive a sua gente.

Cap. Janary V. Exa voltou para ajudar o alevantamento da Amazônia soberba e grandiosa, verde e misteriosa como as esperanças do futuro, desta Amazônia fabulosa e exuberante, hospitaleira e farta, em cujo seio corre rio do mundo, beijando as margens de selvas agressivas e maravilhosas, e que no mistério de seu bojo ora rugindo, rolando em

redemoinhos constantes, ora no marulhar surdino, ou na calma placidez das lagoas azuis, esconde riquezas fantásticas!

Capitão Janary, trabalhar pelo Amapá, eis o vosso desejo.

Vencer convosco eis a nossa aspiração!

Dentro de poucos momentos teremos que agradecer ao ilustre e preclaro presidente da República, a prova de amizade e consideração que teve com o povo do Amapá!

Tomai posse do vosso cargo, cap. Janary! Coragem sempre. Confiança em Deus e não estará longe o dia em que colocarei no escrínio de ouro a pedra preciosa que está nas vossas mãos, já transformada em joia fabulosa e rara: o Amapá! Que o Poder Supremo, a Força do Grande Arquiteto do Universo guiem sempre os vossos passos na vida terrena e que onde quer que V. Ex^a esteja, a vossa estrela brilhe entre as primeiras grandezas siderais! Avante, meus patrícios! Que não haja vencedores nem vencidos. Trabalhem todos num elo de fraternidade e de amor, em mútua compreensão dos nossos deveres, respeitando-nos e amando-nos reciprocamente, e veremos a concretização do grande Ideal — O AMAPÁ, grandiosa potência brasileira! ”

“VERDADEIRO EXEMPLO AO BRASIL”

Jornal Castelo

O Brasil inteiro olha o Amapá, como se mirasse num espelho e recebesse a imagem de um exemplo de progresso incomparável, da força de ação de homens intrépidos, de heróis que não fazem questões de títulos honoríficos — medalhas ou honra ao mérito —, preferindo continuar à parte, e que a sua única recompensa seja o trabalho honesto.

Homens de fibra, em que a paixão pelo trabalho é de uma vivacidade extraordinária, de uma sinceridade singular onde este punhado de destemidos conquistadores do Amapá, são verdadeiros veículos da civilização.

Amapá que na linguagem indígena significa “terra que se acaba”, possui homens que vencem a própria natureza, que enfrentam o Sol estorrecido do Equador, e com este Sol, o homem casou-se e acostumou-se com ele, recebendo do “rei astral”, a vivificação, a força de tornar esta terra que até 1943 vivia abandonada, no maior centro progressista do Brasil.

Entretanto, o que seria do Amapá milionário, se não fosse a ação dinâmica deste Hércules Amazônico, que é ten-*cel* Janary Gentil Nunes? Nada. Seria como os outros, vivendo num progresso desanimado, anêmico e envergonhado. Seria como os outros que caminham sempre paralelos com os desentendimento mútuo, que não possuem a força do engrandecimento e nem tão pouco a necessidade de ser “Grande”.

O governador Janary Nunes é um filho da Amazônia e esposou o Amapá. O seu lar, a sua estabilidade foi fixada há 10 anos, nesta terra

abençoada. Esta região em que a exuberância da sua riqueza, a grandiosidade da natureza sem par, onde o rio-mar e floresta verdejante são símbolos de grandeza, em que o homem se sente feliz, com uma força inevitável de vencer e por uma energia dada por este clima equatorial, é deveras alucinante, sedutor.

Este governador homérico que com seu trabalho grandioso, vem, de há muito desmentindo, destruindo esta verdadeira lenda, de que os nortistas nascem numa inércia incurável, numa indolência repugnante. No entanto, aí está o Amapá, uma fortaleza inexpugnável cujo comando está sob as ordens do ten-*cel* Janary Nunes, que repele e combate a descrença que se tornou um verdadeiro ídolo falso.

Figuras elevadas, nomes reconhecidos no campo político-cultural do Brasil, não se negam em afirmar, com uma sinceridade desinteressada, que: “Quem nos dera o Brasil possuir mais homens como Janary Nunes”.

A Amazônia querida, com sua floresta invejável, que numa união própria da natureza, em cujas entranhas possui riquezas imensuráveis, deu à luz a um filho — O AMAPÁ. Este Amapá, cujas elevações estão saturadas — bem podemos dizer — de manganês, ferro, cassiterita, ouro, diamante, etc. Esta região que fez com que o mundo ouvisse a profecia, a qual se transforma em realidade em que homens, não filhos do Brasil, gritaram com toda a força do seu saber, num entusiasmo ofertado pela natureza grandiosa: “Amazônia é o celeiro do mundo”.

E o Amapá será o primeiro depósito, o primeiro reservatório que alimentará todas as necessidades do mundo, graças à honestidade, à força dinâmica, à ação invencível do governador Janary Nunes, alma impregnada de patriotismo e de amor à terra e ao povo amapaense.

Os alunos do Colégio Padrão do território, entusiasmados pelo patriotismo e vitória alcançada, com a assinatura do contrato de construção da primeira Estrada de Ferro do Amapá, a qual será a artéria por onde escoará toda a riqueza amapaense, num devotamento todo especial e sinceridade desinteressada, saúdam a figura impar do ten-*cel* Janary Nunes.

Esta juventude sadia e entusiasmo pelo engrandecimento moral e intelectual, por esta aceleridade de progresso, que corre paralela com o esforço e boa vontade que todos nós ofertados. Esta mesma juventude,

em que o povo amapaense crê seja o sustentáculo, a substância que nutrirá o Amapá do futuro.

E nós, os estudantes, os professores e todos os que fazem parte do Colégio Amapaense, baluarte exemplar do ensino do território, numa só voz e num entusiasmo vibrante, possuindo nas suas palavras, a força que impulsiona o homem para o ápice da glória, num grito orgulhoso, fará com que esta novidade seja sempre “O futuro do Amapá”, para prosseguirmos na batalha heroica do engrandecimento do Brasil e do futuro ESTADO DO AMAPÁ.

*(Transcrito do jornal Castelo — Grêmio Literário e Cívico Rui Barbosa,
de 5 de novembro de 1953).*

MANGANÊS DO AMAPÁ

Parecer do Conselho de Segurança
Nacional
Secretaria-Geral

Nº 36

Rio de Janeiro, D.F.

Em 8 de junho de 1953.

Excelentíssimo Senhor Presidente da República:

1. O Tribunal de Contas, em sessão de 12 de maio p. findo, deliberou em face do processo “originado do Aviso nº 98, de 25 março último, do Ministério da Fazenda, relativo à alteração, por despacho do senhor presidente da República, do contrato de 6 de julho de 1950, celebrado entre o governo do território federal do Amapá e a Indústria e Comércio de Minérios S.A. — ICOMI, concernente à revisão do que foi celebrado em 6 de dezembro de 1947, para estudos e aproveitamento de jazidas de minério de manganês”, e bem assim do que acompanhou “o Aviso n.º 435, de 8 de abril do corrente ano, do Ministério de Viação e Obras Públicas, relativo ao contrato de 29 de março, celebrado por força do Decreto nº 32.451, de 20 de março de 1953, com a Indústria e Comércio de Minérios S.A. — ICOMI, para construção, uso e gozo de uma estrada de ferro industrial, no território do Amapá, ligando o Porto de Santana à margem esquerda do Canal Norte do Rio Amazonas às jazidas da Serra do Navio”, solicitar desta Secretaria-Geral a remessa de certidão das Atas concessões, na forma do artigo 180, da Constituição Federal.

2. A Estrada de Ferro e as jazidas e que se reportam os ofícios do Tribunal de Contas, estão localizadas fora da faixa de 150 kms ao longo da fronteira. Na conformidade de pareceres da Consultoria-Geral da República à inexistência de legislação, depois de 1946, reguladora da matéria contida no art.180 § 1º, esta Secretaria-Geral somente tem conhecido de questões pertinentes a terceiros ali situados. Esta Secretaria, porém, trouxe o assunto ao conhecimento de vossa excelência, ponderando pela conveniência do seu exame pelo Conselho de Segurança Nacional.

3. Vossa Excelência, na qualidade de Presidente do Conselho de Segurança Nacional, e tendo em considerações as duvidas suscitadas ao espírito de alguns dos Senhores Ministros do Tribunal de Contas, determinou de alguns dos Senhores Ministros do Tribunal de Contas, determinou a audiência dos Membros do Conselho, pela forma do art.2º, parágrafo único, do Decreto-lei n.º 9.775, de 6 de setembro de 1946, que diz:

“Art.2º — O Conselho de Segurança Nacional reúne-se, por convocação do presidente da República, sempre que este julgar conveniente”.

“Parágrafo único — O presidente da República pode ouvir o Conselho de Segurança Nacional, mediante consulta a cada um de seus membros em expediente remetido por intermédio da Secretaria-Geral”.

Assim foi feito, acompanhado o ofício de solicitação das seguintes peças por cópia:

- a) Ofícios da Presidência do Tribunal de Contas;
- b) Voto do senhor Ministro A. Alves Alvim, na sessão de 12 de maio p.p;
- c) Ata da sessão de 16 de agosto de 1947, do Conselho de Segurança Nacional, sobre a especificação das zonas indispensáveis à defesa nacional (Const. Art. 180 § 1º);
- d) Informação e resumo da legislação sobre o aproveitamento das jazidas de manganês da Serra do Navio, Região do Rio Amapari e considerações feitas pelo governador do território do Amapá.

Não foi incluída cópia do parecer do senhor procurador-geral do Tribunal de Contas, não só por ter sido transcrito em seus pontos essenciais no voto do Senhor Ministro Alvim, mas também, constar desse voto, que o referido parecer foi publicado no *Jornal do Comércio* de 12 de maio

passado, o que facilitava a consulta aos Senhores Ministros do Conselho de Segurança Nacional.

4. Os Senhores Ministros de Estado e os Senhores Chefes de Estado-Maior, em sua maioria, dividiram a matéria em duas partes. Aquela correspondente à necessidade da anuência do Conselho de Segurança Nacional, nos termos constitucionais, e a outra referente a construção da Estrada de Ferro e exploração das jazidas de manganês, para o desenvolvimento econômico e demográfico do território do Amapá e conseqüentemente, para a melhor defesa da região.

5. O Senhor Ministro da Educação e Saúde assim se expressou sobre o problema:

“6. Assim, preliminarmente, sou de opinião que a matéria escapa à competência do Conselho de Segurança Nacional e poderá ser objeto de exame naquele Tribunal sem a nossa audiência”.

“7. Se, todavia, não prevalecer a preliminar supra, que tenho como precedente, no mérito nada vejo, nas concessões em referencia, que possa afetar a defesa do país. Pelo contrário: a imediata exploração do manganês de Macapá irá, quanto antes, contribuir para enriquecer e, conseqüentemente, fortalecer o Brasil”.

6. O Senhor Chefe do Estado-Maior da Aeronáutica declara:

“2. Uma vez que, em lei ordinária, ainda não se limitaram as zonas indispensáveis à defesa do país, parece razoável que se continue a admitir, como primeira limitação, a faixa de fronteiras terrestres de 150 quilômetros de profundidade. A estrada a construir não atingirá nenhum ponto dessa faixa, não podendo, por conseguinte, constituir-se em pesadelo para os estrategistas da Segurança Nacional.

“3. A estrada levando o homem ao coração do território para lhe explorar as riquezas minerais e mantendo-o aí, na extração dessa riqueza, será fator positivo de segurança nacional pela fixação do homem ao solo onde hoje impera a selva; pelo transporte da riqueza para os centros de sua transformação e conseqüente robustecimento do poder econômico do país, fonte e base da estratégia da segurança nacional”.

7. Este, também, foi o ponto de vista do Senhor Ministro da Aeronáutica.

8. O Senhor Ministro da Justiça opina:

“4. O Tribunal de Contas já ordenou o registro do contrato celebrado entre o governo do território federal do Amapá e a empresa Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI) para os estudos e o aproveitamento das jazidas de manganês existentes no mesmo território (*Diário Oficial* de 8 de novembro de 1951 — págs. 16-525). A construção da Estrada de Ferro em apreço constitui uma das obrigações principais assumidas pela empresa concessionária do arrendamento das jazidas de manganês no contrato referido, tornando-se indispensável, para a execução do mesmo.

“5. Os territórios federais, criados em 13 de Setembro de 1943, pelo Decreto-lei nº 5.812, nos termos do art. 6º da Constituição de 1937, isto é, “no interesse da defesa nacional, devem promover a vivificação política, econômica e social das fronteiras, pelo saneamento, pela educação, pelo povoamento. Nada mais indicado para atingir esses objetivos do que facilitar-lhes os meios necessários à expansão de suas riquezas e à elevação do nível de vida de suas populações. O aproveitamento das jazidas de manganês do Rio Amapari, orientado pelo Governo Federal, é útil ao país e proporcionará consideráveis recursos para o desenvolvimento do território do Amapá.

“6. Em face do exposto, opino pelo assentimento do Conselho de Segurança Nacional à construção da Estrada de Ferro e à alteração do contrato em causa, já autorizadas pelo excelentíssimo senhor presidente da República”.

9. Do mesmo ponto de vista, o senhor ministro da Marinha declara-se de acordo com a construção da referida Estrada de Ferro e menciona os trabalhos realizados pelo seu ministério, de levantamento hidrográfico e balizamento do braço norte do Rio Amazonas (Canal de Macapá).

“Teve este Ministério o propósito de permitir a navegação franca aos navios de grande calado que irão transportar o minério de manganês ex-

traído pela ICOMI e conduzi-lo até o Porto pela Estrada de Ferro cuja construção ora se pretende”.

10. O Estado-Maior da Armada assim se expressa:

“1. Atendendo a solicitação de v. exa., sou de parecer que a construção de uma estrada de ferro industrial, no território do Amapá, ligando o porto de Santana, à margem esquerda do Canal Norte do Rio Amazonas às jazidas da Serra do Navio, não traz inconveniente à Segurança nacional uma vez que ela leitura dos documentos anexos ao ofício nº 335, de 23-5-53, desse Conselho se concluí:

a) que a localização da projetada Estrada de Ferro não fica dentro da faixa fronteira de 150 quilômetros, faixa essa que é a que se pretende estabelecer com medida de segurança à defesa nacional;

b) que a construção da mencionada Estrada de Ferro é essencial à exploração das jazidas de manganês como também muito concorrerá para exploração das jazidas de manganês como também muito concorrerá para o desenvolvimento da região a ser por ela atravessada;

c) que é ponderável o valor estratégico que adquirirá tal Estrada de Ferro para operações militares nessa região”.

11. O Senhor Ministro da Agricultura, depois de recordar que o assunto em discussão já foi plenamente apreciado pelo Conselho de Minas e Metalurgia, onde por lei estão representadas as Forças Armadas, manifesta-se de acordo com o parecer do Departamento Nacional da produção Mineral de que

“a matéria em apreço está isenta de apreciação do Conselho de Segurança Nacional, podendo assim o Tribunal de Contas prosseguir no seu exame”.

12. O senhor Ministro do Trabalho considera que a ferrovia está fora da mencionada faixa de 150 quilômetro da fronteira, e, assim, não haveria razões para audiência do Conselho de Segurança Nacional, e depois de se por de acordo com o voto do Senhor Ministro A.Alvim Filho, considera a apreciação do caso pelo Conselho como necessária

para afastar quaisquer dúvidas futuras. E assim, opina por uma reunião plenária do Conselho, expressando, porém, os grandes proveitos que resultarão para o país, da construção e exploração das jazidas de manganês aludidas, e construção da Estrada de Ferro.

13. Pela construção da via férrea em complemento à exploração das jazidas, diz o Estado-Maior das Forças Armadas:

“V — A Estrada de Ferro em apreço tem seu traçado integral fora da faixa de 150 quilômetros e constitui, por outro lado, uma iniciativa de grande repercussão no desenvolvimento econômico do extremo norte do Brasil. Ela é parte integrante do programa de exploração de jazidas de manganês que o Governo Federal, através de vários atos, tem procurado estimular; desse modo, constituirá a estrada em apreço um complemento essencial a esse programa de exploração já em franco progresso e graças ao qual se conserva o rápido desenvolvimento do território federal do Amapá.

“VI — julgo, pois, que, sem qualquer prejuízo para a defesa nacional, pode ser construída a via férrea de que tratam os ofícios de v. exa”.

14. Concordantes com este ponto de vista, estão o senhor chefe do Estado-Maior do Exército, o senhor Ministro da Viação e Obras Públicas, o Senhor Ministro das Relações Exteriores, os Senhores Ministros da Fazenda e da Guerra.

15. O Senhor Ministro das Relações exteriores tem sobre a questão as ponderações relevantes que seguem:

“o ponto principal da argumentação do procurador junto ao Tribunal de Contas reside numa pergunta: — é o território do Amapá zona indispensável à defesa nacional?” — E, geminado com esta, a pergunta subsidiária: A indústria de exploração de jazidas de manganês interessa à “segurança do país? ”. O critério de segurança nacional, depois da última guerra, é totalizador, segundo a opinião dos mestres mais consagrados da Geopolítica e da estratégia, dos Estados Unidos, Alemanha e França.

Ora, justamente porque é um critério, totalizador, mas dinâmico, importa que, para uma perfeita defesa nacional, estejam devidamente aparelhados todos os elementos de riqueza e de força de um país. Um *power*

politic, mesmo defensiva, impõe o aproveitamento, a longo prazo, de todos os recursos indispensáveis a defesa moderna. Entre esses elementos de defesa se encontra a exploração intensa dos recursos minerais, de maneira a permitir que o país acumule divisas e ao mesmo tempo disponha da matéria prima indispensável à defesa nacional.

Não é evidentemente com riquezas adormecidas no seio da terra que se defende uma nação. Ao contrário: é com sua exploração eficiente que se preparam os elementos necessários ao aparelhamento bélico industrial do país.

Ademais, os territórios federais, pelos fatos de serem “zonas indispensáveis à defesa do país” (Art.180) não poderiam ficar submetidos a um sistema antiquado de fiscalização militar direta, com interdição de aproveitamento dos seus recursos vegetais ou minerais. Seria então melhor que se lhes passasse à volta uma muralha altíssima, com bastiões, seteiras, fossos defensivos, dentro de cujo perímetro vivesse uma guarnição militar, alimentando-se de artigos importados, em vigilância ao assédio imaginário.

Não, não é essa a concepção moderna. Essa concepção quadraria no tempo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, capitão-general do estado do Grão-Pará-Maranhão, na época do Marquês de Pombal.

Que procura o governo do Amapá? Construir uma Estrada de Ferro industrial, ligando Porto de Santana, à margem esquerda do Canal Norte do Rio Amazonas, até às jazidas da Serra do Navio, para facilitar o escoamento do manganês do litoral. O Conselho de Segurança Nacional já declarou que as jazidas se encontram fora da faixa de fronteira, que é de 150 km. Ademais, devo dizer que, no Amapá, de 1922, figura uma estrada *monorail* que ligava os pontos de Daniel a Lourenço, no Rio Calçoene. Qual, pois, o inconveniente, o perigo latente ou iminente que possa existir para a segurança nacional no polígono do Amapá, se as autoridades procederem ao aproveitamento industrial de suas reservas minerais — e se estas se encontram longe da fronteira com a Guiana Francesa? Francamente não consigo descortiná-lo.

Justamente porque se cuida do progresso e do aproveitamento industrial de uma grande riqueza mineral existente no Amapá é que mais se resguarda, e de maneira efetiva, o conceito de “segurança nacional”.

Sou francamente favorável às providências que estão sendo tomadas para o aproveitamento industrial do Amapá, criando-se em seu território

uma riqueza ponderável, desejando mesmo que nos demais território federais — e a criação dos territórios federais foi obra acertadíssima para o desenvolvimento das regiões periféricas da fronteira, até então abandonadas ou entregues a um primitivismo administrativo — surgirem riquezas do porte do Amapá, cujo progresso tem sido extraordinário”.

16. Em conclusão, todos os membros do Conselho de Segurança Nacional manifestarem-se pela aprovação dos contratos, caso não seja adotada por vossa excelência a preliminar de não interferência do Conselho de Segurança Nacional por não se encontrarem os objetivos a que se reportam os contratos dentro dos 150 quilômetros ao longo das fronteiras terrestres.

a) Gen. Div. Aginaldo Caiado de Castro, secretário-geral. Secretaria Geral do Conselho de Segurança Nacional, Capital Federal, em 16 de julho de 1953.

Confere com o original. A) Eurípedes Ferreira dos Santos Junior, capitão-assistente.

MANGANÊS DO AMAPÁ

Parecer do Estado-Maior das Forças Armadas

Ofício n.º D-19.

Em, 2 de junho de 1953.

Do Chefe do Estado Maior das Forças Armadas.

Ao Exmo. Sr. Gen. Secretário-Geral do Conselho de Segurança Nacional.

Assunto: Parecer sobre requerimento (presta).

Ref. Ofs. n.ºs. 310 e 333, de 25-5-53, desse Conselho.

I. Apresso-me a responder aos ofs. ns. 319 e 333, de 23 do corrente, dessa Secretaria, no qual vossa excelência encarece o parecer urgente desta chefia, na qualidade de membro do Conselho de Segurança Nacional, sobre o contrato lavrado entre o Governo Federal e a Indústria e Comércio de Minérios S.A. (ICOMI), em fazer do Art. 180 da Constituição Federal que estabelece restrições a certas concessões, construções ou explorações nas “Zonas indispensáveis à defesa do país”.

II. Trata-se, no caso em apreço, da exploração de minérios de manganês da Serra do Navio, na região do Rio Amapari, Município de Amapá e da construção de uma via férrea ligando as jazidas de manganês e o porto de Macapá.

A dúvida, levantada pelo sr. procurador do Tribunal de Contas da União, está precisamente no registro do contrato de construção da referida estrada, que é, aliás, essencial à exportação do minério.

III. A Lei ordinária ainda não especificou, como prevê a Constituição, as “zonas indispensáveis à defesa nacional” nem as restrições que devem ser impostas a sua utilização, muito embora o assunto, já estudado pelo Conselho de Segurança Nacional, tenha sido encaminhado ao Poder Legislativo.

IV. O conceito de “Zonas indispensáveis à Defesa Nacional”, como tudo leva a crer, abrangerá as zonas que englobam ou possam vir a englobar, em futuro próximo, órgãos ou instalações militares permanentes (fortificações, bases militares, indústrias bélicas ou bases de apoio logístico) além de uma faixa fronteira que, principalmente, no caso particular do território do Amapá, não será, provavelmente, maior do que 150 km.

V. A estrada de ferro em apreço tem seu traçado integral fora da faixa de 150 km, e constitui, por outro lado, uma iniciativa de grande repercussão no desenvolvimento econômico do extremo norte do Brasil. Ela é parte integrante do programa de exploração da jazidas de manganês que o Governo Federal, através de vários atos, tem procurado estimular; desse modo, constituirá a estrada em apreço um complemento essencial a esse programa de exploração já em franco progresso e graças ao qual se observa o rápido desenvolvimento do território federal do Amapá.

VI. Julgo, pois, que, sem qualquer prejuízo para a defesa nacional, pode ser construída a via férrea de que tratam os ofícios de Vossa Excelência.

Apresento a Vossa Excelência os protestos de elevada estima e distinta consideração.

a) General do Exército Álvaro Fiúza de Castro chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

MANGANÊS DO AMAPÁ

Parecer do Estado-Maior do Exército

N.º 86-D

Secreto

2 de junho de 1953.

Do Chefe do Estado-Maior do Exército.

Ao Exmo. Sr. Gen. Secretário-Geral do Conselho de Segurança Nacional.

Assunto: Exploração de minério e construção de via férrea no território do Amapá.

Referência: Ofícios ns. 320 e 323 da 23-V-te, do CSN. Anexos: Os ofícios de referência com os respectivos documentos anexos aos mesmos.

1. De ordem do excelentíssimo senhor presidente da República, vossa excelência remeteu a esta Chefia a cópia de requerimento do sr. governador do território do Amapá (PR 34.195-53) solicitando informações da Secretaria do Conselho de Segurança Nacional, em face de disposições do art. 180 da Constituição Federal:

– Se a estrada de ferro, entre as jazidas de manganês da Serra do Navio e o Porto de Macapá, esta localizada em zona especificada em lei como indispensável à defesa do país.

– Se há inconveniência para a defesa do país na construção da referida estrada.

Vossa Excelência esclarece que o parecer desta Chefia servirá para a decisão do Exmo, sr. presidente da República, no exercício de alta função de presidente do Conselho de Segurança Nacional.

2. O Estado-Maior do Exército, inicialmente, para analisar o assunto, sob o aspecto da Segurança Nacional, tem que se louvar nas seguintes informações oficiais:

I. Desse Conselho de Segurança Nacional

“até o presente momento, a ação fiscalizadora do Conselho de Segurança Nacional, em atendimento ao art. 180, da Constituição de 1946, tem sido feita na forma do art. 165 da Constituição de 1937, que dilatou para 150 quilômetros o que havia prescrito no art. 166, da Constituição de 1934. Pedida ao Congresso Nacional, por Mensagem do Poder Executivo, numero 490, de 30 de setembro de 1947, a declaração das zonas indispensáveis à defesa da Nação, nos termos do art. 180, da Constituição de 1946, o projeto de lei enviado não obteve o andamento desejado. As concessões em causa não estão situadas na faixa dos 150 quilômetros citados.

II. Do governador do território do Amapá

A situação da estrada de ferro e das jazidas de manganês é a seguinte:

“A – não estão situadas na faixa de fronteiras, dentro do limite de 150 quilômetros (anexo nº 7);

B – achavam-se localizadas em zona que somente agora vem sendo desbravada, bem no interior do território;

C – o ponto mais próximo da fronteira com a Guiana Francesa não oferece nenhum meio de comunicação acessível, nem até hoje qualquer expedição atingiu a fronteira através do Rio Amapari;

D – o Conselho Nacional de Minas e Metalurgia, órgão técnico especializado no assunto, no qual estão representados os Estados-Maiores das Forças Armadas, examinou o contrato de concessão e não viu inconveniência para a defesa nacional”

III. Acrescenta este Estado-Maior que realmente a situação geográfica das jazidas de manganês na Serra do Navio e o traçado projetado da

estrada de ferro ligando essas jazidas ao porto de Macapá não se acham na faixa de cento e cinquenta (150) quilômetros ao longo da fronteira do território do Amapá, faixa esta delimitada e com restrição de concessões no art.166 da Constituição de 1934 e mantida no art.165 da Constituição de 1937, com ligeiras modificações de redação.

É incontestável que o desenvolvimento econômico e demográfico do território do Amapá constituirá o principal fator para a defesa mais eficiente do Canal Norte do Rio Amazonas e o porto de Macapá terá considerável importância nessa defesa.

Para abordar os aspectos essenciais do território do Amapá na defesa militar do país ter-se-á de recorrer à política brasileira da criação dos territórios federais.

Evidentemente, a criação desses territórios surgiu com as finalidades e imposições relevantes de Segurança do Estado.

- Defesa Nacional

Aparelhar a defesa militar do país de certas zonas consideradas de importância estratégica.

- Desenvolvimento Demográfico

Povoamento e nacionalização, isto é, tornar vivas as nossas fronteiras longínquas como meio de reação contra insidiosas ações de assimilação, com o desenvolvimento das populações brasileiras nessas regiões limítrofes com países estrangeiros.

- Desenvolvimento Econômico

Desenvolvimento econômico de regiões ricas, de grandes possibilidades e completamente abandonadas, principalmente sem recursos, e condições de vida própria e desprovida de vias de transportes para a circulação da riqueza, vida própria e desprovida de vias de transportes para a circulação da riqueza.

IV. A Conveniência ou não da exportação do minério de manganês do território do Amapá pelo Brasil é assunto discutível, porém temos que aceitar essa exportação como fato consumado, em face da concessão para sua exploração autorizada pelo Decreto-lei n.º 24.156, de 4 de dezembro de 1947, e a ratificação da revisão do contrato inicial com a ICOMI pelo Congresso Nacional (art. 6 da Lei n.º 1.235, de 14 de novembro de 1950).

V. Não resta dúvida de que a exploração e a exportação do minério de manganês do território do Amapá, trarão vantagens incontestáveis ao progresso desse território e mesmo, indiretamente, à defesa militar do país.

– Aspecto econômico

O Brasil será imediatamente beneficiado com o aumento de investimento de capital estrangeiro, compreendendo a sua inversão no equipamento mecânico necessário à exploração das minas, a construção e o aparelhamento da estrada de ferro projetada e do porto de Macapá para o transporte de minério.

Além disso, esse capital estrangeiro trará sensível repercussão na situação financeira do país com uma forte apreciável de divisas, uma vez que o movimento de exportação do minério poderá passar de 500.000 para 1.000.000 de toneladas anuais.

– Aspecto Demográfico e Social

O território do Amapá continuará a receber e dará trabalho a centenas de nordestinos fugidos das secas e de vítimas de enchentes do Amazonas, em consequência, povoamento do território e solução desse angustioso problema de caráter social.

– Aspecto de Equipamento do território

O Brasil não dispõe de grandes recursos financeiros para executar os planos de vias de transporte e o aparelhamento dos portos do território do Amapá.

A exportação do minério irá enriquecer o território do Amapá e aumentar as possibilidades de transportes com uma estrada de ferro de excelentes condições técnicas e um porto convenientemente aparelhado e de grande rendimento.

O desenvolvimento econômico e demográfico do território do Amapá terá grandes vantagens para a defesa do Teatro A (Amazônico) por isso que irá permitir, em melhores condições, a defesa do Canal Norte do Rio Amazonas.

3. Finalmente, à vista do exposto, esta Chefia é de parecer:

I. A Estrada de Ferro a ser construída entre as jazidas de manganês da Serra do Navio e o Porto de Macapá não está localizada na zona especificada em lei como indispensável à defesa do país.

Deve-se considerar também que não ficará situada dentro da faixa de 150 quilômetros ao longo da fronteira do território do Amapá.

No entanto, regulado o assunto da defesa militar do país, ainda se acha em pleno vigor o Decreto Secreto n.º 10.490-A, de 23 de setembro de 1942, cujos artigos essenciais se transcreve:

“Art. 1º É definida e delimitada a Zona de Guerra abrangendo, inicialmente, as águas do Atlântico Sul, compreendidas na faixa de segurança estabelecida na declaração do Panamá (decisão

XIV) aprovada em 3 de outubro de 1939 e dos seguintes municípios.

a)

b) No estado do Pará — Faro, Oriximiná, Óbidos, Alenquer, Monte Alegre, Prainha, Almerin, Mazagão, Macapá, Amapá e Gurupá, e mais todos situados entre o litoral e os de: Portel, Currálinho, Mocabuja, Acara, São Domingos do Capim, Irituia, Ourem e Vizeu (todos inclusive);

Art.3º A Zona de Guerra é subdividida em Subzonas correspondentes aos seguintes Teatros de Operações.

Teatro A (Amazônico) compreendendo: Amazonas — Pará — Acre e no RO de Mato Grosso.

II. A construção dessa Estrada de Ferro não trará inconveniência para a defesa militar do país.

a) Álvaro Fiúza de Castro, gen-ex., chefe do E.M.E.

MANGANÊS DO AMAPÁ

Parecer do Ministério das
Relações Exteriores

DF/7/577

2 de junho de 1953.

Exploração de minérios e construção de via férrea

Ofício n.º 312, do Secretário-Geral do Conselho de Segurança Nacional, versa uma questão de fato e uma questão de direito, muito curiosas, à luz do art. 180 da Constituição.

A questão de fato consiste no seguinte: desde 1946, vem o governo do território federal do Amapá tomando providências para o aproveitamento das jazidas de manganês existentes na Serra do Navio, na região do Rio Amapari, município de Macapá. Pelo Decreto-lei n.º 9.858, de setembro de 1946, tais jazidas foram consideradas “reserva nacional”, havendo sido conferida ao Conselho Nacional de Minas e Metalurgia a atribuição de propor as bases do seu aproveitamento e ficando o Governo Federal autorizado a contratar a exploração com entidades particulares ou de economia mista.

Surgiu daí, em virtude de uma concorrência entre empresas nacionais e estrangeiras a preferência dada pelo Conselho de Minas e Metalurgia à Companhia Brasileira Indústria e Comércio de Minérios S.A (ICOMI), cujas cláusulas foram aprovadas pelo Decreto-lei 24.156, de dezembro de 1947.

A empresa concessionária, cumprindo satisfatoriamente suas obrigações contratuais, conforme atesta o governador Janary Nunes em ofício

ao senhor presidente da República, despendeu até agora em estudos e pesquisas cerca de 80 milhões de cruzeiros, perfurando o subsolo, projetando a construção de uma estrada de ferro, de um porto, de instalações minerais e construindo as obras preliminares. Tudo isso subordinado à fiscalização continua do governo do território do Amapá.

Para levar por diante a execução deste programa, a ICOMI obteve, do *Export-Import Bank of Washington* um empréstimo de 67.500.000 dólares, devidamente aprovado pelo senhor presidente da República, conforme despacho proferido no processo PR-17.352-53 e publicado no *Diário Oficial*, de 11 de março de 1953.

Estes são os fatos

Vejamos agora a questão de direito, se é que realmente existe uma questão de direito.

O procurador do Tribunal de Contas levantou dúvidas sobre as a construção da Estrada de Ferro referida (aprovada pelo Decreto n.º 34.451, de 20 de março de 1953, em obediência às cláusulas de contrato autorizado pelo Decreto nº 28.162, de 31 de maio de 1950, e retificado pelo art. 6º da Lei n.º 1.235 de 14 de novembro de 1950 e registrado pelo Tribunal de Contas em sessão de 19 de janeiro de 1951), dependia de prévio assentimento do Conselho de Segurança Nacional, de acordo com o art. 180 da Constituição.

O ponto principal da argumentação do procurador junto ao Tribunal de Contas reside numa pergunta: — “É o território do Amapá zona indispensável à defesa nacional?” — E, geminada com esta, a pergunta subsidiária: A indústria de exploração de jazidas de manganês interessa à “segurança do país”?

O critério de segurança nacional, depois da última guerra, é totalizador, segundo a opinião dos mestres mais consagrados da Geopolítica e da Estratégia, dos Estados Unidos, Alemanha e França.

Ora, justamente porque é um critério, totalizador, mas dinâmico, importante que, para uma perfeita defesa nacional, estejam devidamente aparelhados todos os elementos de riqueza e de força de um país. Uma *Power politics*, mesmo defensiva, impõe o aproveitamento, a longo prazo, de todos os recursos indispensável à defesa moderna.

Entre esses elementos de defesa se encontra a exploração intensa dos recursos minerais, de maneira a permitir que o país acumule divisas e ao mesmo tempo disponha da matéria-prima indispensável à defesa nacional.

Não é evidentemente com riquezas adormecidas no seio da terra que se defende uma nação. Ao contrário: é com sua exploração eficiente que se preparam os elementos necessários ao aparelhamento bélico-industrial do país.

Ademais, os territórios federais, pelo fato de serem “zonas indispensáveis à defesa do país” (art. 180) não poderiam ficar submetidos a um sistema antiquado de fiscalização militar direita, com interdição de aproveitamento dos seus recursos vegetais ou minerais. Seria então melhor que se lhes passasse à volta uma muralha altíssima, com bastiões, seteiras, fossos defensivos, dentro de cujo perímetro vivesse uma guarnição militar, alimentando-se de artigos importados, em vigilância ou assédio imaginário.

Não, não é essa a concepção moderna. Essa concepção quadraria no tempo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, capitão-general do Estado do Grão Pará-Maranhão, na época do Marquês de Pombal.

Que procura o gdo Amapá? Construir uma estrada de ferro, industrial, ligando Porto de Santana à margem esquerda do Canal Norte do Rio Amazonas, até às jazidas da Serra do Navio, para facilitar o escoamento do manganês ao litoral.

O Conselho de Segurança Nacional já declarou que as jazidas se encontram fora da faixa de fronteira, que é de 150 quilômetros.

Ademais, devo dizer que, no mapa do Amapá, de 1922, figura uma estrada “monorail” que liga os pontos de Daniel a Lourenço, no Rio Calçoene.

Qual, pois, o inconveniente, o perigo latente ou iminente que possa existir para a segurança nacional no polígono do Amapá, se as autoridades procederam ao aproveitamento industrial de suas reservas minerais — e se estas se encontram longe da fronteira com a Guiana Francesa? Francamente não consigo descortiná-lo. Justamente porque se cuida do progresso e do aproveitamento industrial de uma grande riqueza mineral

existente no Amapá é que mais se resguarda, e de maneira efetiva, o conceito de “segurança nacional”.

Sou francamente favorável às providências que estão sendo tomadas para o aproveitamento industrial do Amapá, criando-se em seu território uma riqueza ponderável, desejando mesmo que nos demais territórios federais — e a criação dos territórios Federais foi obra acertadíssima para o desenvolvimento das regiões periféricas da fronteira, até então abandonadas ou entregues a um primitivismo administrativo — surgissem riquezas do porte da do Amapá, cujo progresso tem sido extraordinário.

*Rio de Janeiro, 29 de maio de 1953 — João Neves da Fontoura,
ministro das Relações Exteriores*

PALESTRA PRONUNCIADA PELA
PROFESSORA MARIA JOSÉ PONTES,
AOS ALUNOS DA ESCOLA ISOLADA DE
“QUEIMADA”, MUNICÍPIO DE AMAPÁ, POR
MOTIVO DA PASSAGEM DO ANIVERSÁRIO
NATALÍCIO DO EXCELENTÍSSIMO SENHOR
CAPITÃO JANARY GENTIL NUNES, 1º
GOVERNADOR DO TERRITÓRIO FEDERAL
DO AMAPÁ

Queridos alunos:

A data de hoje — 1º de junho — deve ser sempre lembrada, entre nós, filhos ou habitantes do Amapá, com um carinho todo especial: decorre o aniversário natalício do excelentíssimo senhor capitão Janary Gentil Nunes, primeiro governador do nosso território.

Isto — notem bem! — Não pelo simples fato de ter sido o capitão Janary o nosso primeiro governador; e sim pela maneira sobremodo brilhante e amiga como se houve nesse cargo, impondo-se à confiança, à admiração, à estima geral.

Dizer do que de grandioso ele aqui realizou no curto período de 5 anos; do seu devotamento ao Amapá, é tarefa que não ousa tentar. Mesmo, vocês, ainda não tem compreensão para apreciar a qualidade e o alcance dessa obra gigantesca.

Entretanto, — como por um princípio de justiça e reconhecimento — não poderíamos deixar transcorrer a data, sem uma homenagem, em nossa Escola, ao aniversariante de hoje, procurei falar de algumas das

suas mais notáveis realizações, particularmente daquelas cujos benefícios, vocês próprios, sem o saber, já estão usufruindo.

Para que melhor possam compreender a importância dos primeiros efeitos da benemérita administração do capitão Janary, torna-se mister estabelecer um ligeiro conforto entre o Amapá de agora e o de poucos anos atrás.

Os pais, as mães, os avós de vocês poderão contar, melhor do que eu, o que era isto por aqui, antes da criação do território; do abandono e do esquecimento em que viviam, entregues à própria sorte, a despeito da terra ser privilegiadamente rica e farta.

Quando, fora, se falava do Amapá, era como falar do inferno...

As cidades que hoje fazem parte do território, mesmo Macapá, não passavam de amontoados de ruínas, de agrupamento de casebres, sem luz, sem água, as ruas cheias de capim e de lama. Até aquelas que num passado não muito remoto haviam tido os seus dias de abundância, apresentavam-se no mesmo estado de decadência e sujeira, viveiros de toda a espécie de insetos.

Os meios de comunicação e transporte, inda para os centros mais próximos, eram dos mais precários.

As escolas, raríssimas; e somente nas sedes dos municípios, fora, portanto, do alcance dos moradores do interior. Além disto, primavam pela irregularidade. Funcionavam em pardieiros anti-higiênicos, sem o aparelhamento mais rudimentar, seguindo o método de ensino do princípio do século.

Assistência médica, praticamente não havia. Os reduzidos Postos de Saúde existentes tinham a dirigi-lo enfermeiros curiosos, que mal sabiam aplicar uma injeção, mas peritos em extrair pedaços de fígado de todos os mortos da redondeza, para fazer jus aos vinte cruzeiros, por quanto pagava o Serviço Federal de Combate à Febre Amarela. Via de regra, estavam vazios de medicamentos, até mesmo de quinino.

Daí, campearem livremente, por toda a região, a Malária, a verminose, o analfabetismo.

E não se resumia nisto o martírio dos amapaenses, mormente o dos pobres caboclos do interior. Viviam estes, num estado de semi-escravidão, inteiramente dominados pelos senhores da terra, pelos chefões

políticos que usavam e abusam do poder para as mais torpes explorações, fazendo a balança da justiça invariavelmente pender para o lado das suas conveniências.

Assim se explica como, ainda hoje, se depara tanta indigência e tanta ignorância. O caboclo amapaense já nascia doente, não tinha escola e, no seio dos seus semelhantes, ao invés de solidariedade humana, só encontrava quem lhe quisesse sugar o restinho das energias.

Esta seria, meus alunos, com pequenas variações, a sorte que aguardava a maioria de vocês, não fora a abençoada criação dos territórios e a providencial escolha do capitão Janary Gentil Nunes, para o seu overnador.

Observamos, agora, a transformação operada em apenas 5 anos.

Quando saltou em Macapá e ali instalou o seu Quartel General de Trabalho, já sabia o capitão Janary do que o esperava, de que, no Amapá, “tudo estava por fazer”.

Antes de vir como seu governador, já conhecia de perto a região, comandante que fora do Pelotão Independente de Fronteira, no Oiapoque. Sempre observador e estudioso, desde então inteirara-se das suas necessidades e dos jutos anseios dos seus filhos. Assim já trouxe os seus planos em ordem e sabia por onde começar.

Não perdeu tempo. Logo após a sua chegada foi dando início à memorável luta que, pela recuperação do Amapá, e pelo espaço de um lustro, haveria de sustentar, sem desfalecimento e sem trégua.

E, a partir dos seus primeiros dias entre nós, das suas providências básicas, habituaram-se os amapaenses a acreditar na sua sinceridade, na realização integral de todos os seus projetos. Nunca prometeu o impossível, nem milagres. E sempre fez mais do que prometeu.

Dentro de pouco tempo, já não era lícito a ninguém duvidar de sua invulgar capacidade de trabalho, da nobreza dos seus propósitos, do seu elevado senso administrativo.

O Amapá renascia a olhos vistos, ao impulso de sua vontade hercúlea.

As cidades, as vilas, ressurgiam, aumentavam, com novas ruas, novos edifícios, limpos, saneados, com luz elétrica, cinemas e os primeiros serviços para a instalação de água encanada e esgoto. Tudo — é preciso frisar — produto da ação do governo, porque as iniciativas particulares

ainda permanecem retraídas, embora não lhes falte, jamais, o decidido apoio do governador.

Os serviços de comunicação e transporte, indispensáveis ao progresso de uma região afastada como a nossa, foram prontamente regularizados. Estradas de rodagem, planejadas e celeremente iniciadas, não só com o fito de encurtar as distancias entre os diversos municípios, mas também para facilitar o ingresso ao interior e o seu conseqüente aproveitamento.

Dentro de pouco tempo já se poderá viajar de automóvel de Macapá ao Oiapoque.

Na pecuária e na agricultura, igualmente, cedo se fez sentir a influencia reanimadora do auxílio oficial. O produtor desiludido e acostumado a contar unicamente com os próprios recursos e o próprio esforço, passou a encarar o futuro com maior confiança, certo de que não mais estava só. Em suma, por toda parte e em tudo constatava-se o reflexo do entusiasmo e da atividade ininterrupta do nosso governador.

E “nada era feito de improviso”. Tudo, resultado de estudos, de acordo com as aspirações do povo.

Mas, onde ele superou a mais confiante e arrojada expectativa, onde ele mais cresceu no conceito dos amapaenses e de quantos tem visitados o Amapá, foi no seu programa de educação e saúde. Nele, pôs o capitão Janary toda a sua alma de patriota, todo o seu coração de idealista.

Seguindo o princípio de que sem saúde e sem instrução nenhum povo pode sobreviver e progredir, desvelou-se na solução imediata destes dois problemas magnos dentro do território. Convicto, também, de que “qualquer transformação duradoura na vida de um povo só será obtida eficientemente preparando as gerações novas” cuidou de modelar o amapaense do futuro.

Começaram a surgir em todos os recantos do Amapá escolas e mais escolas. Não só na capital e nas sedes dos municípios, onde foram erguidos suntuosos prédios para os Grupos Escolares, mas, também, nos lugarejos afastados e pobres. Hoje, do Jari ao Oiapoque, existem dezenas e dezenas de Escolas como a nossa, algumas ainda melhores, dotadas do mais moderno material, com merenda escolar e fornecimentos gratuitos, que vão do simples lápis ao fardamento dos alunos; todas com

o seu Curso Supletivo, noturno, para os que não podem frequentar as aulas de dia. Devemo-nos ufanar de que, no território federal do Amapá, atualmente, só não estuda quem não quer; quem prefere continuar a viver nas trevas do analfabetismo.

E, como as escolas, multiplicaram-se os Postos de Saúde, em prédios novos e apropriados, com as melhores instalações; dirigidos por médicos e dispendo de dentistas e enfermeiros, formados e eficientes, para atender ao povo em geral, sem distinção de classe ou posses. Os medicamentos mais raros, os produtos mais custosos passaram a ser distribuídos aos necessitados. Além disto, médicos, dentistas e enfermeiros começaram a viajar periodicamente pelo interior, pelo centro, para prestar assistência aos moradores, inspecionar as escolas, — como aqui tem acontecido — e, observar o estado sanitário dos trechos mais afastados.

O Hospital de Macapá, para onde, no futuro, serão encaminhados os doentes do território que necessitarem de tratamento mais apurado, está quase pronto e é qualquer coisa de impressionante e de perfeito.

Tudo — meus alunos, em cumprimento ao programa elaborado e dirigido pelo capitão Janary.

Por trás de todos os professores, médicos, dentistas, enfermeiros, por trás de todos os funcionários do território — do Mais humilde ao de maior categoria — está sempre a sua onipresente figura de lutador incansável, a nos incentivar no exército dos nossos deveres, confortando-nos, encorajando-nos, sempre a nos, sempre a nos exigir maior esforço pela grandeza do Amapá e pela felicidade da sua gente.

Muito embora já estejamos colhendo os primeiros frutos do seu trabalho fecundo, longe ainda está o dia em que poderemos compreendê-lo e apreciá-lo em toda a sua magnitude.

Quando, no Amapá, não mais houver analfabetos e o índice de doentes estiver reduzido ao mínimo possível, só então se poderá considerar a espécie de seara que o aniversariante de hoje cultivou entre nós.

Sadio e instruído, o amapaense de amanhã saberá encontrar o caminho da vitória e ser senhor do seu próprio destino.

E o Amapá se tornará um Estado da Federação Brasileira. Há mais de três meses, encontra-se o capitão Janary afastado do governo e longe de

nós. Foi a isto forçado por sua situação de militar. Entretanto, mesmo assim, não esquece o Amapá.

Na Capital da República, onde se encontra, continua a nos acompanhar com a mesma dedicação e a lutar, sem descanso, pela grandeza do seu território que tirou do nada e tão grande deixou. Meus alunos:

No princípio desta palestra, eu tive ocasião de dizer que vocês não têm, ainda, compreensão para avaliar a obra realizada pelo capitão Janary. Mas, tempo virá em que, mercê dessa obra, terão mentalidade bastante para apreciá-la como merece e bendizer o seu realizador.

Enquanto isto, vão-se acostumando a querê-lo, a admira-lo, a pedir a Deus pelo prolongamento de sua preciosa existência, para que muito em breve possa retornar à tarefa a que foi predestinado.

E, encerrando a nossa homenagem humilde mais sincera, ao devotado e nobre amigo que hoje aniversaria, ponhamo-nos de pé e saudemo-lo com uma vibrante salva de palmas — símbolo do nosso apreço e da nossa gratidão.

PRODÍGIO DO ESFORÇO HUMANO

Carlos Lacerda

A povoação de Macapá, que conheci há quase dez anos, quando na guerra a base aérea do Amapá fez voltar-se para o distante território algum interesse nacional, está hoje transfigurada. É uma cidade impetuosa. Seu governador, que se reformou no posto de coronel do Exército, para dedicar-se, por inteiro, ao território que plasmou com o seu esforço, teve a inteligência e o patriotismo de promover uma aliança de capital e técnica, nacional e americano, para o desenvolvimento dessa região que é fronteira em todos os sentidos, fronteira política com a Guiana, fronteira econômica de uma nação que só não cresce mais quando não a deixam crescer.

O que se faz, agora, no Amapá, em quatro meses, é obra para meditar-nos nestes três meses que nos separam de grande desgraça nacional que vai ser a eleição deste ano.

Acima de Macapá, em direção à selva primitiva, em demanda da Serra do Navio, onde ocorreram as descobertas do manganês, a Bethlehem Steel, em associação numa empresa nacional, a ICOMI, está realizando — mediante financiamento Internacional — um prodígio que dificilmente se pode descrever.

Para os embarques de manganês, que a partir de julho de 56 vão começar, deixando ao território do Amapá uma renda anual de Cr\$ 100 milhões, construíram americanos e brasileiros, associados, um “pier” de

concreto num cais cuja profundidade acostável dá para qualquer navio. Dali, em direção a Porto seguem duas estradas.

A ferrovia, em ativa construção, com máquina moderníssima para colocar os trilhos, manejadas por caboclos e mamelucos, visa a um total de 200 quilômetros em três anos, para tráfego pesado, de minério. Três locomotivas Diesel elétricas, de último tipo, já lá se encontravam. Cada dia avançam os trilhos.

A rodovia, aberta no coração da floresta, uma pista de rolamento de material — como por lá se diz, ocupa máquina pesadas, inclusive as Euclid, que apenas aparecem aqui pelo Sul, capazes, cada uma, de fazer o trabalho de oito ou mais caminhões. E à beira do rio, já no meio da mata derrubada em quatro meses, o acampamento dos trabalhadores e técnicos assombra e edifica.

Noventa por cento de desmatamento necessário à ferrovia — sessenta metros de faixa de domínio — e da rodovia, está realizado. Já cerca de 12% dos 366.000 dormentes necessários à ferrovia estão colocados. Um engenheiro brasileiro, responsável, veterano funcionário da Central do Brasil e produto genuíno da Escola Superior de Guerra, em colaboração com os técnicos americanos e mercê da extraordinária capacidade de aprendizagem e adaptação do trabalhador brasileiro, mais uma vez ali confirmada, leva por diante a tarefa colossal.

Cerca de 70% da terraplenagem está feito, representando o total um volume correspondente a mais de 4 milhões de metros cúbicos de terra — só para a ferrovia. Os edifícios de armazenagem, almoxarifado, oficinas, etc., no porto situado na boca norte do Rio Amazonas, construídos em ferro e aço, tem sobre as cobertas de eternite; telhas de matéria plástica verde que permitem a entrada da luz e isolam o calor do sol implacável da região. O tanque de óleo Diesel, para mais de 3 milhões de litros, está pronto. O de gasolina, para cerca de 800 mil litros, em fase de conclusão. O reservatório elevado, para abastecimento de 94.500 litros d'água, está pronto, e já 75% concluída a rede de distribuição. Oitenta por cento do serviço de esgotos — não estou enganado, escrevi esgotos está concluído. Grupos geradores de energia elétrica estão em construção, prevista uma expansão por novo grupo. Quase metade dessa obra está pronta.

Mas a maravilha são os acampamentos, especialmente o maior, que é o de Porto Platon. Ali, em papelão prensado, pré-fabricadas, estão as casas dos técnicos e trabalhadores e suas famílias. Lá encontraremos a loura cabeça dos guris americanos, e os meninos cor-de-chocolate e canela, cujo pais vem de todas as bandas da Amazônia e do Nordeste para a grande obra. Água corrente potável em todos os alojamentos. A piscina de água clorada, a dois passos da “jungle” inextricável, rasgada de meio a meio pela rodovia balizada pelas árvores que parecem pilares de catedrais e por plantas daquelas com as quais o Sr. Roberto Burle Marx renovou a paisagem urbana do Rio de Janeiro.

Na cozinha do refeitório, que tem a simplicidade dos acampamentos das bases aeronaves do tempo da guerra, um instrumental para dar inveja ao Bife de Ouro: máquina de descascar batatas, máquina de amaciar carne, os grandes frigoríficos que armazenam carne fresca para toda aquela povoação pioneira.

Muito para o sul, há poucos anos, além dos obstinados brasileiros que por lá viviam, esquecidos pelo Brasil, enjeitados da Nação, aventuravam-se apenas os traficantes de ouro em pó, descidos da Guiana Holandesa, falando um patuá ininteligível, com os seus chapelões de palha e os seus camisolões de balandrau. Hoje as crianças de Macapá têm orgulho do seu território. As casas brotam como por encanto, e a olaria local — trabalhada em grande parte por crianças que desafiam a Legislação do Trabalho, tão apregoada, labutando metade do dia útil e a outra metade frequentando a escola. Ao contrário do famoso Jeca, de Monteiro Lobato e Ruy, o povo esparsa na solidão amazônica tem uma comunicabilidade, um desejo cordial de se corresponder com o próximo que traz à janela todo habitante a ver quem passa, e faz da hospitalidade um prazer requintado. Pela estrada, os que cultivam a terra e os que lhe varam os espaços imensos dizem adeus a quem passa, como demonstrar que a cordialidade ainda existe entre estranhos que se reconhecem irmãos.

Sobre cada mesa, no refeitório simples e alegre, uma coleção de molhos, desde o do tomate ao de *picles*, ao “chill com carne” á “mayonaise” de vidro, o ardio de malagueta e as geleias dos Redentoristas de Santo

Amaro. Este pormenor bastará para dar ideia de que ali se processa uma revolução?

Espalhados pelas povoações que surgem e pelas estradas que nascem, os padres italianos. Moços de longas barbas, garantem a assistência espiritual que os heróicos dominicanos de Conceição do Araguaia e os franciscanos “ianques” de Belterra dispensam aquelas gentes estupendas que prolongam, no tempo e no espaço, o chão da Pátria.

A exportação do manganês é a causa imediata dessa reviravolta, desse salto sobre os séculos. Mas atrás dela, antes dela, está a vontade de alguns homens, simbolizada no patriotismo e na tenacidade inteligente de um homem, o governador Janary, cujo nacionalismo não está apenas no nome dos seus filhos — um dos quais se chama, em língua indígena, o que em português corresponde a “esta terra tem dono”, mas também se espelha na coragem e na determinação com que celebrou contrato com o capital e técnica dos americanos para o desenvolvimento do território.

Há tempos, nesta mesma coluna, condenamos duramente cláusulas abusivas existentes nas licenças de importação concedidas à ICOMI. Pois bem: o que dizíamos era tão exato que o governador Janary, só agora vim a saber, surpreendido com as revelações que aqui fizemos, fez suprimir os abusos que, aqui no Rio, haviam sido enxertados nas licenças. Hoje, expurgada desse senão, a formula da associação do capital e da técnica dos estrangeiros com os dos brasileiros, sob a regência da lei brasileira e da fiscalização de um homem honrado como é o governador do território, realiza o prodígio. O que o tornou possível foi o financiamento internacional. Os seus adiantamentos só começarão a ser amortizados pela exportação do minério, em quantidades rigorosamente estipuladas, de modo a não exaurir as reservas.

E tudo isto, em cerca de quatro meses concretizado, é obra de 1.581 homens, dos quais apenas 83 norte-americanos. As máquinas fazem o resto. E os homens verdadeiramente as dominam. Propositadamente não fiz referência a nomes. Creio que todos sentir-se-ão representados nesse autentico pioneiro que é o sr. Janary Gentil Nunes. Aquelas senhoras americanas que lá estão, algumas das quais foram para dentro da selva com seus maridos, e lá tiveram crianças e cuidaram das crianças alheias, e fizeram pequenos enxovais para os curumis recém-nascidos,

são personagens dessa epopeia equatorial — pois tudo, convém ter bem lembrado, e passa logo acima da linha do equador, celebrada no Amapá por uma espécie de mausoléu feioso que esperamos seja coberto pelas árvores plantadas ao ser redor...

Toda essa prodigiosa movimentação que dá vida e alento, selva e força a um povo inteiro, valoriza toda uma região esquecida e dormente do Brasil equatorial, e já suscita novos descobertos, de bauxita e de ferro, dá sentido às riquezas da mata inviolada, provoca a ocupação efetiva de território antes deserto e projetado, de fato, a grandeza nacional, dando-lhe conteúdo e razão de ser, é o resultado da aplicação da fórmula universal da cooperação de ambição e desinteresse, de realismo e idealismo, de técnica e imaginação, de colaboração internacional e de nacionalismo esclarecido.

(Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 28 de junho de 1955).

ÁLBUM DE IMAGENS



Janary em Brasília com o então
Presidente Juscelino Kubitschek



Janary com a primeira equipe
de governo



Janary Nunes e equipe em atividade governamental pelo
interior do Amapá



Presidente Getúlio Vargas e Governador Janary Nunes



Acima, em reunião com estudantes do Amapá;
ao lado, fazendo discurso.



Com a mãe e irmãos ao lado. Abaixo, com a primeira esposa Iracema Carvão Nunes e os filhos do casal.





Em cima, a chegada de Janary ao Amapá. Ao lado, com sua segunda esposa, Alice Déa Carvão Nunes.

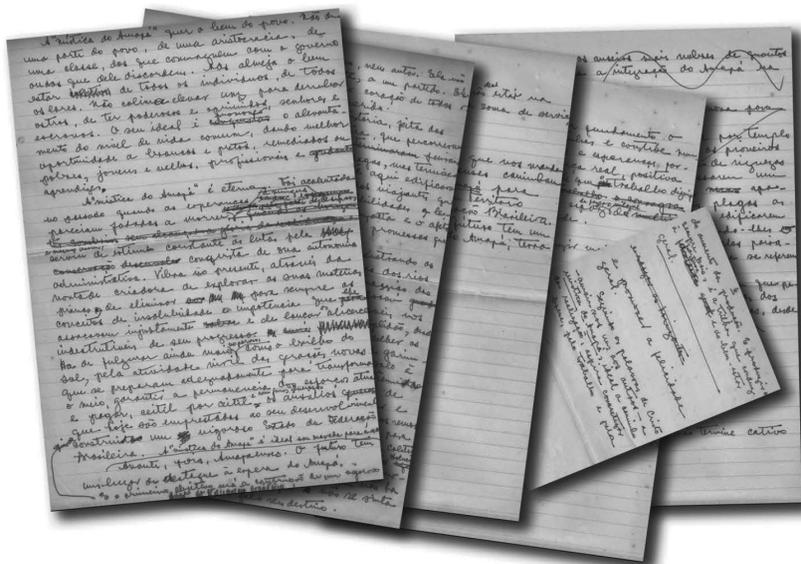




Acima, na embaixada do Brasil na Turquia; abaixo, à esquerda, em farda militar; e, à direita, inaugurando a escola Alexandre Vaz Tavares.



<http://porta-retrato-ap.blogspot.com>
johnil@gmail.com



Acima, os escritos originais do texto Mística do Amapá;
abaixo, com formandos da escola CCA.



<http://porta-retrato-ap.blogspot.com>
jofasit@gmail.com

A longa história do Amapá atingira um ponto decisivo em 1900, com a decisão da Confederação Suíça favorável ao Brasil. A região que estava em disputa foi incorporada ao estado do Pará. Depois da tentativa fracassada de criação do território do Aracari, foram criados os municípios de Amapá, com sede em Amapá, e Montenegro, com sede em Calçoene, que foram logo fundidos no município de Montenegro, com sede em Amapá. Macapá e Mazagão permaneceram como municípios.

No extremo Norte, a antiga Colônia Militar D. Pedro II foi transferida do Araguari para o Oiapoque. Era o ponto de afirmação da soberania. A ocupação efetiva começou quando o senador Justo Chermont conseguiu, em 1919, instituir uma Comissão Colonizadora do Oiapoque. Seguindo um modelo que já fora testado por todo o Brasil, construiu-se o Centro Agrícola de Cleveland, Clevelândia, dando-se o nome em homenagem ao presidente norte-americano. A 5 de maio de 1922 inaugurou-se a vila, já estando em funcionamento escola e hospital. Mas logo a região se tornou num lugar de desterro e confinamento de presos políticos e comuns.

A situação precisava evoluir. É assim que, a 13 de setembro de 1943, pelo Decreto-Lei nº 5. 812, foi criado o Território Federal do Amapá. Limitava-se pelo Atlântico, pelo Amazonas, pelas fronteiras com as Guianas Francesa e Holandesa, pelo Jari até a fronteira. Era, de certa maneira, a recuperação da área da Capitania do Cabo do Norte. Dividia-se em três municípios: Amapá, Macapá e Mazagão. A capital era Amapá.



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL 